

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

JULIANA APARECIDA CANTARINO TOLEDO

**O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO PROCESSO DE RE-
TERRITORIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS
DOS JOVENS EVANGÉLICOS DO RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS – JUIZ
DE FORA - MG**

JUIZ DE FORA

2017

JULIANA APARECIDA CANTARINO TOLEDO

**O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO PROCESSO DE RE-
TERRITORIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS
DOS JOVENS EVANGÉLICOS DO RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS – JUIZ
DE FORA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Professor(a) orientador(a): Clarice Cassab

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino.

O papel das igrejas evangélicas no processo de re - territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do Residencial Parque das Águas - Juiz de Fora - MG / Juliana Aparecida Cantarino TOLEDO. -- 2017.

113 p. : il.

Orientadora: Clarice CASSAB

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2017.

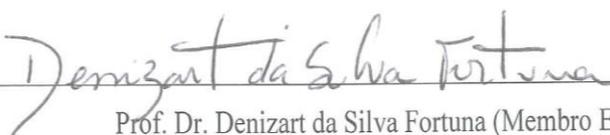
1. Juventude. 2. Território. 3. Identidade. I. CASSAB, Clarice, orient. II. Título.

O PAPEL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO PROCESSO DE RE-
TERRITORIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES
TERRITORIAIS DOS JOVENS EVANGÉLICOS DO RESIDENCIAL
PARQUE DAS ÁGUAS JUIZ DE FORA/MG

JULIANA APARECIDA CANTARINO TOLEDO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Área de Concentração Espaço e Ambiente, linha de pesquisa Dinâmicas Sócio-Espaciais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31 / 08 / 2017



Prof. Dr. Denizart da Silva Fortuna (Membro Externo)
Universidade Federal Fluminense



Prof.ª Dr.ª Clarice Cassab Torres (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Paulo Cesar Pontes Fraga (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Devo tudo isto ao meu pai e minha mãe, que sempre sonharam com um futuro diferente do deles para mim, e que de certa maneira acabaram me projetando aqui. Especialmente a minha mãe pela compreensão em inúmeras vezes dar a atenção que eu não podia dar a minha filha Helena, pois eu me debruçava nas tarefas da pesquisa.

Também a minha orientadora e professora Clarice Cassab, pelas exigências desde a minha experiência como bolsista de pesquisa e, especialmente, pelo respeito ao meu tempo de escrita, na maioria das vezes ditado por Helena.

A minha filha Helena, hoje com um aninho de vida. Foi especialmente por ela que eu me esforcei e abdiquei de muitos momentos desse seu primeiro ano, para dar seguimento a este trabalho.

Ao meu companheiro Tiago, que há tempos vem me dando todo o apoio nos momentos de aflição e angústia e que tem me acompanhado nos momentos de felicidades também.

Às minhas amigas: Andreia, Erika e Rayssa, nessa ordem. Por me ajudarem sempre que precisei, pelas conversas, pelo carinho. A todos os jovens da igreja “Jesus Cristo a Única Esperança” e seus líderes, pelo acolhimento e contribuições para o andamento da pesquisa.

Aos professores Juliana Mendes e Paulo Fraga, que de prontidão aceitaram fazer parte da banca de defesa desta dissertação.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender de que maneira os jovens evangélicos residentes no Parque das Águas - empreendimento edificado pelo Minha Casa Minha Vida na cidade de Juiz de Fora – tem tramado a construção das identidades territoriais com o novo local de moradia em razão de sua opção religiosa. Seu objetivo é desvendar o papel das igrejas evangélicas no processo de constituição dessas identidades, tendo em vista o seu significativo número e a expressiva presença de jovens. Assumindo o caráter múltiplo e plural da juventude, para fins dessa pesquisa optou-se por trabalhar com os jovens evangélicos residentes no empreendimento. Neste texto, esforça-se em discutir a categoria juventude, buscando, inicialmente, traçar um panorama sobre o seu transcorrer ao longo da história, para posteriormente, dar a ela o caráter múltiplo e, especialmente, traçar o perfil da juventude aqui discutida. Para o entendimento acerca do processo de construção das identidades territoriais, busca-se aqui o entendimento do conceito de território, fazendo a opção de trabalhar com a formulação de território não somente como relações de poder, mas enquanto apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social. Porém, cuida-se também em constituir uma discussão acerca do conceito ao longo da ciência geográfica. O esforço também se deu em descrever o residencial Parque das Águas e seus entraves físicos e sociais, bem como traçar um perfil como campo evangélico brasileiro e, em especial, o significativo número de igrejas evangélicas de origem pentecostal instaladas no empreendimento. Houve, ainda, um cuidado em traçar um perfil da igreja evangélica na qual se deu a pesquisa com os jovens e, por fim, volta-se para o momento de análise das entrevistas realizadas com a juventude evangélica, culminando no entendimento acerca do processo de re-territorialização dessa juventude em sua relação com o universo religioso no qual se insere.

Palavras-chave: Juventude. Território. Identidade.

ABSTRACT

This work aims at understanding how evangelical young people, living in Parque das Águas – an enterprise built by Minha Casa Minha Vida in the city of Juiz de Fora – have had the construction of territorial identities with the new place of residence due to their religious choice. Its purpose is to uncover the role of the evangelical churches in the process of constitution of these identities, in view of their significant number and the expressive presence of young people. Assuming the multiple and plural character of youth, for the purpose of this research it was chosen to work with young evangelicals residing in the above-mentioned enterprise. This text endeavors to discuss the youth category, seeking, initially, to outline its path throughout history, and then, give it its multiple character and, in particular, to outline the youth profile discussed here. In order to understand the process of construction of territorial identities, the aim is to understand the concept of territory, making the choice to work with the formulation of territory not only as relations of power, but as an appropriation resulting from the imaginary and/or social identity. However, it is also a question of constructing a discussion about the concept throughout geographic science. The effort was also made to describe the residential, Parque das Águas, and its physical and social barriers, as well as to outline a profile as a Brazilian evangelical camp and, in particular, the significant number of evangelical churches of Pentecostal origin installed in the enterprise. Care was also taken to trace the profile of the evangelical church in which the research was conducted with the young people, and finally, turning to the moment of analysis of the interviews conducted with the evangelical youth, culminating in the understanding of the process of Re-territorialization of this youth in its relationship with the religious universe in which they are inserted.

Keywords: Youth. Territory. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	R.U. de origem das famílias atendidas pelo programa Minha Casa Minha Vida – Parque das Águas.....	42
Figura 2-	Residencial Parque das Águas logo após sua inauguração	44
Figura 3 -	Praça do Parque das Águas – 2017	45
Figura 4 -	Equipamentos e serviços presentes no Parque das Águas	47
Figura 5 -	Localização dos pontos de pregação evangélicos no residencial Parque das Águas – fevereiro de 2016	57
Figura 6 -	Localização dos pontos de pregação evangélicos do parque das Águas - março de 2017	58
Figura 7 -	Igreja – Parte interna do salão	61
Figura 8 -	Faixa da Igreja “Jesus Cristo a Única Esperança” no Parque das Águas	61
Figura 9 -	Coreografia apresentada pelas jovens durante o louvor	67
Figura 10 -	Locais de origem dos jovens entrevistados	78

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1-	Religiões declaradas nos censos do Brasil 1980, 1991, 2000 e 2010	51
Tabela 2 -	Distribuição dos entrevistados conforme escolaridade e idade	73
Tabela 3 -	Relação de moradores e renda familiar	74
Tabela 4 -	Locais de origem dos jovens entrevistados	76
Gráfico 1 -	Tempo de moradia no Parque das Águas	79

LISTA DE SIGLAS

BNH	Banco Nacional de Habitação
CEF	Caixa Econômica Federal
EMCASA	Empresa Regional de Habitação de Juiz de Fora
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
FAR	Fundo de Arrendamento Residencial
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
IBASE/POLIS	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas/Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NuGea	Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação
PJF	Prefeitura de Juiz de Fora
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
ONU	Organização das Nações Unidas
Tardel	Tarde com Deus
TDR	Territorialização-desterritorialização-reterritorialização
TSD	Tempo Sozinho com Deus
UAP	Unidades de Atendimento Primário

SUMÁRIO

AS ORIGENS DA PESQUISA	11
1 PARA ENTENDER A JUVENTUDE	17
1.1 REFAZENDO PERCURSOS PARA ENTENDER A JUVENTUDE	13
1.2 OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A JUVENTUDE	17
1.3 JUVENTUDE EVANGÉLICA: UMA APRESENTAÇÃO	24
1.4 TERRITÓRIO E JUVENTUDES	27
2 UMA DESCRIÇÃO DO NOVO LOCAL DE RESIDÊNCIA	36
2.1 RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS: EDIFICAÇÃO, ESTRUTURA E LÓGICA DE CONSTRUÇÃO	36
3 IGREJAS PENTECOSTAIS, EXPANSÃO E TERRITORIALIDADE: CARACTERIZANDO A IGREJA EVANGÉLICA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”	50
3.1 UMA ABORDAGEM DO CRESCIMENTO PENTECOSTAL NOS ÚLTIMOS ANOS	50
3.2 CARACTERIZANDO A TERRITORIALIDADE PENTECOSTAL A PARTIR DE UMA APROXIMAÇÃO COM O RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS	54
3.3 A CARACTERIZAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”	60
3.3.1 Os jovens agem e falam	67
4 DESVENDANDO O PROCESSO DE RE-TERRITIALIZAÇÃO E CONTRUÇÃO DE IDENTIDADES TERRITORIAIS DOS JOVENS EVANGÉLICOS DO RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS	70
4.1 A JUVENTUDE EVANGÉLICA DA IGREJA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”	70
4.1.1 A ida para o residencial e tempo de residência no local	75
4.2 DESVENDANDO TERRITORIALIDADES	81

4.3 A IGREJA FAZ A DIFERENÇA	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	108
APÊNDICE A	108
APÊNDICE B	111

AS ORIGENS DA PESQUISA

O presente trabalho é um recorte que se revelou a partir da experiência como bolsista de Iniciação Científica no projeto *O Programa Minha Casa Minha Vida na realidade de uma cidade média: impactos no ordenamento urbano e na (re)definição das identidades territoriais dos jovens residentes*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), desenvolvida no âmbito do Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação (NuGea), no qual foi possível atentar-se para o tema que será delimitado e desenvolvido ao longo do texto.

No dia 02 de julho de 2012 foi inaugurado, na cidade de Juiz de Fora, na administração do prefeito Custódio Matos (2009-2012), o residencial Parque das Águas, sexto empreendimento edificado pelo programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) na cidade. Caracterizado como o maior empreendimento construído a partir do programa do governo federal em Juiz de Fora, recebendo 565 famílias.

O deslocamento das famílias para o residencial implicou, dentre outras coisas, na perda dos vínculos sociais e territoriais desses sujeitos e de suas identidades territoriais, baseadas em memórias de ocupação da cidade, de conhecimento do território, no sentido da identificação de lugares, de perigos, de encontros e possibilidades em relação aos trajetos a partir de seus antigos bairros.

Para a juventude, a perda desses vínculos apresenta-se como um movimento de ruptura ainda maior, pois é nesse período que os jovens iniciam seus trajetos para além de seus lares. Em alusão à descrição de Cassab e Barbosa (2015), no que se refere à juventude, essa se caracteriza por um momento em que o ambiente familiar não é mais o único lugar onde os jovens erguem seus vínculos: nesse momento, eles estão em busca de experiências em outras redes de sociabilidade, além daquelas construídas em suas casas, fabricando suas identidades e estabelecendo novos vínculos sociais. Nesse contexto, ainda consoante às autoras, os jovens oriundos dessas famílias sofrem esse processo de ruptura com maior intensidade, pois ao saírem de seus antigos bairros, rompem suas relações de amizade, seus percursos. São esses laços que deverão ser refeitos em seu novo local de moradia.

Sendo assim, os jovens que hoje residem no loteamento Parque das Águas compartilham do processo de (re)constituição de identidades, estabelecem vínculos e relações sociais, uma vez que habitam agora um local de residência até então desconhecido. Nesse sentido, esses jovens são desafiados a superarem o que deixaram para trás em seus antigos bairros e se conectarem com o novo lugar e tudo o que ele representa (CASSAB; BARBOSA,

2015), estabelecendo novos vínculos, novas relações e, sobretudo, reconstituindo sua identidade territorial. Portanto, esses jovens rompem suas relações sócio-territoriais, ao mesmo tempo em que, são, também, obrigados a reconstruí-las.

Entendendo ainda a juventude como uma categoria sócio-histórica, constituída a partir dos contextos vivenciados pelos sujeitos jovens, parte-se da ideia da coexistência de diferentes grupos juvenis, sendo o jovem entendido como um sujeito social, que se produz e reproduz na própria realidade. Desse modo, as experiências de campo vivenciadas a partir da participação nas pesquisas desenvolvidas pelo NuGea deslocaram a atenção para o cotidiano dos jovens evangélicos residentes no empreendimento Parque das Águas.

Em razão de seus preceitos religiosos, esses jovens relataram não frequentarem atividades de lazer e conversas, nem as ruas do bairro, tampouco sua pequena praça e os exíguos espaços de sociabilidade que contemplam os moradores do empreendimento, o que tornava mais restrita a convivência com outros jovens residentes no empreendimento. Porém, a grande maioria relatou a ida à igreja como uma prática cotidiana, colocando-a como principal espaço de lazer e sociabilidade desse grupo. Disso se explica o incremento significativo do número de igrejas evangélicas¹ no local. Acredita-se que a presença dessas igrejas possa auxiliar o processo de re-territorialização dessa juventude com o bairro, uma vez que esses espaços se tornam um local de referência para eles, convertendo-se em um ambiente que promoverá o encontro desse grupo, ou mesmo em local capaz de definir trajetórias que desencadearão a constituição da territorialidade desses jovens no residencial, dando origem ao processo de territorialização.

Dessa maneira, questiona-se se a presença dessas igrejas é um elemento que contribui para o processo de re-territorialização desses jovens. Propõe-se, portanto, uma maneira de compreender como elas têm auxiliado nesse processo e quais trajetórias são tecidas por esses jovens em função de sua inserção nesses espaços. A hipótese que norteou essa pesquisa é de que as igrejas evangélicas instaladas no residencial podem servir tanto como espaços para a realização do culto e ritos relacionados à religião, como também de sociabilidade e encontro dos jovens evangélicos, o que poderia facilitar a construção de um grupo de jovens e de atividades que propiciariam a construção de sentidos e identidade com o novo local de moradia.

¹ No que se refere ao termo evangélico é importante ressaltar as diferenças quanto a sua classificação. Como evangélico, considera-se todos os que participam de igrejas que tiveram sua origem na Reforma Protestante. Dentro do mundo evangélico, entretanto, existem o grupo histórico (ou de missão, ou tradicionais) e os pentecostais (que se subdividem ainda em: clássicos, deuteropentecostais e neopentecostais) (OLIVEIRA, 2012).

A presente pesquisa tomou como recorte espaço-temporal o residencial Parque das Águas, de 2012 a 2017, período entre a inauguração do empreendimento e a realização da pesquisa de campo. Acredita-se que a relevância está em compreender a juventude evangélica pentecostal², considerando sua representatividade em número, em função do crescimento significativo deste segmento religioso nos últimos anos, especialmente nas periferias urbanas.

Em busca de verificar a hipótese da pesquisa partimos da análise do crescimento das igrejas pentecostais³ e sua procura e frequência por parte dos jovens evangélicos moradores do Parque das Águas. O intuito era perceber se esses espaços funcionam como um elemento que estimula a aglutinação e contribui para a geração de sentimento de pertencimento em relação ao novo local de moradia.

Posteriormente, foi feita análise e entendimento do processo de re-territorialização desses jovens também considerando o novo local de moradia. O que significa para esses jovens habitar o Parque das Águas? Essa questão será respondida tendo em vista a relação com os antigos bairros de moradia, uma vez que o desafio de elaboração de uma possível identidade territorial resulta da desconstrução daquelas anteriormente existentes.

Para o desenvolvimento do trabalho foram definidos alguns percursos metodológicos. O primeiro se baseou na leitura de textos que contribuíssem para o desenvolvimento da reflexão sobre os temas que atravessam a pesquisa, tais como: identidade, identidade territorial, territorialidade, religião evangélica pentecostal, juventude e o programa Minha Casa Minha Vida. As leituras – constantemente revisadas e complementadas a medida que o trabalho seguiu seu percurso – possibilitaram a construção de um embasamento teórico e a discussão dos conceitos abordados na pesquisa.

Ademais, foram realizados trabalhos de campo com o intuito de promover uma observação sistemática, essencial ao andamento da pesquisa, precedida, no entanto, por uma imersão em estudos exploratórios que indicassem estratégias, instrumentos e categorias essenciais ao andamento do trabalho. Dentre esses estudos estão as contribuições de Vergara (2010), Gil (1989) e Lakatos e Marconi (1992). É importante destacar aqui a contribuição de Gil (1989), ao ponderar que para que algumas categorias “sejam estabelecidas adequadamente, é conveniente a realização de estudos exploratórios, ou mesmo de estudos

² De acordo com Mariano (1999), nascido nos Estados Unidos, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo, de maneira geral por pregar com base em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais são enfatizados os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Ainda de acordo com o autor, como já mencionado anteriormente, o pentecostalismo brasileiro não se apresenta homogêneo. Ao utilizar recentes tipologias classifica-o em três vertentes, são elas, o pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.

³ Em uma inicial pesquisa de campo realizada no Parque das Águas foi contabilizado um significativo número de igrejas pentecostais no local.

dirigidos à construção de instrumentos para registro de dados” (p. 109), haja vista que tal colocação se mostrou essencial para o andamento do campo.

A título de organização, as pesquisas de campo se dividiram em três fases. A primeira foi realizada em fevereiro de 2016 e teve como intuito a contabilização do número de igrejas instaladas no residencial. Em seguida, esse quantitativo foi comparado com o coletado no ano seguinte ao primeiro campo. A produção desses dados se deu da seguinte maneira: a partir da planta do residencial contendo todos os lotes, percorreu-se as ruas do local a procura de placas indicando a existência de espaços religiosos. Além disso, procurou-se levantar, em conversas com moradores abordados no trajeto, a existência desses espaços, sem a obrigatoriedade de anúncios ou placas. As indicações dos moradores e os anúncios foram marcados na planta dos lotes e, posteriormente, transferidos para um mapa.

A segunda parte do campo buscou compreender o processo de territorialização dos jovens evangélicos residentes no Parque das Águas, frequentadores das igrejas locais. Para este fim, foram realizadas entrevistas com esses jovens. Anteriormente, no entanto, houve uma visita ao local com o propósito de entender a dinâmica dessas igrejas e promover a aproximação com os seus líderes. As visitas aconteceram nos dias 12 e 14 de janeiro de 2017. Através desse contato com a comunidade foi possível perceber que apesar de ser expressivo o número de igrejas pentecostais no local, a maioria recebe um número ínfimo de jovens, com exceção da igreja pentecostal “Jesus Cristo a Última Esperança”.

Ainda, em contato com os líderes religiosos, levantou-se a informação de que a referida igreja possuía assíduos 27 jovens e 3 em processo de contato com a igreja, sendo aquela a que mais atraía os jovens. Considerando o caráter de estudo de caso desta pesquisa, optou-se por trabalhar apenas com os jovens frequentadores dessa igreja⁴.

Mantendo o contato com os líderes, foi agendado o dia para a realização das entrevistas. Essas tiveram como base um roteiro contendo questões semiestruturada⁵, que foram gravadas e transcritas. O primeiro dia de entrevistas ocorreu em 18 de março de 2017 (sábado), dia em que acontece o encontro de jovens, chamado por eles de Tardel (Tarde com Deus)⁶. Esta atividade promove brincadeiras e estudos bíblicos. Os encontros se dão normalmente às 16:00 horas e perduram até por volta das 17:30 horas. Neste primeiro dia não foi possível realizar todas as entrevistas, tendo em vista o comprometimento deles com as atividades, o que levou à necessidade de nova ida a campo. Este segundo momento se deu às

⁴É importante ressaltar, que tal opção, foi exposta durante o exame de qualificação e aprovada pela banca.

⁵Ver Apêndices A e B.

⁶Tardel caracteriza-se pela nomenclatura utilizada pelos jovens evangélicos da igreja “Jesus Cristo a Única Esperança” para se referirem ao encontro de jovens realizado semanalmente nas tardes de sábado.

13:30 horas do sábado seguinte, 25 de março, tendo como intuito não atrapalhar as atividades que semanalmente são desenvolvidas às 16:00 horas.

As entrevistas foram finalizadas com um total de 23 jovens. Realizou-se também uma entrevista com a líder, Missionária Elizangela, buscando-se traçar um perfil da igreja e entender em linhas gerais o seu enraizamento no bairro. A entrevista concedida pela líder permitiu a escrita do item 3.2 do capítulo 3, que se baseia principalmente na sua descrição.

Finalmente, foi realizada uma última ida ao residencial, no dia 6 maio de 2017, tendo como propósito fazer uma contagem das igrejas instaladas no local. Do mesmo modo da primeira, ela foi transcrita para a planta contendo os lotes do residencial e transformada em um novo mapa (Figura 6).

Posterior as atividades descritas, foram feitas as transcrições das entrevistas, realizadas pela própria pesquisadora, uma vez que ela e os jovens entrevistados são os únicos capazes de elencar algumas expressões surgidas nos momentos de fala.

Ainda sobre as transcrições é importante citar que para seguir minuciosamente o que foi dito em áudio, a transcrição se encontra na íntegra⁷ e, por questões éticas, os nomes dos jovens entrevistados foram substituídos por letras. Tanto as tabulações das questões objetivas, como as transcrições das entrevistas e as discussões propostas entre teoria, sujeitos e objeto apresentam-se embutidos ao longo deste texto. Dessa maneira, compreende-se a importância de indicar brevemente nesta introdução o que cada capítulo desse trabalho traz em termos de discussão, bem como seus objetivos.

O primeiro capítulo, intitulado “Para entender a juventude”, tem como ideia principal apresentar a juventude e o território no modo como os compreendemos neste trabalho. Além disso, também houve um esforço em pautar, de modo introdutório, as concepções de juventude e território no transcorrer do tempo. Desenvolveu-se, ainda, uma discussão sobre a juventude evangélica em uma abordagem mais geral, buscando compreender como essa tem criado seu espaço dentro do universo evangélico e também como esse meio tem dado uma maior abertura as suas práticas no intuito de atrair os jovens para a igreja.

No segundo capítulo, chamado “Uma descrição do novo local de residência”, a proposta é engendrar uma descrição do residencial Parque das Águas a luz da sua edificação, lógica de construção e de estrutura. Dessa maneira, houve o cuidado em descrever o empreendimento não apenas em termos de estrutura, mas também tentando promover o

⁷ Para se manter as normas acadêmicas, optou-se por acrescentar a expressão “sic” ao final de cada transcrição, indicando, assim, que as falas se encontram exatamente como a dos jovens no momento da entrevista.

entendimento acerca dos moldes nos quais se deu sua implementação, pela especificidade de ter sido edificado a partir de um programa de habitação do governo federal.

Em um terceiro capítulo, nomeado “Igrejas pentecostais, expansão e territorialidade: caracterizando a igreja evangélica ‘Jesus Cristo a Única Esperança’”, objetivou-se apresentar a igreja foco desta pesquisa buscando, também fazer uma apresentação das características expansionistas do pentecostalismo nos últimos anos, tanto em termos numéricos como geográficos, apresentando uma discussão sobre a territorialidade pentecostal a partir do exemplo do Parque das Águas.

No quarto capítulo, “Desvendando o processo de re-territorialização e construção de identidades territoriais dos jovens evangélicos do residencial Parque das Águas”, o objetivo central é mostrar como é para o jovem evangélico viver no Parque das Águas, compreendendo como se conforma seu processo de re-territorialização, como suas relações cotidianas e trajetórias são mediados pelas práticas e sua inserção na igreja e tudo o que ela representa. Neste capítulo são trabalhados principalmente os dados produzidos durante as entrevistas com os jovens frequentadores da igreja evangélica “Jesus Cristo a Única Esperança”.

1 PARA ENTENDER A JUVENTUDE

Neste capítulo discutiremos a constituição do conceito de juventude. Para tanto, optou-se por inicialmente debater como seu entendimento vem sendo abordado desde Roma até a modernidade, apresentando tal discussão de maneira breve no item intitulado “Refazendo percursos para entender a juventude”. Em seguida, abordam-se as principais vertentes do que vem a ser a juventude: a busca por compreender os múltiplos olhares sobre tal categoria tem como propósito elucidar dentre as abordagens a concepção que será adotada. A partir de então, o foco se volta para o traçar de um perfil da juventude que se pretende trabalhar, mas não ainda a juventude evangélica do Parque das Águas: trataremos da juventude a partir de um enfoque geral, com o objetivo de demonstrar sua não homogeneidade e, ainda, discorrer sobre as mudanças ocorridas no campo evangélico que tem como intuito atrair mais jovens. Finalmente, o último item apresentará o conceito de território e como esse foi sendo construído ao longo da ciência geográfica, bem como a concepção que será aqui abordada através de sua associação ao objeto da pesquisa.

1.1 REFAZENDO PERCURSOS PARA ENTENDER A JUVENTUDE

No intuito de promover um debate sobre a juventude, recorreremos a autores que se dedicam ao estudo do tema. Para isso, é importante o entendimento da juventude como uma categoria social e temporalmente variável, modificando seus significados sociais em diferentes contextos históricos e geográficos.

Cassab (2011), ao fazer uma breve apresentação de como as categorias jovem e juventude vêm sendo tratadas ao longo da história, sinaliza como a construção dessa é determinada por tempos e processos sociais específicos. Ao retomar os percursos sociais da juventude apresentados pela autora, vemos que em Roma o passo entre o universo infantil e o adulto era altamente marcado por ritos de passagem e os grupos sociais e de gêneros possuíam funções e posições bem definidas dentro do sistema social. Além disso, apesar de nessa época já haver um recorte etário para definir as fases da vida, esse é bastante díspar em comparação ao recorte adotado na sociedade atual, especialmente no que se refere ao prolongamento da adolescência que, segundo a autora, explica-se pela cultura romana.

Na idade medieval, diferente de Roma, a juventude não era tratada como um rito de passagem para a vida adulta: os jovens eram definidos a partir de critérios morais. Assim, “a juventude na idade média era frequentemente associada à desordem. Os escritos pintam uma

juventude turbulenta, ruidosa, violenta e perigosa” (CASSAB, 2011, p. 149), fase essa que se encerrava com o casamento.

Foi especialmente a partir do século XVIII e XIX que a juventude começou a ser compreendida como uma fase da vida, período em que os jovens passam a ser vistos como grupos com atributos específicos. Ademais, é nesse momento que passa a ser interpretada como uma fase na qual se pode gozar de certas regalias, entendida como um momento de preparação: a função do jovem é o estudo; preparar-se para ser um adulto, para o futuro.

No entanto, é importante salientar que tais regalias não se dirigiam a todos os jovens de maneira parelha. A sociedade capitalista é instituída sobre bases de desigualdades e exploração, realidade que se reflete nas classes sociais. Assim, no âmbito de uma sociedade de classes, vemos que o gozo de certos privilégios em ser jovem (como a ida para a escola, por exemplo), se reservava não a todos os jovens, mas aos filhos da burguesia. Aos filhos dos operários, destinava-se o trabalho.

No bojo do seu processo de rompimento com as tradições, Abramo (1994) aponta dois eventos notáveis no que tange às mudanças sociais de repercussão da construção sociológica da juventude na sociedade moderna. Segundo a autora, em um primeiro momento está a transformação da família que, ao perder seu *status* de sociabilidade coletiva, é retraída para a esfera privada, participando ativamente na criação dos valores morais da criança. Ao citar Ariès (1981 apud ABRAMO, 1994), a autora deixa claro que a concepção de juventude surge na modernidade e suas transformações sociais, uma vez que na sociedade medieval não havia uma cisão entre o mundo infantil e adulto, bem como também uma separação acentuada entre o universo familiar, o universo laborale o meio social mais amplo.

Ainda conforme a autora, em um segundo momento está a difusão do universo escolar. Se antes a criança já se encontrava separada do meio social mais diverso, pela família, ao adentrar no universo escolar ela é ainda mais apartada, distanciando-se do mundo adulto para posteriormente ser incorporada após seu longo momento de preparação. Cabe mais uma vez lembrar que este momento de preparação para o futuro destinava-se apenas aos jovens burgueses, aos pobres associava-se o trabalho e, quando não, à delinquência.

Em resumo, podemos proferir que é na modernidade que a categoria juventude ganha maior atenção. Para Groppo (2004), “a juventude é uma constante preocupação das sociedades modernas e contemporâneas, uma permanente ‘questão pública’” (p. 10). É a partir desta época que as discussões sobre juventude ganham maior centralidade e teorização, sendo marcada por ciclos ou fases nas quais aparece com menor ou maior ênfase no horizonte dos interesses e preocupações. Entender a construção sociológica da juventude significa do

mesmo modo compreender aspectos expressivos das sociedades modernas, ao passo que “a modernidade é também o processo histórico-social de construção das juventudes como hoje as conhecemos” (GROPPO, 2000, p. 12).

A modernidade inaugura um estágio em que ser jovem é, ao mesmo tempo, ser considerado um indivíduo frágil emocionalmente e perigoso, em particular o jovem pobre. Neste período, especialmente no decorrer do século XIX, a preocupação voltava-se para a delinquência e promiscuidade atribuída à classe trabalhadora, esquecendo que a intensificação do processo de industrialização e urbanização desenfreada na Europa – e mais tarde em todo o mundo – deve, do mesmo modo, ser notada como um fator preponderante. Groppo(2004, p. 12) mais uma vez contribui ao dizer que “o próprio impacto desses inúmeros constructos da modernização ‘burguesa’ foi gerador de ainda mais desigualdade e diversidade”.

Neste momento, como evidencia Cassab(2011, p. 156), “eram comuns as teses médicas sobre a puberdade, que recomendavam remédios para solucionar ou apaziguar os problemas da juventude”. A juventude era, portanto, forjada como uma fase perigosa; o jovem nesse contexto é considerado um perigo, não apenas para si mesmo como também para toda a sociedade.

É na modernidade que também desponta a utilização dos critérios etários para a delimitação da juventude, possibilitando nortear políticas e práticas relacionadas à cultura, ao lazer, ao mercado de consumo, às políticas institucionais etc. Assim, para Groppo (2004),

desde seu início o ‘problema da juventude’ mobilizou quadros intelectuais (cientistas, juristas, políticos, pedagogos, médicos, etc) para a definição de quando a juventude, afinal, começa e termina, para assim orientar a ação do Estado e das instituições sinalizadoras. A idade contada em anos, dado objetivamente determinado, parecia ser o melhor critério para o julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo (p. 10).

Em síntese, nota-se que na segunda metade do século XIX e século XX constroem-se concepções ainda hoje presentes, no que se refere à juventude: emoções violentas, agressividade, instabilidade emocional, momento de vitalidade, curiosidade sexual sem limites, entre outras.

Verifica-se, portanto, que ao longo do tempo as ciências privilegiaram o entendimento da juventude sob uma ótica do negativismo, e os considerados excessos juvenis colocaram em xeque medidas e políticas que visassem a disciplinização. Logo, para Gonçalves(2005, p. 208), firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: “no século XXI quando grassam as preocupações com o individualismo

exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana”.

Assim, o delinear da juventude perpassa quase que inteiramente a condição de instabilidade. Segundo Sepúlveda.V(2013), a noção de juventude se organizou categoricamente a partir de uma noção unitária atrelada a atributos que seriam próprios da idade, remetendo a políticas voltadas para o controle e a vigilância do indivíduo inserido nessa “fase da vida”.

1.2 OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A JUVENTUDE

A compreensão e discussão em torno da juventude não são tarefas simples, pois esta é uma categoria extremamente complexa de se definir. Além disso, a juventude consiste em uma temática de interesse de diferentes áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Pedagogia e, mais recentemente, a Geografia.

Vimos no que as proposições atribuídas à juventude ganham maior atenção na idade moderna. Em seu decorrer a juventude movimenta-se ganhando múltiplos significados, e a partir daí são fabricadas concepções ainda hoje presentes. De acordo com Cassab (2011), é possível delinear três grandes concepções que norteiam o entendimento do que vem a ser juventude na sociedade hoje: a) a primeira é aquela que a define a partir de um recorte etário; b) a segunda como sendo uma fase de transição da infância à vida adulta; e c) a terceira como um eterno devir, a um projeto futuro.

Na primeira concepção, as faixas de idade definem os diferentes momentos da vida. Para Groppo (2004), esta concepção ganha força a partir da sociedade capitalista industrial do século XIX, momento em que a cronologização do curso de vida individual contribui para construir critério capaz de delimitar científica, jurídico e criminalmente os estágios da vida, tendo como base essa idade individualmente precisa. Nessa concepção, como evidencia Cassab(2011, p. 158), “desconsidera-se que os grupos de idade (criança, jovem, adulto e idoso) são uma criação social e fortemente relacionada aos processos de conformação da sociedade contemporânea”.

Na segunda, os jovens são compreendidos como sujeitos constantemente ameaçados de se perderem, inseridos em uma fase de transição para a vida adulta, que necessitam de permanente controle e tutela para que não se percam ou se pervertam. Por fim, a juventude é entendida como um eterno devir, como um momento em que o jovem se prepara para o futuro. Nessa concepção, o presente desse jovem é constantemente negado.

No que se refere às pesquisas aludidas ao cenário juvenil, essas apresentam bastante diversas hoje. Aos poucos, pesquisadores vão interpondo desafios, buscando novas apreensões e conceitos, na tentativa de compreender a juventude em seus universos. Nesse sentido, Pais (1990) e Groppo (2000) dão suas contribuições para o entendimento da juventude como plural.

José Machado Pais (1990) em seus estudos esforça-se em agregar as teorias sobre juventude em duas principais correntes de pensamento: a geracional e a classista. A primeira entende a juventude homogênea enquanto geração, ou seja, que aborda a identidade de experiências e ações de indivíduos que nasceram em mesma época. Assim escreve o autor:

A corrente geracional toma como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma fase da vida, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude. [...] A questão essencial a discutir no âmbito dessa corrente diz respeito a continuidade/descontinuidade dos valores (PAIS, 1990, p. 152).

Nessa visão, os jovens pertencentes a uma mesma geração têm como característica a posse de sentimentos comuns; enxerga-se, dessa forma, a juventude como unidade.

A corrente classista irá compreendê-la em sua diversidade social, analisando os diferentes modos de experienciara juventude nas suas distintas classes sociais. Desse modo, o viver da juventude operária se daria de maneira completamente diversa do viver para o jovem burguês. Destarte, de acordo com essa corrente, “a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por mecanismos de reprodução classista”(PAIS, 1990, p. 157). Entretanto, para o autor, os processos que tocam a juventude não podem ser compreendidos unicamente como resultados de determinação de classe, mas também sob a luz das formas de participação nos diferentes sistemas de interação local.

Em resumo, para Pais (1990), nenhuma das duas correntes isoladamente é satisfatória para entender a juventude contemporânea, dada a sua complexidade. Assim, deve-se buscar compreendê-la unindo as duas correntes e, acima de tudo, procurando vê-las tanto em sua unidade como em sua diversidade, uma vez que não se pode atribuir um conceito uno a juventude.

Luiz Antônio Groppo (2000) irá dizer que a juventude é mais que uma faixa de idade, um grupo coeso ou uma classe de fato. O autor define então a juventude como uma

concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos(GROPPO, 2000, p. 8).

A juventude é, desse modo, uma categoria social entendida ora como uma situação social, ora como uma representação sociocultural. Para o autor, o entendimento do que vem a ser juventude sempre esteve atrelado à necessidade de usá-la como uma categoria social para classificar indivíduos de acordo com os interesses inerentes às instituições modernas. Deve-se, portanto, desvencilhar o olhar tantoda juventude apenas como uma fase da vida, definida a partir de faixas de idade, quanto das ciências que procuram olhá-la pela ordem da natureza. Para Groppo (2000), é necessário que se olhe a juventude a partir da ótica social.

A juventude é aqui entendida em sua multiplicidade. Logo, pensar em juventude é pensar o sujeito jovem na pluralidade dos contextos sociais em que estão inseridos, ou seja, a juventude é uma categoria socialmente construída. Portanto, entender a juventude significa considerar o sujeito jovem de acordo com sua classe social, etnia, religião, gênero, o mundo urbano e o mundo rural, e quantos mais forem os contextos sociais dos quais participam. A partir daí podemos compreender sua multiplicidade ao longo da história. Isso significa, para Groppo (2004), “correlacionar a juventude com outras categorias sociais” (p. 12).

Nesse sentido, a juventude é mais do que uma classificação etária: ela se conjuga em uma representação simbólica e do mesmo modo um momento vivido em comum pelos sujeitos jovens. Ao entendê-la como uma categoria social, pode-se perceber que ela é constantemente reconstruída no movimento de reprodução da sociedade, diferenciando-se espaço-temporalmente. Logo, tal juventude é fabricada tanto pelos grupos sociais quanto pelos próprios jovens, que buscam, de acordo com os contextos em que vivem, se afirmarem a partir de comportamentos, práticas e características atribuídas a ela. Para Urbietta (2003), a juventude é um conceito que se reconstitui permanentemente, que se reproduz no cotidiano. Pensar a juventude, então, requer um esforço em repensá-la constantemente e ao mesmo tempo, entende-la em sua multiplicidade, questionando a existência de uma juventude homogênea no tempo e no espaço. Quando apreendemos a juventude como um grupo coeso ou mesmo baseada nas imagens negativas estabelecidas a partir dos modelos socialmente construídos, nos comprometemos em focar nosso olhar nos jovens de forma inexata, enfatizando apenas um modelo determinado de juventude. Nesse passo, conforme Dayrell (2003), não atingimos o entendimento dos modos pelos quais os jovens constroem suas experiências enquanto sujeitos sociais, como constroem seus modos de “ser jovem”, tendo como base os seus cotidianos.

Assim, conceber a juventude como uma categoria diversa, compreende seu entendimento como um processo dotado de especificidades baseadas nas experiências

sensibilizadas pelos jovens em seus contextos sociais, apropriações realizadas nos espaços que habitam e frequentam, significando, portanto, compreendê-la desprendida de critérios rígidos.

Dessa maneira, a juventude pode ser entendida como um momento determinado, especialmente seu início, marcado pela necessidade da busca por outros espaços que não a casa, a família. No entanto, é importante não a reduzirmos a uma passagem, pois ela é parte de um processo muito mais abrangente de formação dos sujeitos, processo que deve ser compreendido a partir do “meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p. 42); trata-se, portanto, do entendimento do jovem como um sujeito social que se produz na relação com o outro.

Compreendê-lo como um sujeito social implica em reconhecê-lo como um sujeito ativo e dinâmico que age no e sobre o mundo, e neste movimento o produz e é produzido no terreno das relações sociais que tecem ao longo de seus trajetos, relações mediadas pelo espaço, que também é ativo e dinâmico. Ao se apropriar do espaço, seja momentânea ou duradouramente, o jovem uno ou em grupo produz e cria marcas e signos de sua alteridade. Para María Urbietta (2003), o jovem se reproduz no cotidiano,

y sus âmbitos de referencianon íntimos, cercanos y familiares, barrios, escuela, trabajo y otros; también se puedereproducirenloimaginário, donde las comunidades y grupos de referencia marcam formar valorativas de lo juvenil; se construye em relaciones de poder definidas por las condiciones de alteridade, dominación, o desigualdade, unas veces superpuestas entre sí, otras veces definidas por el conflicto (p. 6).

De acordo com Turra Neto (2013), estudiosos da juventude têm se voltado aos contextos sociais específicos das juventudes na tentativa de acompanhar a diversificação do cenário juvenil e na busca por compreensão dos cotidianos e particularidades dos jovens. Assim, “estudos de juventudes ganham uma preocupação com a espacialidade das culturas juvenis, visto que tem buscado falar do bairro, da cidade, dos trajetos e territórios vividos e produzidos pelos/as jovens” (TURRA NETO, 2013, p. 3).

Desse modo o autor enfatiza a importância e a necessidade de uma conceituação precisa no uso de termos como lugar, território, espaço, cidade, bairro, tendo em vista o caráter múltiplo da juventude e sua compreensão voltada para os contextos sociais nos quais se inserem em seus trajetos.

1.3 JUVENTUDE EVANGÉLICA: UMA APRESENTAÇÃO

Como já discutido, o debate aqui não é delimitado apenas por critério de idade, mas abrangendo as múltiplas formas nas quais a juventude é vivenciada. Assim ela não é entendida como única, já que se constrói com base nos contextos nos quais se inserem os jovens. Portanto, ser jovem configura uma representação sociocultural, um modo social. Se cada juventude deve ser compreendida a partir de suas experiências individuais e coletivas, delimita-se para este estudo os jovens pobres, moradores do residencial Parque das Águas – um local caracterizado como periferia da cidade – inseridos no mundo evangélico⁸.

Discutir juventude evangélica é desafiador tanto no que se refere à complexidade dos temas juventude e religião, quanto à escassa literatura englobando ambos os objetos, apesar de nos últimos anos a religião evangélica – em especial a pentecostal, que também é nosso recorte – estar mais presente nos estudos acadêmicos, em virtude da expansão dessa denominação⁹a partir da década de 1990¹⁰.

Na busca por uma caracterização geral da juventude evangélica procuramos, através da revisão de algumas publicações de autores dedicados ao tema, fazer uma aproximação desse perfil. Destaca-se, dentre elas, as contribuições de Marcia Regina da Costa, especialmente em seu artigo intitulado “Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do Underground evangélico”, de 2004 (COSTA, 2004). Em sua obra a autora estampa uma juventude evangélica assumindo estilos antes não aprovados dentro de sua religião. Para ela, a partir dos anos 1990 as igrejas passaram a contrair um papel mais liberal, principalmente as pentecostais. Assim, o jovem não precisa mais abdicar de seus grupos para frequentar a igreja.

Fernandes (2009) irá enfatizar, entre outros conteúdos, o crescimento considerável do número de adeptos pentecostais, com forte presença de jovens. Além disso, a autora destaca a localização preferencial nas franjas do tecido urbano, e ainda a maior assiduidade da juventude evangélica em seus templos em relação à juventude católica. Para a autora, tal

⁸ O capítulo 4 apresenta uma discussão voltada para a delimitação dos jovens da pesquisa e o capítulo 3 aponta os critérios utilizados para a sua definição enquanto jovens.

⁹ “Apesar das denominações religiosas serem chamadas popularmente de religiões, é preciso que fique claro que religião é diferente de denominação religiosa. Existem várias religiões como, por exemplo: cristianismo, budismo, taoísmo, judaísmo, islamismo, candomblé, Umbanda, entre outras. Da mesma forma, existem várias denominações religiosas, como por exemplo, na religião cristã (cristianismo): a Igreja Católica, Igreja Luterana, Igreja Metodista, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Pentecostal Brasil para Cristo, entre outras. A palavra igreja é usada popularmente como sinônimo de denominação religiosa. Entretanto, existem várias igrejas (templos) dentro de uma mesma denominação” (OLIVEIRA, 2012, p. 150).

¹⁰ Ver Paula Montero em seu texto “Religiões e Dilemas da sociedade Brasileira” (MONTERO, 1999).

regularidade se explica pela diversidade e maior abertura que essas igrejas têm dado às atividades desenvolvidas em seus templos.

Outra importante contribuição se apresenta no trabalho de Gomes (2007). Através de pesquisa numa igreja pentecostal da periferia de Belo Horizonte, o autor expõe como os jovens inseridos nesse local elaboraram suas práticas culturais. Entre outros resultados da pesquisa está o entendimento das mudanças ocorridas no cerne do pentecostalismo; inclusive a incorporação das práticas musicais, o chamado louvor, que de acordo com o autor é elemento de extrema relevância na articulação da sociabilidade entre os jovens e também na atração dos mesmos. Para o autor, o culto representa não apenas um fim espiritual, mas também um momento de diversão. Ainda conforme Gomes (2007), o ambiente religioso é um espaço atrativo para os jovens que residem na periferia, locais que geralmente possuem poucos equipamentos de esporte, lazer e cultura. Porém, a pesquisa também evidencia que apesar de uma menor rigidez das práticas desses jovens nestes locais, seu mundo é regido por algumas regras, como o fato de a permissibilidade dos louvores apresentarem elementos musicais do Funk ou do Rockestarem atreladas a expressões dedicadas ao Senhor.

Também Goulart (2008), evidencia não apenas o crescimento pentecostal, mas a abertura que o meio tem dado aos modos de se vestir e diversão dos seus jovens. A autora aponta ainda que a prática espiritual não exclui outras, porém, afirma haver entre os adeptos um serviço de controle que parte da hierarquia dentro da igreja até a maneira de ser dentro e fora dela. Assim, ela afirma: “a vida pessoal deve estar condizente com o que é estabelecido na conduta bíblica”(GOULART, 2008, p. 6). Seguindo o raciocínio, a autora se apropria das ideias de Reginaldo Prandi (2007), afirmando que o Brasil caminha de uma cultura católica para uma cultura evangélica, ressaltando ainda a existência de uma cultura de jovens evangélicos especificamente. Assim, explica o autor,

um garoto evangélico pode se integrar com outros jovens do mundo todo pela internet, assim como qualquer outro jovem faria, porém, ‘riscará de seu horizonte muito do que diz respeito ao sexo e às drogas, que geralmente lhes são interditos, e sua experiência musical estará restrito à música evangélica, pela qual os jovens não evangélicos do mundo não estarão minimamente interessados. Esse jovem evangélico não participará, por causa dos limites estéticos e comportamentais impostos por sua religião, de um grupo maior do que aquele limitado pela sua própria igreja. Ele estará fora de uma cultura mundial de jovens, mesmo usando jeans, calçando tênis e comendo Big Mac. Sua religião é, nesse sentido, restritiva, excludente (PRANDI, 2007 apud GOULART, 2008, p. 7).

A autora mais uma vez resalta a abertura dada por estas igrejas às múltiplas expressões culturais, como a dança. Chama atenção o fato de que essa não fica restrita ao

interior da igreja,mas se expande para barzinhos e casas noturnas evangélicas. Fato que, no entanto, não ocorre sem que haja certo controle, como a restrição de bebidas alcoólicas e cigarros nestes ambientes, por exemplo. Assim, nas palavras da autora, “o jovem crente pode dançar, desde que seja uma música religiosa e que tenha o objetivo de exaltação a Deus”(GOULART, 2008, p. 9).

Corroborandoalguns pontos levantados por Goulart (2008), nos remetemos ao trabalho de Carrano (2002), ao discorrer sobre a “mocidade evangélica”, juventude frequentadora da rua Coronel Carvalho, em Angra dos Reis. O autor irá afirmar que, para alguns evangélicos, a cidade se divide entre espaços de *salvação* e *perdição*.

As categorias de *salvação* e *perdição* permitem perceber as diferenciações territoriais que delimitam os espaços de circulação dos evangélicos. Os espaços de *salvação* são aqueles onde a presença dos elementos de evangelização são fortes e atuantes. Os espaços de *perdição* são os territórios do demônio. Espaços esses que os jovens evangélicos encontram vício e *perdição*(CARRANO, 2002, p. 85. Grifo no original).

Logo, o que se nota apesar de uma maior abertura das práticas de lazer e cultura destinadas ao jovem evangélico, como afirmam os autores, é o fato da igreja ainda procurar manter certa rigidez e controle quanto aos lugares que essa juventude irá frequentar.

Dalvani Fernandes (2007) teve sua atenção voltada para a juventude evangélica do bairro Jardim das Américas, em Guarapuava (PR). Ao questionar os jovens evangélicos e suas diferenças em relação aos demais jovens, ele pondera que “eles não participavam das festas noturnas, não iam a rua XV de Novembro, não bebiam, enfim... não participavam do universo cultural que nós, do mesmo bairro e também religiosos participávamos”(FERNANDES, 2007, p. 11). Em consonância com as inquietações de Fernandes (2007), durante as pesquisas de campo realizadas em 2013 com a juventude moradora do Residencial Parque das Águas em Juiz de Fora(e ao longo da experiência como bolsista de pesquisa), os questionamentos se repetem.

Ao responderem sobre a sua relação com o novo local de moradia, a maioria dos jovens evangélicos, em especial as jovens, afirmaram não gostarem do bairro devido à falta de lazer, inclusive muitos descreveram as ruas do local como um ambiente impróprio para ser frequentado, dada a constante presença do uso de drogas, entre outras atividadesmal vistas pela igreja nesses espaços. No entanto, outra questão também levantada foi o incremento no número de igrejas evangélicas no local - em uma breve pesquisa de campo no residencial

notou-se que todas são de denominação pentecostal -, que para os evangélicos é o principal ambiente visitado no Residencial.

A intenção aqui não é afirmar que os jovens evangélicos residentes no Parque das Águas vivem isolados e não vão a outros lugares que não as igrejas que se estabeleceram no local, afinal, como já discutido anteriormente, os jovens pentecostais não são proibidos de estabelecerem vínculos com outros jovens e locais. Porém, o que a maioria afirmou foi o não reconhecimento do novo lar como um bom lugar para se viver. A maioria, inclusive, quando questionada sobre o seu dia-a-dia, relatou apenas a ida à escola, à igreja e, nos fins de semana, às casas de parentes ou igrejas de outros bairros como os locais mais usuais de frequência. Quando pensada essa restrição cabe também a questão financeira, dada a baixa renda familiar que inclusive é um dos requisitos para a aquisição da residência.

Para esse jovem, a ida para o residencial implicou não apenas na perda de seus vínculos com o antigo bairro e tudo o que ele representava, mas o desafio de construir novos vínculos em um local que tem como característica não apenas o fato de ser desconhecido. Esse novo ambiente, além de ser alheio à antiga rotina desses jovens, também apresenta características físicas e sociais que os restringem de frequentá-lo como um todo. No entanto, ao mesmo tempo, emergem nesse local espaços que, em tese, podem auxiliá-los a constituir relações com seus pares, através dos encontros promovidos pela ida à igreja. Cabe-nos nesse trabalho, portanto, compreender como são estabelecidas tais relações.

1.4 TERRITÓRIO E JUVENTUDES

Sendo o foco do presente trabalho a busca por compreensão de um modo específico de ser jovem e a reconstrução de sua territorialidade, cabe aqui explicitar o modo como se pretende empregar o conceito e a importância do território para esses sujeitos. Assim, referimo-nos ao território em sua relação com o espaço geográfico, tendo como ponto de partida o sujeito jovem. Parte-se do entendimento do jovem como um sujeito social que se territorializa à medida que se apropria de um dado espaço e a partir dele tece sua teia de relações, criando seus vínculos e/ou deixando nele suas marcas. É importante ressaltar que as suas ações são sempre mediadas na relação com o outro, pois é a partir dessa relação que se negociam e são estabelecidos os territórios. É também na relação com esse outro que se constroem as identidades sociais e territoriais desses sujeitos.

No entanto, acredita-se ser importante construir primeiramente uma noção geral sobre o conceito de território e seu transcorrer na geografia, objetivando entender os rumos que as

suas ressignificações deram ao seu entendimento e abordagens, especialmente no que se refere à possibilidade de entendê-lo em sua relação com a juventude e outros agentes que não apenas àquelas a ele atreladas no início de suas discussões na geografia.

O conceito de território é discutido em distintas áreas do conhecimento, contudo, é na geografia que alcança centralidade. De acordo com Jean Gottmann (2012), antes de ser trabalhado no âmbito da ciência geográfica, o termo já era mencionado em outras áreas. Segundo o autor, “o papel do conceito de território alterou-se ao longo dos séculos. De certa forma, pode-se afirmar que o conceito existiu desde muito antes do século XIV e adquiriu mais significado desde então” (GOTTMANN, 2012, p. 523). No século XVI, com o advento das grandes navegações, expansão marítimo-comercial e mercantilismo, o território passou a ser compreendido para além de abrigo, tornando-se receptáculo de investimentos e exploração intensa.

Para Saquet (2015), todo conceito adquire distintos significados à medida que são ressignificados. Tais ressignificações ocorrem em acordo com os contextos históricos nos quais se reformulam, e ainda, interagem com outros. Assim, o autor afirma que “o conceito de território é um desses conceitos complexos, substantivado por vários elementos, no nível do pensamento e em unidade com o mundo da vida” (SAQUET, 2015, p. 13).

É por obra de Friedrich Ratzel, no século XIX, que o conceito é inicialmente concebido na Geografia e nas Ciências Humanas. No entanto, para o autor, o território era entendido como um espaço necessário à reprodução e manutenção da população, consoante à concepção adotada pela Biologia. Além disso, Ratzel (1990) também concebe a noção de território atrelada ao Estado e seu desenvolvimento, ideia vinculada ao poder nacional. Assim, de acordo com o autor:

Quando se examina o homem, seja individualmente, seja associado na família, na tribo, no Estado, é sempre necessário considerar, junto com um indivíduo ou com o grupo em questão, também uma porção do território. [...] organismos que fazem parte da tribo, da comuna, da família, só podem ser concebidos junto com seu território. Sem isso não é possível compreender o seu desenvolvimento, assim como sem o território não se poderia compreender o incremento e a potência da solidez do Estado (RATZEL, 1990, p. 74).

É compreensível para o autor a necessidade do território, tanto para a manutenção da subsistência familiar, quanto em porção necessária para a evolução de um Estado. Nesse sentido, esse Estado deveria pensar ativamente no incremento material de suas porções territoriais.

Vale ressaltar que tal concepção se justifica em grande parte pelo momento de produção de sua obra, que ocorre em contextos históricos e geográficos bem específicos: a Alemanha recém e tardiamente unificada - meados do século XIX -, fase na qual os esforços se voltavam para a legitimação do expansionismo e imperialismo desse novo Estado (GOMES, 1996).

No entanto, autores como Raffestin (1993) vão dizer que Ratzel não apenas tornou o conceito de território uma exclusividade do Estado-Nação, compreendendo-o como o único capaz de demarcar áreas - ou de compreensão dentro da Geografia -, como carregou essa visão por toda a Geografia Política construída posteriormente.

A partir de meados do século XX, difundiram-se questionamentos, gerando transformações acerca do modelo que definia os parâmetros do conhecimento científico, bem como o entendimento de muitos conceitos e fenômenos. Passa a ter relevância a subjetividade, a intersubjetividade, o conhecimento experiencial e indutivo como válidos na construção do conhecimento acadêmico. De acordo com Saquet (2006), a partir da década de 1950, mais precisamente e significativamente a partir de 1970, a Geografia passa por um momento de renovação, quando as discussões acerca do conceito de território são retomadas.

Adota-se uma perspectiva mais humanista das relações sócio-espaciais, impondo a necessidade de uma releitura do que vinha sendo discutido. Esta perspectiva de estudo do território abarca, sobretudo, territórios nos quais agentes e poderes não são institucionalizados. Dessa forma, são visados, nestes trabalhos, territórios nos quais agentes são indivíduos ou grupos, envolvidos em dinâmicas de pequena escala.

Para Saquet (2015), Jean Gottmann, em 1952, traz uma primeira abordagem do território feita de maneira ampliada se comparadas às concepções de Ratzel, ou seja, apoiando seu entendimento para além do Estado-Nação, ao entendê-lo como suporte da ação dos homens.

Todavia, o grande *boom* dos estudos e as novas concepções atribuídas ao conceito se deram por efeito das proposições apresentadas por Raffestin (1993). Ao criticar o entendimento do território centrado unicamente na atuação do Estado, o autor se apropria das proposições de Foucault para argumentar em favor da multidimensionalidade do poder, do território e da territorialidade. Ele entende território como um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, não se vinculando apenas às determinações do Estado Nação, mas a outras formas de poder. A importância de Raffestin (1993) está no caráter político que o autor dá ao território, especialmente por sua crítica às concepções de poder centradas na atuação do Estado. Portanto, ele centra sua compreensão na proposição de outras formas de poder ou para

o poder além do Estado, ou ainda, para o autor, “em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’”(RAFFESTIN, 1993, p. 152). Logo, a partir de sua concepção de pensar e propor o território, o poder se encontra nas atuações estatais e também em outras instituições e relações sociais que efetivam a vida cotidiana: ao ampliar as formas de poder, ampliam-se também as formas de territorialização.

Robert Sack (1986), que ao trazer a consideração de que territorializar é controlar e também restringir acessos e ações, estendendo-os do âmbito familiar a uma porção da nação opera com o conceito de território em diversas escalas. Assim, o autor disserta sobre território e territorialidade:

A territorialidade para os humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas ao controlar a área. Territórios políticos e a propriedade privada da terra podem ser as formas mais familiares, mas a territorialidade ocorre em graus variados em numerosos contextos sociais. Ela é usada nas relações do dia a dia e em organizações complexas. Territorialidade é uma expressão geográfica primária de poder social. É o meio pelo qual o espaço e a sociedade se inter-relacionam. As mudanças de funções da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo (SACK, 1986, p. 5)¹¹.

As contribuições supracitadas permitiram então pensar o conceito de território dessemelhante da concepção clássica – ratzeliana - de território nacional, na qual a unidimensionalidade com que o poder é entendido deslegitima uma série de outros poderes inerentes às relações sociais.

No Brasil, a atenção ao território se deu a partir de 1980. Entre 1960 e 1980 o foco das discussões voltava-se ao conceito de espaço geográfico. Sua expansão, no entanto, ocorre a partir de 1990, tanto no que se refere aos estudos de território, quanto aos de territorialidade. Entre os autores e as obras de larga contribuição, especialmente para a promoção de uma abordagem imaterial do território, estão Santos (1994; 1996; 1999; 2000), Haesbaert (1994; 1995; 1997; 1999; 2004), Souza (1995) e Saquet (1993; 1994; 2000; 2003).

Todas as obras e discussões, apesar de distintas por se tratarem de diferentes gerações de autores, contribuíram para dar ao território uma compreensão que se funda a partir de

¹¹ Territoriality for humans is a powerful geographic strategy to control people and things by controlling area. Political territories and private ownership of land may be its most familiar forms but territoriality occurs to varying degrees in numerous social contexts. It is used in everyday relationships and in complex organizations. Territoriality is a primary geographical expression of social power. It is the means by which space and society are interrelated. Territoriality's changing functions help us to understand the historical relationships between society, space, and time(SACK, 1986, p. 5) (Tradução do autor).

relações sociais de poder e dominação, o que denota a compreensão de diferentes territorialidades e modos de apropriação do espaço.

É importante pensar, portanto, que o território não pode ser compreendido como algo dado, mas sim construído a partir das relações cotidianas que envolvem modificações dos seus atores - sujeitos sociais - e de sua base material. Sendo assim, não há sentido em tratar o território de maneira desassociada do espaço, conceito também ressignificado na fase de renovação da Geografia e compreendido como produto das relações sociais.

A proposta do presente trabalho é a do entendimento do território não apenas como um espaço delimitado a partir de relações de poder, mas também como, apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social.

Nesse sentido, a constituição de uma identidade social dentro do novo local de moradia torna-se elemento chave na construção de uma identidade territorial e do sentimento de pertencimento desse jovem. No caso dos nossos jovens, acredita-se que a construção dessa identidade social se dê, em grande medida, a partir de sua relação com o ambiente religioso. Ao discutir a questão da identidade social e territorial, Haesbaert(1999, p. 172) parte do pressuposto geral de que:

toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação que se dá tanto no campo das ideias quanto na realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.

Dessa forma, a possibilidade da existência de um território está atrelada a alguma valorização simbólica dos sujeitos que habitam determinado espaço.

Para Haesbaert(1999, p. 174), “a maioria dos autores não considera a existência ‘concreta’ da identidade, restringindo-a ao campo das representações”, entretanto, segundo ele, devemos ressaltar a base material, no nosso caso a base territorial, papel de referência na construção de muitas identidades. Buscamos explicitar dessa forma a dinâmica que faz compreensível o conceito de território em sua relação com o espaço, como *locus* da vivência dos sujeitos, seus movimentos cotidianos com os seus (entorno) e com o outro, buscando entender a identidade como um fator que aglutina e promove a ação coletiva desses sujeitos, que permite a construção de uma relação de pertencimento do sujeito com seu local de moradia. Hall(2002, p. 11), ao apresentar as concepções sobre identidade, irá afirmar ser ela “formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Ainda, segundo ele, seu processo de formação é constantemente transformado a partir das relações e “as formas pelas quais somos

representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”(HALL, 2002, p. 13). Logo, é na interação entre os sujeitos que podemos compreender a construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos residentes no Parque das Águas.

Em síntese, a constituição da identidade-território se consoma num processo em movimento, tendo como elemento central o tempo, a medida em que se conforma o sentido de pertencimento do indivíduo ou do grupo pelo seu ambiente de vivência. Esse sentimento de pertencer ao espaço que se habita, onde se constrói uma complexa rotina de sociabilidade, possibilita a esse espaço assumir o caráter de território.

Em sua dimensão espacial, essa rotinase configura em territorialidades. Para Haesbaert, (2007a), da mesma maneira que o território, a discussão em torno do conceito de territorialidade assume dimensões múltiplas. Tais dimensões abarcam tanto um enfoque epistemológico quanto ontológico.

Saquet (2015) afirma que a territorialidade se configura em ações produzidas cotidianamente: nas relações com o trabalho, com o não trabalho, com a família, na igreja, na escola, entre outras. Nesse movimento, a territorialidade se expressa em uma trama complexa, que envolve todas as escalas, indo desde as relações cotidianas e pessoais até complexas relações sociais. Assim, nas palavras do autor,

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.88).

Ela é, portanto, o desdobrar de todas as relações diárias que firmamos; tais relações, as territorialidades, produzirão os territórios de cada pessoa ou grupo social em seus lugares determinados, num processo denominado territorialização. Mais uma vez afirma o autor:

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, [...] é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2015, p. 129).

Reiterando tal afirmação, acrescenta:

Comprendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou grupo social. [...]. É resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a

construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana (SAQUET, 2009, p.8).

Desse modo, compreende-se aqui as territorialidades como ações que resultam e condicionam o processo de territorialização e construção de territórios. Assim, em alusão a Corrêa (1996), tais práticas e expressões materiais e simbólicas, possibilitam a apropriação e permanência de um território por um grupo ou entidade.

Cabe então, compreender de que maneira estas relações se dão, em especial pelo fato de ser uma juventude que, além dos desafios compartilhados com outros jovens, vivencia um modo de ser jovens que os diferem dos demais pela sua opção religiosa.

Nossa orientação teórica se baseia principalmente em Haesbaert. Através da literatura construímos uma interpretação de território e identidades territoriais, para entender o processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos residentes no residencial Parque das Águas.

Em seu texto “Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade”, Haesbaert (2008) discorre sobre o conceito de território, ressaltando a importância de compreendê-lo para o posterior entendimento do que vem a ser territorialidades e modos de apropriação do espaço, de territorialização dos sujeitos. Assim:

Desde sua origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece de terra-territorium quanto de térreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados a terra, ou no ‘territrium’ são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que tem o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva ‘apropriação’ (HAESBAERT, 2007a, p. 20).

Território, dessa forma, em quaisquer apresentações, se relaciona a poder, mas não somente a concepção clássica de “poder político”: diz respeito tanto ao poder no sentido mais efetivo de dominação, como também às formas de poder simbólicas, de apropriação, podendo ser compreendido, desse modo, a partir de uma perspectiva mais jurídico-política, referindo-se a dominação real de um espaço, ou a partir de uma perspectiva mais simbólica, na qual os sujeitos se apropriam de um dado espaço, constroem sua identidade com ele, produzindo-o e mantendo-o.

Em concordância com Lefebvre, Haesbaert (2007a) aponta uma distinção entre apropriação e dominação. A primeira, de acordo com ele, diz respeito a um processo muito mais simbólico, que se baseia nas marcas do “vivido”, do valor de uso - territórios múltiplos,

tendo em vista a complexidade das relações cotidianas. Por sua vez, a ideia de dominação seria mais concreta, funcional, vinculando-se ao valor de troca.

Ao considerar tal afirmação, é importante ressaltar que ao valorizarmos o “espaço-tempo vivido”, o território é sempre entendido em sua multiplicidade, diferente do território funcional. Tal multiplicidade, no entanto, pode ser compreendida por e a partir da complexidade com que se dão as relações tecidas pelos sujeitos que dele se apropriam e produzem. Por conseguinte,

podíamos dizer que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, ‘desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’ (HAESBAERT, 2007a, p. 95-96).

Haesbaert (2007a), ainda em referência a Lefebvre, aponta que as dinâmicas de dominação e de apropriação deveriam acompanhar-se, ou ser a última dominante em relação à primeira, mas as dinâmicas do modelo de acumulação capitalista fizeram com que a dominação se sobrepusesse quase que absolutamente, impossibilitando uma ativa reapropriação dos espaços, submetidos à máquina estatal, às empresas ou ainda aqueles transformados em mercadoria.

Embora a obra de Lefebvre se refira ao espaço, e não a território, ele é compreendido como um espaço construído por e a partir das relações sociais, assim como a perspectiva trazida no entendimento dos territórios (vividos), frutos da apropriação. Sendo assim, tal perspectiva não pode ser compreendida desassociada do espaço. Vale ressaltar que este espaço do qual se fala tem a ver com o espaço social, construído a partir das relações sociais e não o espaço entendido como uma base material, palco dessas relações.

O território, tanto na perspectiva de dominação quanto de apropriação, deve ser compreendido como múltiplo, uma vez que esse é apropriado ou dominado por distintos sujeitos e agentes, em diferentes porções do espaço geográfico, contextos históricos e culturais. Portanto, devem ser distinguidos de acordo com os indivíduos/agentes que os constroem, sejam eles grupos sociais, empresas, instituições como igrejas, escolas, entre outros.

É nesse sentido que nos propomos compreender o desafio dos jovens evangélicos residentes no Parque das Águas em passar pelo processo de des-reterritorialização, dada a saída de seus bairros de origem, deixando para trás um leque de relações e caminhos, sendo

obrigados a se apropriarem e construir, cotidianamente, novas relações, que possibilitarão a construção de uma identidade territorial dessa juventude com o novo bairro.

Assim, compartilhamos a ideia de Corrêa(1996) ao salientar o significado de pertencimento, não no sentido de propriedade, mas de apropriação afetiva em relação ao espaço. Desse modo, é compreensível o entendimento da desterritorialização como “perda do território apropriado e vivido” e a re-territorialização como a “criação de novos territórios, seja através da reconstrução parcial, *in situ*, de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial, em outros lugares, de um território novo” (CORRÊA, 1996, p. 252).

O conceito de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (TDR) foi definido por Raffestin(1993), ao propor a definição de territorialidade como um conjunto de ações e relações contínuas que se desenvolvem entre os sujeitos e grupos sociais no tempo e no espaço (HAESBAERT, 2007b). Em seu texto “O mito da desterritorialização”, Haesbaert (2007b) vai ainda afirmar a impossibilidade de conceber o termo “desterritorialização” desagregado do “territorialização”, uma vez que todo processo de desterritorialização envolve concomitantemente uma nova territorialização.

Na mesma obra propõe três perspectivas basilares nas quais o território é compreendido: a econômica, a política e a cultural. A releitura do território está no interior desta última concepção, uma vez que é priorizada uma dimensão mais simbólica e subjetiva do território, entendido como produto da apropriação/valorização simbólica de um determinado grupo ao espaço no qual se insere.

O que funda estes territórios é a interação diária entre os sujeitos e sua relação com o espaço, incorporando o que chamamos de territorialidade, estreitamente ligada ao modo como os indivíduos utilizam, organizam e dão significado ao espaço que habitam. Nesse sentido, buscaremos compreender o processo de re-territorialização dos jovens evangélicos do Parque das Águas a partir da relação entre os elementos identidade e territorialidade, ambos construídos pelo movimento que se consuma ao longo do tempo e que terá como elemento principal a construção de um sentimento de pertencimento desses sujeitos com o seu novo espaço de vivência. Acredita-se que esse sentimento dará a este local o caráter de território e também que se constituirá através da relação indissociável das suas ações e a formação de uma identidade social desse grupo a partir da experiência religiosa na igreja.

2 UMA DESCRIÇÃO DO NOVO LOCAL DE RESIDÊNCIA

A proposta deste capítulo consiste em fazer uma descrição do Parque das Águas. Para isso, procurou-se discutir a política que originou o empreendimento, além de um relato acerca das características físicas e sociais do local.

2.1 RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS: EDIFICAÇÃO, ESTRUTURA E LÓGICA DE CONSTRUÇÃO

O direito à moradia, reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos(1948) e na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), dá a habitação e outros bens e serviços o caráter de necessidade básica do indivíduo. Assim, segue o artigo 25, presente na citada declaração:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito a segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle¹².

Diante disso e de outras declarações e tratados internacionais de Direitos Humanos, leis e planos desenvolvidos a *posteriori*, o Estado brasileiro, nas últimas décadas, tem unido tais direitos à medidas econômicas para alavancar setores da economia, com o intuito de mediar a contenção de crises financeiras do país, promovendo ações baseadas na edificação de conjuntos habitacionais para atender à demanda por moradia em diferentes segmentos sociais e, também, desenvolver setores econômicos envolvidos na construção de tais conjuntos. A exemplo, o Banco Nacional de Habitação em 1960 e, mais recentemente, em 2009, o Programa Minha Casa Minha Vida.

O Minha Casa Minha Vida é um programa do governo federal que objetiva a construção de unidades habitacionais populares a fim de atender à demanda por moradia da população de menor renda, incentivando o mercado a assumir essa parcela que não teria a possibilidade de adquirir a casa sem os subsídios ou facilidades de compra promovidos pelo Programa. Criado em contexto de crise, o projeto se apresenta como uma solução para alavancar a economia, uma vez que sua execução envolve uma multiplicidade de setores econômicos.

¹²Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Lançado em 2009, o programa chega ao ano de 2014 com de cerca de 3,4 milhões de unidades habitacionais contratadas e com um valor de 34 bilhões em investimentos (TOURINHO; SILVA, 2015). Entretanto, ainda segundo os autores, o programa também é marcado por críticas que evidenciam contradições e conflitos que se fizeram presentes em outro programa desenvolvido anteriormente no Brasil e que também se voltou para a produção do espaço urbano, como o: o Banco Nacional de Habitação (BNH).

Assim, em termos de comparação, o PMCMV mantém algumas semelhanças com as políticas habitacionais das décadas de 1960 e 1970 empreendidas no BNH. Do mesmo modo que o Minha Casa Minha Vida, o Banco Nacional de Habitação surgiu em contexto de crise nos setores imobiliário, político e econômico e, dessa maneira, se apresentou como uma estratégia para estimular o mercado, gerar empregos e resolver a questão do *déficit* habitacional. Assim, Valhares (1980, p. 34) reitera:

Injetando consideráveis recursos na construção de habitações populares, o BNH não apenas financiou a construção de unidades habitacionais, cumpriu outros de seus objetivos gerais, quais sejam, gerar empregos e propiciar o desenvolvimento da indústria de materiais de construção, e oferecer ainda à iniciativa privada (empresas de construção civil) contratos para a realização de empreendimentos numericamente importantes.

Nesse sentido, ambos os programas, ainda que apresentem benefícios para as famílias selecionadas e contempladas pelas residências, opera pela lógica do mercado, pois, como afirma Tourinho e Silva (2015, p. 403), “no capitalismo, como qualquer outro bem, se converte em mercadoria que precisa ser realizada no mercado”. Desse modo, sua lógica se manifesta em um conjunto de ações que são alvo de muitas críticas. Dentre as quais, o fato dos empreendimentos serem construídos em locais muito distantes das áreas centrais e valorizadas das cidades, estendendo, precariamente, o tecido urbano. Fato que, como será visto ao longo do trabalho, se deu também no caso do Parque das Águas e que condicionará a vida e o processo de re-territorialização dos jovens dessa pesquisa.

Em 2012, ano de inauguração do residencial Parque das Águas, o PMCMV se apresentava como a principal política de habitação no município de Juiz de Fora¹³ e teve como objetivo resolver a questão do *déficit* habitacional na cidade. Dados apresentados no

¹³ Atualmente, para a faixa de renda (1), o programa não tem contemplado ações. Entretanto para empreendimentos destinados a faixa (2), as ações permanecem ativas. Sobre o termo faixa de renda, os parágrafos a seguir farão uma discussão.

Plano Municipal de Habitação do município (PJF, 2010) mostram o significativo *déficit*¹⁴ existente. Ao todo são 10.169 famílias que necessitam de moradia.

No momento da construção do empreendimento Parque das Águas, o PMCMV se organizava em torno de três faixas de renda¹⁵. A primeira faixa (que contempla os residentes no Parque das Águas) para as famílias com renda bruta de até R\$ 1.600,00: “o financiamento é feito pelo FAR – Fundo de Arrendamento Residencial, em parceria com o Poder Público (Estados e municípios)” (CAIXA, s. d., p. 6). O município cadastra as famílias de acordo com os critérios definidos para o programa que então é validado pela Caixa Econômica Federal (CEF). Concomitante a isso, as construtoras interessadas apresentam os projetos à CEF que, após análise, “contrata a operação, acompanha a execução da obra, libera recursos conforme cronograma e, concluído o empreendimento, contrata o parcelamento com as famílias selecionadas” (CAIXA, s. d., p. 10). Para as famílias com renda até R\$ 5 mil (faixa 2) a Caixa financia as empresas da construção civil do mercado imobiliário para a produção de habitação popular, priorizando a faixa acima de R\$ 1.600,00 a R\$ 3.100,00. Neste caso, a União e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) alocam os recursos. As construtoras, após terem seus projetos aprovados, podem então lançar e comercializar seus empreendimentos. Os empreendimentos da faixa 3 realizam-se na mesma perspectiva da faixa 2, porém a faixa de renda é de até R\$ 10.000.

Sobre as explicitações anteriores, referentes à distribuição do PMCMV por faixas de renda, cabe ressaltar mais essa semelhança em relação ao Programa Nacional de Habitação, que também se apresentava dividido em três faixas de rendimento familiar mensal. De acordo com Arantes e Fix (2009), o PMCMV organiza-se a partir da produção ‘por oferta’. Nela, a “construtora define o terreno e o projeto, aprova junto aos órgãos competentes e vende integralmente o que produz para a Caixa Econômica Federal” (p. 2). Tal processo ocorre, dessa forma, “sem gastos de incorporação imobiliária e comercialização, sem risco de inadimplência dos compradores ou vacância das unidades” (ARANTES; FIX, 2009, p. 3). Fica sob responsabilidade do poder municipal a extensão das redes de saneamento básico,

¹⁴ Para Rangel e Silva (2009), o índice denominado *déficit* habitacional, se refere a falta de moradia digna, fator que leva em conta o total de famílias que se encontram em moradias inadequadas. “São consideradas inadequadas aquelas construções que precisam ser inteiramente repostas, porque foram feitas com material precário, [...], os casos em que mais de uma família mora em uma mesma casa, a coabitação; o adensamento excessivo, quando mais de três pessoas dividem o mesmo quarto; ou o ônus excessivo de aluguel, em que uma família compromete mais de 30% da renda” (RANGEL; SILVA, 2009, p. 69).

¹⁵ No início de 2017, foram apresentadas pelo novo governo as novas regras para o programa. De acordo com as mudanças apresentadas no site da Caixa Econômica Federal, houve ampliação do limite de renda para a terceira faixa, subindo para 9.000. Não houve alteração para a primeira faixa de renda, que atende famílias com renda de até R\$1.800,00. Disponível em: <www20.caixa.gov.br>. Acesso em: 2 fev. 2017.

asfalto das vias de acesso e construção dos equipamentos públicos, como: creches, unidades de saúde, escolas etc.

A distribuição das moradias direcionadas às famílias com renda de até R\$ 1.600,00 na cidade de Juiz de Fora foi realizada pela Prefeitura através da EMCASA¹⁶ e por meio de sorteio mediante cadastro prévio. Vale ressaltar que, ao realizarem o cadastro no banco de dados da EMCASA, era obrigatório que as famílias apresentassem comprovação de suas condições atuais de moradia, com o intuito da organização do sorteio dividir-se em cotas de acordo com as necessidades imediatas das famílias. Com isso, uma parcela das residências era reservada a perfis específicos dos inscritos, viabilizando contemplar primeiramente aquelas famílias que situavam suas moradias em áreas de risco, possuíam idosos, crianças e deficientes entre seus integrantes, entre outras especificidades.

Para o sorteio não foi considerada a proximidade das antigas residências dos inscritos com os novos locais de moradia destinados pelo programa. Neste caso, tanto o residencial Parque das Águas como os outros empreendimentos edificadas a partir do PMCMV abrigaram famílias de várias regiões da cidade, inclusive a grande maioria de regiões distantes do empreendimento.

O local escolhido para abrigar as residências do atual, Parque das Águas, foi cedido pela Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) e conta, em seu entorno, com mais dois empreendimentos construídos pelo PMCMV, ambos com um número expressivo de famílias, o que qualifica a área como um local que recebeu um incremento significativo de novos moradores nos últimos anos.

No que se refere à escolha dos locais de construção das novas moradias, segundo Arantes e Fix (2009), na primeira faixa de renda a produção das unidades por parte das construtoras privadas ocorre por *oferta privada ao poder público*, ou seja, é a construtora que define o terreno - em muitos casos doados pelo poder público municipal. A justificativa é a dificuldade do poder público, sobretudo municipal, na aplicação de recursos e, por outro lado, a pouca capacidade de resposta a uma demanda em grande escala dos movimentos populares ou cooperativas, o que acabou induzindo o governo federal a optar por uma produção diretamente de mercado.

¹⁶“Visando a execução de todas as ações voltadas a inibir e combater o *déficit* habitacional no município de Juiz de Fora, a Empresa Regional de Habitação de Juiz de Fora (EMCASA) foi criada pela Lei n. 7.152, de 27 de agosto de 1987, constituída como uma sociedade de economia mista, regida pela Lei n. 6.404 de 15 de dezembro de 1976, tendo como acionista majoritário a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), e demais ações distribuídas pelo capital privado”. Disponível em: <http://pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/emcasa/historico.php>. Acesso em: 23 maio 2015.

Desse modo, o governo ao invés de atuar para reverter esse quadro de entraves à gestão pública e de fragilidade do associativismo popular, reconhece que a eficiência está ao lado das empresas privadas. Essas empresas, uma vez tendo seus projetos aprovados, executam e vendem integralmente para a CEF, não tendo assim gastos com a incorporação e comercialização dos empreendimentos: são os verdadeiros protagonistas no fornecimento habitacional, decidindo onde construir, o que construir e como construir. Sendo assim, a maior parte dos empreendimentos destinados a faixa 1 do PMCMV é alocado em locais menos valorizados da cidade, não se diferindo do que aponta Arantes e Fix (2009).

Nesse quesito, é interessante mais uma vez traçar um comparativo com as apresentações tecidas por Valhares (1980) acerca das edificações do BNH, em sua “Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro”. De acordo com o pesquisador no que concerne à localização dos empreendimentos, “todos os conjuntos habitacionais, praticamente, situavam-se na Zona Norte e Suburbana” (VALHARES, 1980, p. 41).

Corroborando tais apreensões, Tourinho e Silva (2015), ao fazer uma comparação entre o BNH e o PMCMV a partir da análise da Região Metropolitana de Belém, conclui que a localização dos empreendimentos em ambos os programas e épocas é revelada a partir do poder de compra dos mutuários. Desta maneira, os empreendimentos destinados a menor faixa de renda são direcionados às regiões menos privilegiadas da cidade e até rurais.

O Parque das Águas não foge a essa regra: situado nas franjas do tecido urbano da cidade de Juiz de Fora, em sua região Norte, foi construído em terreno antes pertencente a uma fazenda, possuindo 565 unidades horizontais. A estrutura das residências constitui em uma casinha térrea, estabelecida como padrão pela CEF no manual de orientação do programa, “tendo 32 m² de área útil, paredes em bloco baiano rebocado, janelas de ferro, quartos de 7m², cozinha mínima, sem área de serviço, com tanque e varais ao relento” (ARANTES; FIX, 2009. p. 9).

Dados da pesquisa realizada por Cassab e Barbosa (2015) permitem traçar algumas considerações acerca das características físicas e sociais presentes no empreendimento. Sua inauguração em 2012, impactou diretamente nos bairros do entorno, provocando efeitos no transporte coletivo, escolas, creches e Unidade de Atendimento Primário (UAP), uma vez que a mesma não fora acompanhada da construção imediata de novos equipamentos sociais capazes de suprirem a nova demanda.

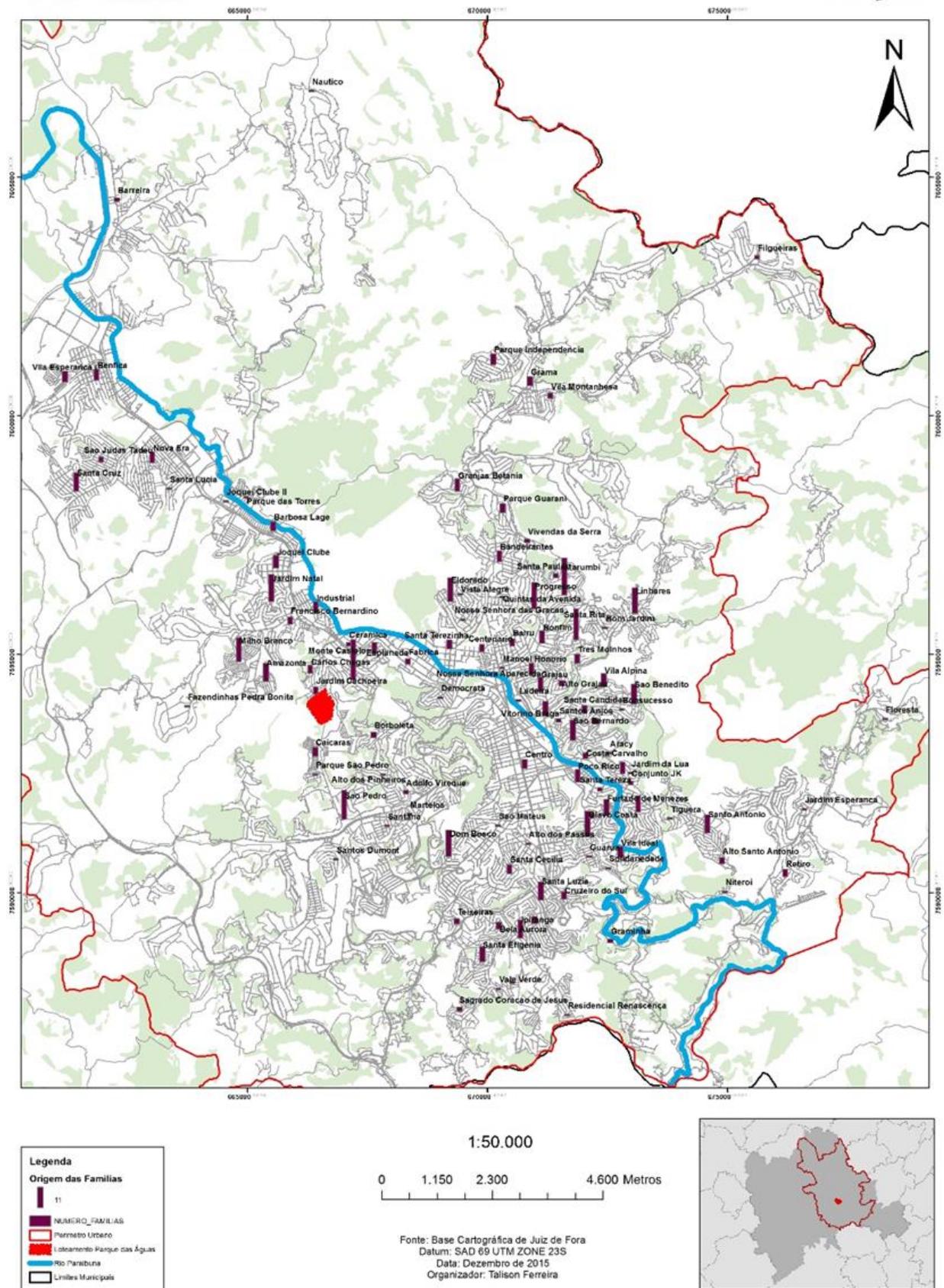
Como consequência, a pesquisa relata o estranhamento e responsabilização dos moradores do residencial pela sobrecarga nesses equipamentos. As autoras prosseguem destacando a ausência de comércio variado, equipamentos culturais, correios, bancos, entre

outros; o que obrigava os moradores a se deslocarem para outros pontos da cidade em busca de tais serviços, arcando com as despesas desse deslocamento.

Outra questão que também merece atenção é o critério utilizado pela prefeitura no direcionamento das famílias para o empreendimento. O mapa¹⁷a seguir, aborda as regiões urbanas de Juiz de Fora, permitindo visualizar a localização do empreendimento Parque das Águas e os locais de origem das primeiras famílias que receberam casas.

¹⁷ O mapa é fruto da pesquisa “O Programa Minha Casa Minha Vida na realidade de uma cidade média: impactos no ordenamento urbano e na (re)definição das identidades territoriais dos jovens residentes”, desenvolvida pelo NuGea e financiada pela FAPEMIG.

Figura 1 - R.U. de origem das famílias atendidas pelo programa Minha Casa Minha Vida – Parque das Águas



Fonte: EMCASA/NUGEA (2014).

É possível visualizar, a partir do mapa, uma ampla espacialização dos bairros de origem das famílias, mostrando que não houve nenhum critério que levasse em conta os locais de procedência das mesmas, reproduzindo no Parque das Águas conflitos de caráter territorial já presentes entre bairros da cidade. A maioria dos locais de origem das famílias está em bairros completamente distintos do novo endereço de moradia, o que nos permite compreender que a escolha da realocação das famílias, bem como dos locais de construção dessas moradias considerou apenas a necessidade imediata pela residência, desconsiderando especificidades inerentes aos seus itinerários, relações de vizinhança, local de trabalho, escolas, creches etc., ou seja, aspectos territoriais que constituíam as relações dessas famílias com seu local de moradia.

No tocante às condições de moradia dos contemplados pelo empreendimento Parque das Águas, torna-se evidente a lógica de mercado em que se dá à produção desses novos espaços, visto que o novo bairro carece de infraestrutura mínima em serviços de apoio à moradia.

A casa envolve outros planos espaciais. É dela que o indivíduo parte em busca de articulações espaciais e apoia sua vida cotidiana. Por essa razão, o espaço da habitação e o ato de habitar se revelam como criadores de uma identidade na medida em que

o habitar implica um conjunto de ações que articula também planos e escalas espaciais (o público e o privado; o local e o global) que envolve a vida que se realiza pela mediação do outro, imerso numa teia de relações que constrói uma história particular, que é, também, uma história coletiva, onde se insere e ganha significado a história particular de cada um. A articulação entre o público e o privado se coloca como condição necessária da constituição do sujeito coletivo, como da constituição da vida (CARLOS, 2003, s.p.).

No bairro foram construídas apenas as residências sem que houvesse de imediato a construção de equipamentos sociais que viessem a atender as necessidades dos novos moradores.

Ainda no tocante a descrição do local, agora em referência a sua estrutura física e estética, quando de sua inauguração contava apenas com residências, todas de mesma tipologia e ruas de asfalto batido, cujas identificações designavam-se por letras de A a P, sem a utilização de placas. Embora as ruas já tenham sido nomeadas (inclusive com a instalação de placas nos logradouros), os moradores ainda utilizam a nomenclatura antiga ao se referirem aos seus endereços. Vemos aqui um elemento interessante no que concerne à reterritorialização: a identificação dos moradores com as antigas nomenclaturas das ruas demonstra uma apreensão criada a partir da vivência no local – em razão de uma

assimilação simbólica do espaço. Mesmo após modificações, as identificações iniciais se fazem presentes. A figura a seguir apresenta o residencial logo após a sua inauguração, quando ainda não constavam as modificações promovidas pelo poder público e pelos moradores no local.

Figura 2 – Residencial Parque das Águas logo após sua inauguração



Fonte: Arquivo virtual¹⁸.

Com relação à oferta de espaço público de promoção de sociabilidade, o local contava com duas pequenas praças que hoje se encontram bastante depredadas e deterioradas.

Em consonância com Gomes (2001), como espaço público podemos afirmar sua compreensão a partir de duas formas indissociáveis, “por um lado, um espaço definido por um estatuto jurídico igualitário e democrático e, por outro, aquele no qual praticamos uma certa atitude e um certo comportamento social que o identificam com uma vida pública democrática” (GOMES, 2001. p.96). Nesse sentido, as praças do residencial, por apresentarem a oferta de um espaço pouco dotado de qualidade em seu sentido físico, caracterizam-se por não prover a possibilidade de sua ocupação e, conseqüentemente, o aniquilamento das práticas sociais que poderiam se dar no local e que promoveriam a configuração física desse espaço como público.

A figura a seguir exhibe o local que sedia a praça do residencial. O espaço atualmente se encontra bastante depredado.

¹⁸Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/Q6lMKNFqLRk/maxresdefault.jpg>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

Figura 3 – Praça do Parque das Águas - 2017



Fonte:Arquivo da pesquisa (2017).

Outra característica que merece destaque relaciona-se à ínfima oferta de áreas verdes no local: as poucas árvores que existem estão localizadas numa porção específica do empreendimento (Figura 2). Para Mascaró e Mascaró (2001, p. 13), a vegetação em áreas urbanas é algo extremamente necessário ao bem-estar dos habitantes. Nas palavras dos autores, “as árvores, os arbustos e outras plantas menores e no seu conjunto constituem elementos da estrutura urbana”. E ainda complementam, afirmando que essas áreas verdes

desempenham funções importantes para o recinto urbano e para seus habitantes, ajudam no controle do clima e da poluição, na conservação da água, na redução da erosão [...]. Promove a biodiversidade e o bem-estar dos habitantes, valorizam áreas, servem como complementação alimentícia e fonte de remédios para populações carentes, embelezando seus deteriorados espaços de moradia (MASCARÓ; MASCARÓ, 2001, p. 13).

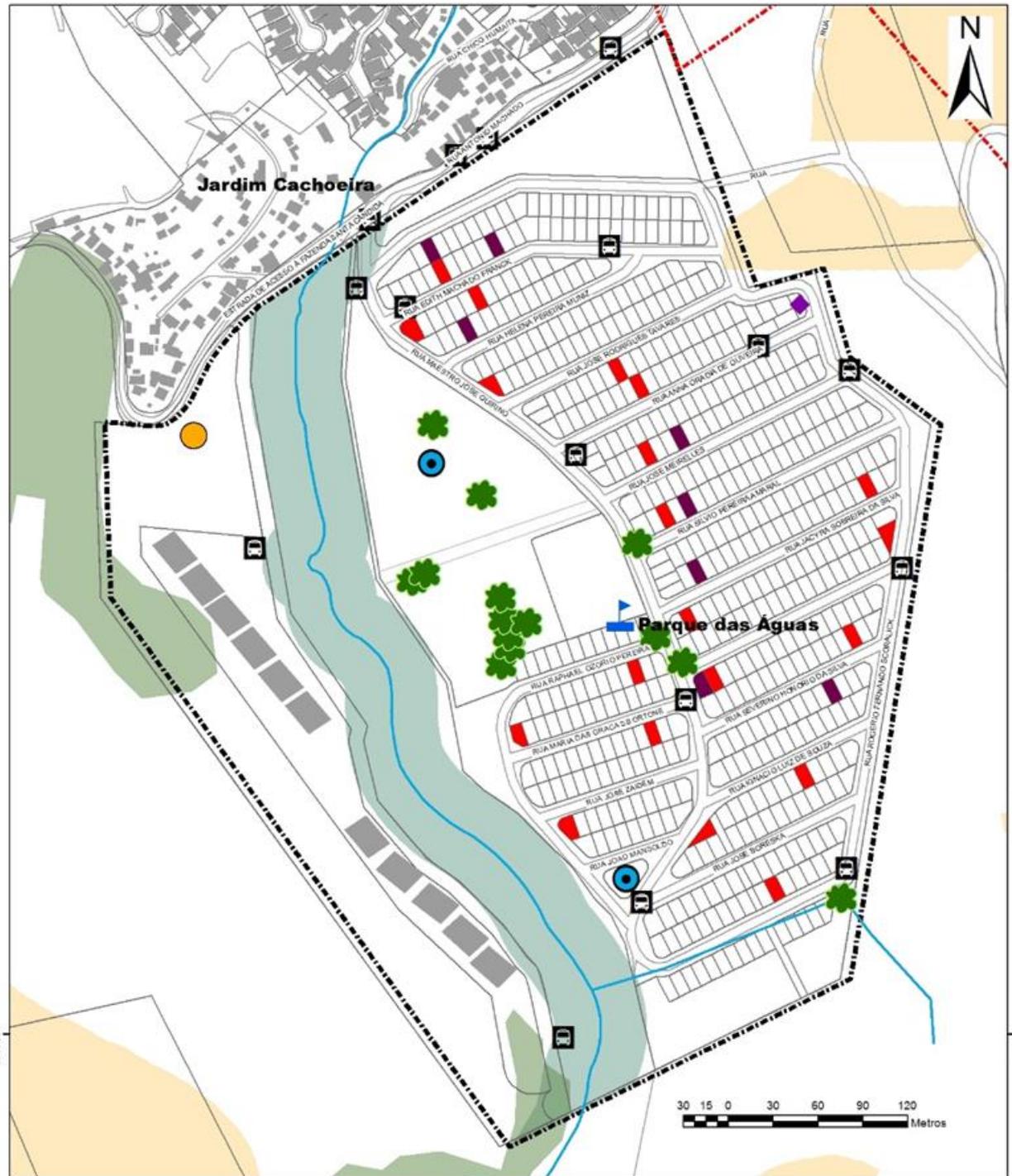
No residencial não há uma preocupação estética, tampouco que trabalhe questões apresentadas pela autora no que se refere aos benefícios das áreas verdes no ambiente urbano. É comum que as casas apresentem problemas como rachaduras e vazamentos causados pela chuva. Após a inauguração era corriqueiro os meios de comunicação da cidade noticiarem casos de moradores reclamando de problemas estruturais envolvendo as habitações. É o que exemplifica a notícia publicada em 2013 pelo portal G1:

Moradores se queixam de estrutura no Parque das Aguas em Juiz de Fora', a notícia descreve problemas relacionados a infiltração tendo como consequência, incêndios provocados pela entrada da água, desabamento dos forros, rachaduras e mofo. Assim, nas palavras do morador, 'invade água, está trazendo problema na parte elétrica de toda casa, rachadura, várias casas já pegaram fogo' (G1, 2013).

Quase cinco anos após a sua inauguração o residencial passou por uma reestruturação protagonizada pelos próprios moradores. Muitas casas não apresentam as mesmas características, pelo menos externamente. Nas ruas do local, acopladas às casas foram surgindo pequenos comércios e um número significativo de igrejas evangélicas. É importante ressaltar, para efeito dessa pesquisa, a nãoexistência de igrejas ou espaços religiosos dedicados a outros segmentos religiosos. Em termos de equipamentos, o mapa a seguir apresenta a localização dos serviços ofertados atualmente no Parque das Águas¹⁹.

¹⁹ O mapa é fruto da pesquisa intitulada "O ato de habitar: localização, qualidade ambiental e habitação na experiência do MCMV? Juiz de Fora/MG", desenvolvida pelo NuGea e financiada pela FAPEMIG.

Figura 4 – Equipamentos e serviços presentes no Parque das Águas



- Legenda**
- ◆ Reservatório de água
 - Escolas Municipais
 - P Pontos de Ônibus
 - Hidrografia
 - Árvores
 - Comércio
 - Igreja
 - Praças
 - Região Urbana do Monte Castelo
 - Loteamento Parque das Águas
 - Crèches Comunitárias
 - Matas
 - APP Curso d'água e Mata
 - APP topo de morro

1:2.500

Fonte: Base Cartográfica de Juiz de Fora
 Datum: SAD 69 UTM ZONE 23S
 Data: Outubro de 2016
 Organizador: Talison Ferreira



Fonte: Banco de dados NuGea.

O empreendimento conta também com a existência de uma creche e uma escola municipal. De acordo com a notícia publicada pelo Tribuna de Minas em 2015²⁰, a escola foi inaugurada em 2014 e conta com uma estrutura que relaciona 11 salas de aula, sala de reforço escolar, refeitório, cozinha, biblioteca, área de convivência e quadra poliesportiva.

No entanto, em conversa com uma professora que atua no local, constatou-se que a escola passa por sérios problemas com infiltração. Já a creche, inaugurada em 2015, é descrita como capacitada a atender entre 60 e 90 crianças de até 3 anos de idade. Segundo informações disponibilizadas pelo JFClipping (2015), em termos de estrutura, o local conta com um bloco administrativo, dois pedagógicos e um de serviços destinados a sala dos professores, além de sanitários, cozinha, refeitório, lactário, lavanderia, vestiários, copa, sala multiuso, fraldários, solários, pátio coberto, *playground*, entre demais instalações. Entretanto, para esta unidade não foi feito um contato com servidores atuantes para verificar acerca do funcionamento e estrutura da unidade.

Além disso, é importante pontuar o fato de que apesar da figura 1 ilustrar a significativa existência de pontos de ônibus no residencial, apenas duas linhas atendem o local em conjunto com os bairros do entorno Monte Castelo e Jardim Cachoeira e, dessas duas, apenas uma das linhas circula pelas ruas do Parque das Águas.

Concernente à descrição do residencial, é clara a lógica de mercado em que são edificadas as moradias para esta faixa de renda do programa. Para Arantes e Fix (2009, p. 9), “as condições materiais e simbólicas de conjuntos habitacionais desse tipo, como se sabe, promovem a segregação dos trabalhadores e a falta de qualidades mínimas de vida urbana e serviços públicos”.

Outro fator importante relacionado às características do Parque das Águas está a sua estigmatização: a maioria dos moradores do entorno se referem ao local como violento (CASSAB; BARBOSA, 2015). Nesse quesito, muitos moradores do residencial relatam ter havido uma significativa melhora nos índices de violência no local desde 2012, enfatizando ainda que esse caráter violento se apresentou logo no início de sua inauguração em razão de o local ter sediado um grande contingente de famílias originadas de diferentes bairros, os quais já apresentavam conflitos de caráter territorial anteriores, mas os habitantes ressaltam não haver a existência de tais conflitos dentro do local atualmente.

Porém, o residencial ainda é muito estigmatizado pelo entorno e meios informacionais da cidade. É com certa regularidade que o Tribuna de Minas, jornal de maior circulação na

²⁰ Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/nova-escola-e-inaugurada-no-parque-das-aguas/>>. Acesso em: 17 out. 2015.

cidade de Juiz de Fora, noticia casos de violência ocorridos no residencial ou mesmo envolvendo moradores do local. Este tipo de representação reproduz um imaginário que reforça a segregação socioespacial e o estigma da violência associado aos moradores e ao próprio Parque das Águas. Lugar e pessoas que devem ser evitados.

A caracterização do Parque das Águas, desenvolvida ao longo deste item, nos permite entender questões inerentes à estrutura, bem como aos problemas de alocação das famílias no local. Compreender tais questões é de extrema importância à medida que nos permite apreender o meio onde vivem os jovens da pesquisa. Essa juventude, em razão de sua opção religiosa, relatou em sua maioria não gostar do novo local de moradia por considerá-lo violento, possuir alto índice de consumo de drogas e não ter opções de lazer. Muitos, inclusive, relataram ser a escola e a igreja os únicos locais em que iam. Foi também evidenciada a forte presença de espaços destinados a práticas do pentecostalismo no local.

A territorialização das igrejas evangélicas pentecostais nas periferias das cidades é uma característica contemporânea, inclusive o incremento no número de adeptos da religião, preferencialmente a denominação pentecostal. O Capítulo 3 cuidará de fazer uma discussão em torno do avanço do pentecostalismo, bem como também o seu modo de expansão e estratégias para tal, sempre num paralelo com o residencial Parque das Águas. Acredita-se ser essencial tais compreensões para o andamento do trabalho, e em especial, a análise dos resultados obtidos a partir das entrevistas com os jovens.

3 IGREJAS PENTECOSTAIS, EXPANSÃO E TERRITORIALIDADE: CARACTERIZANDO A IGREJA EVANGÉLICA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”

Os dados sobre população e religião apresentados nos últimos censos têm revelado o incremento significativo do número de adeptos da religião evangélica, mais especificamente a denominação pentecostal. Pesquisas²¹também apontam o fato dessas igrejas apresentarem-se geograficamente nas regiões mais carentes das cidades. Dessa maneira,esse capítulo tem como propósito abordar três principais questões, são essas: fazer uma discussão acerca de tal crescimento em número de adeptos, discutir o perfil geográfico de expansão do pentecostalismo – inclusive no que se refere à discussão sobre a territorialidade pentecostal, tendo como exemplo o residencial Parque das Águas – e, finalmente, fazer um apanhado do seu perfil, já adentrando na discussão acerca das características trazidas pela igreja pentecostal “Jesus Cristo a Única Esperança” do Parque das Águas.

3.1 UMA ABORDAGEM DO CRESCIMENTO PENTECOSTAL NOS ÚLTIMOS ANOS

Para Carvalho (1992), a religiosidade contemporânea caracteriza-se por uma variedade de formas religiosas. Como afirma Hervieu-Léger (1997, p. 32), “nos anos 60-70, a pesquisa empírica impôs a evidencia universal de novos surtos religiosos inesperados, tanto no seio das igrejas estabelecidas quanto sob a forma de Novos movimentos Religiosos”.

A efervescência religiosa afirmada pela autora pode ser evidenciada se acompanharmos a evolução do quadro religioso brasileiro, revelado nos últimos censos (Tabela 1). Observa-se, com exceção da religião católica e afro-brasileira, um crescimento das demais. Carvalho (1992) também ressalta a efervescência das novas religiões no período moderno, bem como suas características e aproximações com as visões de mundo do catolicismo, religião até então hegemônica no Brasil. Tal fenômeno também se apresentam quadro referente às outras religiões, contido na mesma tabela e exibida a seguir.

²¹ Ver Machado (1992).

Tabela 1 - Religiões declaradas nos censos do Brasil 1980, 1991, 2000 e 2010

RELIGIÃO	1980 (%)	1991 (%)	2000 (%)	2010 (%)
Católica	88,9	83,3	73,8	64,6
Evangélica não- pentecostal	3,4	2,9	4,2	4,3
Evangélica pentecostal	3,2	3,7	10,4	17,9
Kardecista	0,7	1,1	1,4	2,0
Afro-brasileira	0,6	0,4	0,3	0,3
Sem religião	1,6	4,8	7,3	8,0
Outras religiões	1,3	1,4	1,8	1,9
<i>TOTAL (*)</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>

(*) Não inclui os que não declararam ou não determinaram.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Novaes (2005) e IBGE (2010).

No entanto, uma das principais transformações no campo religioso brasileiro nas últimas três décadas tem sido o crescimento dos adeptos das religiões evangélicas. Dados dos últimos censos demonstram uma correspondência de 6,6% da população brasileira em 1980 e 1991, 14,6%, constatadas nas apurações do censo de 2000, saltando para 22,2% em 2010.

Apesar do número de evangélicos ter crescido em termos absolutos, esse segmento não se apresenta de maneira homogênea. De acordo com Mariz e Jr. (2013, p. 162), “o censo de 1980 foi o primeiro a subdividir a categoria ‘evangélicos’ em ‘Tradicionais’²² e ‘Pentecostais’”. Considerando tal divisão verifica-se que a evolução do grupo de evangélicos pentecostal foi relevante, constituindo-se como principal propulsor do crescimento evangélico no Brasil nas últimas décadas.

Nota-se o crescimento do número de evangélicos pentecostais, especialmente entre 1991 e 2010, saltando de 3,7% para 19,9%, respectivamente. Se a população de evangélicos somou 22,2% em 2010 e, entre esses, os pentecostais aparecem entre seus 18%, aproximadamente, logo, os números indicam que 81,8 % da população evangélica do Brasil é adepta a essa denominação.

Ainda, se avaliarmos que a população de evangélicos somou 42.275 milhões de pessoas no último censo (IBGE, 2012), pode-se inferir que o número de pentecostais no Brasil ultrapassa a casa dos 34 milhões. Camurça (2013), ao se apropriar de recentes estudos estatísticos, aponta a tendência de que o número de evangélicos ultrapasse o de católicos até 2030, isso se o ritmo de crescimento permanecer o mesmo dos últimos Censos.

Para Bohn (2004, p. 291), “o avanço do evangelismo pentecostal pode ter sido facilitado pelo fato de o pentecostalismo não se tratar de uma religião inteiramente estrangeira, já que contém alguns elementos [...] das religiões de matrizes afro-brasileiras”; tais elementos dizem respeito ao modo como o pentecostalismo adota práticas dessas

²² As religiões evangélicas chamadas tradicionais ou não-pentecostais, compreendem, no Brasil, às seguintes denominações: Igrejas Batista, Episcopal, Luterana, Metodista e Presbiteriana.

religiões, como os exorcismos de Exus em seus cultos. Outro fator para o crescimento dos evangélicos também atribuído pela autora “volta-se para a deterioração do quadro socioeconômico do país” (p.292). Neste caso em referência à escolha que essas igrejas fazem pelos despossuídos.

Corroborando tal afirmação ao tratar o perfil social dos pentecostais no censo de 2010, Mariz e Jr. (2013) demonstram que o pentecostalismo atrai principalmente mulheres e os mais pobres. Ainda segundo os autores, os pentecostais apresentam a maioria de seus adeptos com um pequeno *status* social em relação ao grau de instrução, 63,6% de seus membros com renda *per capita* familiar igual ou menor a um salário mínimo e de maioria negros e pardos.

Outro ponto também tocado pelos autores diz respeito à distribuição geográfica deste segmento religioso, destacando-se como atrativas regiões receptoras de população migrante e metropolitanas, principalmente as periferias. Desse modo, Bohn (2004), em referência a Novaes(2005), irá afirma que

os evangélicos pentecostais, além de possuírem membros entre as camadas sociais menos privilegiadas de recursos financeiros, conseguem penetrar nas franjas da sociedade: em áreas que têm se mostrado inalcançáveis para outros segmentos religiosos. São setores sociais (e espaços geográficos) que, por sua precariedade de condições, revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público(BOHN, 2004, p. 292).

Assim, a precariedade da periferia pode ser compreendida como um elemento favorável na escolha pela igreja, especialmente aquela feita pelos jovens. Isso ocorre também porque os bairros periféricos dispõem de poucos atrativos a esses jovens. Por essa razão, a igreja se torna espaço de lazer, sociabilidade e encontro do grupo.

Vale ainda expor o trabalho de Machado (1997), que ao discutir a territorialidade pentecostal no Rio de Janeiro explicita ser a estrutura organizacional do pentecostalismo formada por dispositivos de expansão, hierarquia, instituições de poder e seus principais agentes religiosos. De acordo com a autora, a igreja pentecostal, em sua estrutura de organização, se difere das protestantes históricas e da igreja católica. Elas possuem ainda uma estrutura organizacional contraditória por se apresentarem hierarquicamente rígidas e ao mesmo tempo descentralizadas e flexíveis (MACHADO, 1997). Tal rigidez refere-se à verticalização das funções dentro da instituição e a descentralização e flexibilidade a forma espontânea de difusão dessas igrejas, caracterizada por um modelo de divisão celular, que desemboca na independência que essas apresentam, já que suas decisões não se centralizam como nas demais aqui citadas.

Para Camurça (2013), o crescimento dos adeptos da religião evangélica se apoia em diversos fatores, dentre os quais a forte presença feminina em idade reprodutiva, razão que influenciaria na escolha dos filhos quanto ao seu segmento religioso. Outro fator também apontado está a pouca burocracia de expansão das redes evangélicas, especialmente as pentecostais e sua forte penetração nas periferias. O autor também cita a enorme capacidade do seguimento evangélico em se direcionar ao vasto pluralismo social moderno.

Por último e mais intrigante está o destaque ao “pluralismo de ofertas”, caracterizado pelo autor por uma competição interna dentro do meio evangélico que implica,conseqüentemente, em uma gama de novas igrejas e feitura com o intuito de atrair adeptos. Assim,

assiste-se à proliferação de centenas de iniciativas midiáticas, performática em redes capilares do universo social-religioso evangélico: o *funk* evangélico no fundo da garagem, inserções de sucesso no YouTube, os ‘pancadões de Jesus’ que explodem nos subúrbios metropolitanos e as *performances* do ‘sapatinho de fogo’ que eletrizam as dezenas de cultos dos minúsculos templos (CAMURÇA, 2013, p.76-77. Grifo no original).

Tal diversidade implica numa vasta oferta válida a todos os gostos, especialmente para os jovens, tendo em vista ser a faixa etária significativa entre os adeptos do pentecostalismo. Como afirma o texto produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “os evangélicos pentecostais e os evangélicos de grupamento não determinado, que tiveram suas maiores proporções entre crianças e adolescentes” (IBGE, 2012, p. 99).

No que se refere à juventude, a pesquisa realizada em 2004 pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (POLIS), trabalhou com oito regiões metropolitanas brasileiras, entrevistando um total de mais de 8.000 jovens possibilitou traçar um novo perfil religioso da juventude brasileira (IBASE/POLIS, 2005).

De acordo com os resultados, apesar da maioria dos jovens ainda ser católica (59,9%), é crescente o número de evangélicos (21,4%)²³. Outro dado revelado pela pesquisa foi que 28,5% dos jovens entrevistados disseram possuir ligação com algum tipo de espaço de sociabilidade. A religião é apresentada como espaço social de destaque, uma vez que totaliza 42,5% dos jovens que afirmam reunir-se em torno de atividades religiosas. Para Mendonça (2009, p. 8), “o crescimento do pentecostalismo tem sido observado como fator preponderante nas substituições dos métodos tradicionais de evangelização por meios modernos e

²³Nesse total de evangélicos, somam-se todas as denominações.

tecnicamente eficazes de divulgação do evangelho”. Essas novas práticas dão à igreja um caráter menos formal e, conseqüentemente, mais atrativo, especialmente para os jovens.

A mídia também se apresenta como um canal eficaz na medida em que alcança uma massa significativa de indivíduos. Também podem ser vistas cotidianamente nos *outdoors* expostos por essas igrejas, ou mesmo canais e programas de televisão e rádio sob o domínio delas, promessas atrativas aos seguidores, como a cura, a libertação das drogas, a prosperidade, a paz na família, revelações, entre outras coisas, tendo como intuito angariar cada vez mais adeptos a este segmento religioso em ascensão.

3.2 CARACTERIZANDO A TERRITORIALIDADE PENTECOSTAL APARTIR DE UMA APROXIMAÇÃO COM O RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS

De acordo com Machado (1992), diferente da estrutura católica e das igrejas protestantes históricas, as pentecostais apresentam-se mais flexíveis e descentralizadas. Ao fazer tal afirmação a autora se refere ao modo de expansão caracterizado como divisão celular. Tal mecanismo alude à independência que essas igrejas apresentam. Assim, nas palavras da autora,

não existe, como na Igreja Católica ou na Protestante Histórica, um clero profissional que centralize todas as decisões. Apesar de haver um controle sobre as igrejas por parte das instâncias superiores de poder que configuram uma dada denominação, a difusão pentecostal não depende das denominações dessas instancias, mas do esforço individual de cada crente (MACHADO, 1994, p. 139).

Ainda para a autora, nas pentecostais não há a necessidade de um estudo acadêmico para que um pastor atue como dirigente de uma igreja. A principal habilidade exigida de um dirigente é a de evangelizar. Assim, descreve, “os pastores são homens do povo” (MACHADO, 1994, p. 140). Isso possibilita que cada igreja selecione o pastor entre seus membros, ou ainda, que algum membro se apresente como nova liderança investida no processo de difusão pentecostal.

Tais afirmações são corroboradas por Elizângela, líder da igreja evangélica “Jesus Cristo a Única Esperança”: “a ideia do nosso pastor é [...], atrair mais pessoas [...], mais membros e futuramente formar mais obreiros pra sair e levar nossa igreja pra outros bairros também [sic]” (Entrevista de campo, 2017). Quando questionada sobre a exigência de curso para se tornar Pastor ou Pastora, a mesma afirmou não haver essa imposição, sendo essencial

apenas o “dom da palavra”. Também fica clara a intenção da igreja em se expandir geograficamente.

A não obrigatoriedade do estudo acadêmico para as lideranças, bem como a expressão “homens do povo”, revelam o caráter de expansão dessa denominação pelas classes mais desprivilegiadas. Tal afirmação é atestada por Machado (1994) ao expor que “os crentes e pastores, por surgirem no seio da própria população, passam um discurso simples, informal, direto e pouco elaborado para uma população que reconhecidamente possui um baixo nível de instrução” (p. 159). A exemplo, no que se refere à atuação geográfica da igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”, seus pontos de ação se situam nos seguintes bairros da cidade: Encosta do Sol, Ipiranga, Parque das Águas e Dom Bosco, todos considerados bairros pobres da cidade de Juiz de Fora.

As condições precárias ou diminutas de existência nesses bairros, tais como a ausência de equipamentos públicos, culturais, de lazer e sociais, bem como os inúmeros problemas enfrentados pelos moradores, contribuem para tornar a igreja um local de refúgio e solução aos problemas cotidianos. É assim que, para os adeptos do pentecostalismo e frequentadores destas igrejas, ela funciona não apenas como um local utilizado para manifestação da fé, mas também, de encontro, de troca de experiências, de conforto, de ajuda espiritual e psicológica.

Do ponto de vista organizacional, Machado (1992) salienta que cada denominação pentecostal é composta de seis instâncias de poder ligadas entre si hierarquicamente. São elas: organismo supralocal, templo sede ou igrejas-mãe, igrejas filiais, salões e pontos de pregação. O organismo supralocal é responsável por orientar e reger as igrejas que compõem a estrutura da denominação. Nele estão investidos os crentes que atuam nas mais altas funções. Logo abaixo se situa o templo-sede. Associadas e subordinadas a ele está uma gama de igrejas menores, as chamadas filiais, salões e pontos de nucleação.

É o caso da igreja evangélica “Jesus Cristo a Única Esperança”, igreja filial na instância hierárquica. Como explicitado pela líder, “aqui é só um ponto de trabalho né?! A sede da nossa igreja é no bairro Encosta do Sol” [sic] (Entrevista de campo, 2017). No entanto, durante a entrevista, a líder mencionou o fato de sua residência já ter sido, inicialmente, um ponto de pregação até formação da igreja.

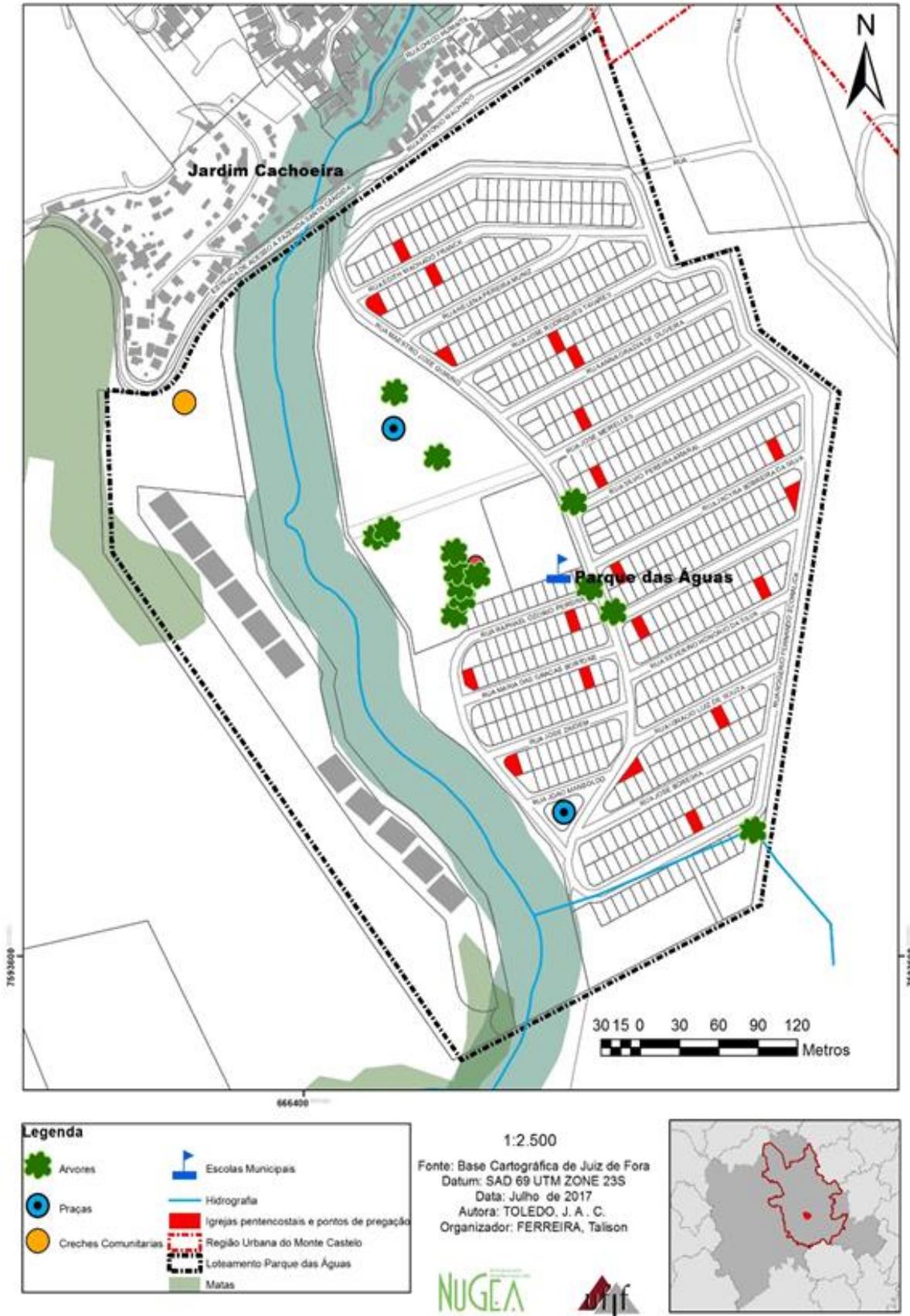
De acordo com Machado (1992), apesar dos pontos de nucleação ou pregação situarem na menor instância organizacional do pentecostalismo, eles constituem importante mecanismo de expansão dessas igrejas. Através de reuniões em residências ou pequenos salões para estudo bíblico, alimenta-se o ciclo de reprodução do pentecostalismo, funcionando como uma eficaz estratégia de conquista territorial. São esses pontos que dão origem às

igrejas filiais, que ao conquistarem um número significativo de adeptos, dão origem a uma nova igreja sede, e assim, sucessivamente. A autora ainda destaca que “reunindo um número cada vez maior de adeptos, o ponto de pregação tende a se tornar independente e a se constituir em templo-sede, [...] a descentralização é amola que impulsiona todo o ciclo de reprodução pentecostal” (MACHADO, 1994, p. 141).

Com o intuito de reconhecer a territorialização das igrejas pentecostais no residencial, foram efetuadas duas contagens, em 2016 e 2017, acerca da presença de pontos de pregação e igrejas. O objetivo era identificar alguma mudança durante o período, tendo em vista o caráter não fixo dessas igrejas.

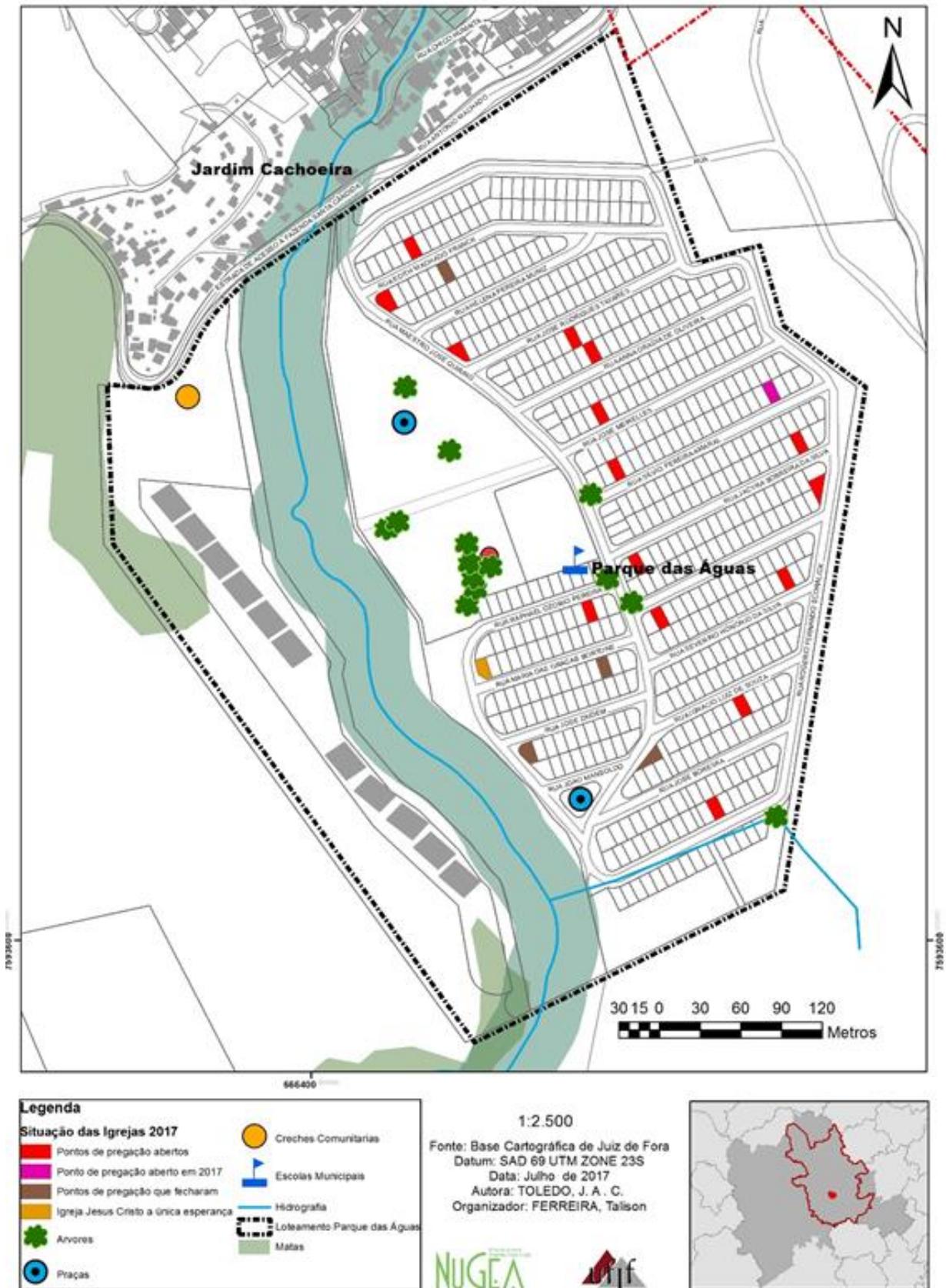
As contagens deram origem aos mapas representados pelas figuras 3 e 4, possibilitando uma análise comparativa. A coleta dos dados teve como base o mapa do loteamento. A partir dele, transitou-se em todas as ruas do empreendimento a procura de placas informando a existência de igrejas evangélicas ou eventos religiosos. Nesse sentido, as imagens a seguir permitem a visualização da territorialização das igrejas pentecostais no Parque das Águas, traçando um comparativo entre os anos 2016 e 2017.

Figura 5 - Localização dos pontos de pregação evangélicos no residencial Parque das Águas – fevereiro de 2016



Fonte: Arquivo da pesquisa(2016).

Figura 6 – Localização dos pontos de pregação evangélicos do parque das Águas -março de 2017



Fonte: Arquivo da pesquisa(2017).

É possível notar a constância com que essas igrejas se apresentam no local. Ao todo, foram contabilizados 20 pontos de pregação na primeira contagem e 17 na segunda. A diminuição desses locais se deu em função de 3 dos pontos contabilizados inicialmente terem encerrado suas atividades e outro, mudado de localização. Dessa maneira, o mapa representado na figura 6 apresenta quatro pontos encerrados e um novo. Entretanto, um desses quatro encerrados mudou apenas a sua localização dentro do residencial, encontrando-se, atualmente, sediado no ponto indicado como novo no mapa.

Desse modo, apesar de não ter havido uma significativa alteração no intervalo entre as duas contagens, podemos observar o caráter não fixo dessas igrejas. Para Machado (1994), o modo descentralizado e peculiar de expansão desemboca na não fixidez em relação aos locais nos quais estas igrejas se instalam em termos de estrutura física. É comum vermos igrejas abrindo e fechando suas portas constantemente, ou mesmo mudando de localização no mesmo bairro. Em consonância com Machado (1994, p. 161): “a igreja pentecostal envolve uma estratégia espacial que aponta para um tipo de território e de territorialidade essencialmente informal e transitório”.

As igrejas observadas em campo se caracterizam por estarem instaladas em cômodos ou garagens edificadas na parte exterior das residências. Além disso, o maior número se localiza nas residências mais próximas à rua principal do loteamento. Foi observada a presença de igrejas filiais das denominações “Universal do Reino de Deus” e “Assembleia de Deus”, ambas conhecidas nacionalmente através da mídia e outros meios de divulgação em massa.

Durante o trajeto de campo foi possível realizar algumas conversas informais com moradores. Muitos afirmaram considerar a permanência dessas igrejas no residencial como sendo muito importante, especialmente “pelo bairro ter se iniciado em um clima muito pesado”, conforme relatado por um dos moradores, o que parece corroborar o afirmado por Machado (1994), para quem os membros dessas igrejas, ao mesmo tempo que se mantêm fiéis às regras impostas por elas, encontram nelas – e através delas – apoio material e emocional. Quando perguntados sobre a percepção quanto ao seu acréscimo ou decréscimo local, a maioria afirmou um crescente aumento.

Considerando as características físicas do bairro, bem como a dinâmica na qual se deu a instalação das famílias no local, o que se percebe mais uma vez é a forte presença dessa denominação em locais carentes de estruturas básicas, em locais avessos à assistência pública, nas periferias, entre indivíduos de menor poder econômico; o Parque das Águas parece ser mais um exemplo claro dessa tendência.

3.3 A CARACTERIZAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”

Para a elaboração desse subitem foram consideradas as entrevistas com os jovens e com a líder da igreja, bem como as percepções pessoais durante o campo. Para as entrevistas foram feitas três visitas ao local. A primeira ocorreu no dia 15 de março de 2017, às 14:00 horas e teve como finalidade entrevistar a liderança da igreja. Tal ação e teor dos questionamentos se direcionaram em compreender a estrutura organizacional da igreja, bem como as suas práticas de um modo geral e, em especial, a participação dos jovens no local. A igreja tem como líderes o Pastor Robson e sua esposa, a Missionária e Pastora Elizângela. Por motivos de compromissos de trabalho do Pastor Robson e preferência dos líderes, a entrevista foi realizada com a Missionária que, inclusive, acompanhou as demais entrevistas com os jovens e visitas ao local.

Em termos físicos, a igreja funciona no espaço de 33 metros quadrados, antes reservado à residência dos líderes e que, após modificações, o espaço deu lugar às atividades específicas da igreja. Observou-se que o telhado da antiga casa foi removido e construída uma cobertura com telhas galvanizadas. Algumas paredes que antes faziam as divisões dos cômodos da residência foram removidas, cedendo lugar a um pequeno salão, uma vez que a estrutura interna do local não é dotada de um largo espaço. No salão constam cadeiras de plástico e uma mesa localizada na parte central, onde são realizadas as pregações. Ao lado esquerdo da mesa os instrumentos musicais utilizados nos louvores e ao lado direito o pedestal com o microfone. A figura a seguir apresenta a parte interna do salão da igreja²⁴.

²⁴ Não foi possível fotografar o espaço vazio, uma vez que em todas as visitas os jovens se encontravam presentes no local.

Figura 7 - Igreja – Parte interna do salão



Fonte: Arquivo da pesquisa(2017).

A estrutura do banheiro foi mantida e instalado um pequeno cômodo separado por divisórias para armazenar materiais de limpeza e demais itens. O único banheiro é utilizado por todos os membros.

As portas do local e faixada apresentam a mesma tipologia de uma porta de garagem, porém uma placa instalada no canto esquerdo do portão indica a presença da igreja no local. Notou-se também a existência de alarmes de segurança no interior do espaço, como apresentado pela figura 8.

Figura 8 – Faixada da Igreja “Jesus Cristo a Única Esperança” no Parque das Águas



Fonte:Arquivo da pesquisa (2017).

Sua localização situa-se na rua Maria das Graças Bortoni, antiga rua N, na casa que antes residia a família do pastor (Figura 6). De acordo com a Missionária, durante 4 anos a residência da família dividia espaço com a igreja. No entanto, segundo ela, a situação se tornou insustentável, pois sempre que planejava atividades em família eram interrompidos por algum membro. Quando perguntada sobre a história da igreja e como ela se instalou no bairro, responde Elizângela:

Bom, a Igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”, aqui é só um ponto de trabalho né?! A sede da nossa igreja é no bairro Encosta do Sol. Eu e meu esposo éramos membros de lá. Quando ganhamos a casa e viemos pra cá, aí pra gente não sair da igreja, o nosso pastor teve a ideia de fazer a igreja aqui. E aí nós autorizamos ele a usar o nosso lote pra poder fazer a igreja [sic] (Entrevista de campo, 2017).

E reitera sobre a instalação da igreja no residencial,

Desde que eu mudei pra cá, na primeira semana eu comecei a fazer culto em minha casa. Essa aqui foi a primeira igreja do Parque das Águas. A primeira assim, que abriu as portas e colocou uma placa ali, foi essa daqui. Depois começou a surgir outras igrejas né?! [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Sobre a sua sede e seus preceitos, a líder afirma que a igreja se caracteriza por ser mais aberta a práticas que outras pentecostais não permitem. Diz a entrevistada:

É uma igreja vivada²⁵, pentecostal. É uma igreja digamos assim, mais animada. Porque o pentecostal, assim, muitos criticam né, o pentecostal. Muitos falam de nós como o povo da bagunça, muito barulho. Mas não, aqui nós gostamos de louvores mais vivados, porque anima mais a igreja. Acreditamos nos dons do Espírito Santo. A nossa igreja ela é assim, bem organizada, só que não é uma igreja muito tradicional, sem muitos paradigmas né?! Exemplo: tem igrejas que não pode bater palma, não pode dançar, não pode pular [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A líder informou que o número de integrantes atualmente chega a 70, mas que há a possibilidade e intenção que esse número seja aumentado à medida que os líderes forem trabalhando na busca por novos “irmãos”, como são chamados entre si os membros. Ela informou ainda um total de 30 jovens. Quando questionada sobre o porquê do número expressivo de integrantes e jovens em relação às outras unidades evangélicas presentes no local, a missionária afirma:

Acho que é por isso mesmo, as outras igrejas que a gente observa aqui, a gente não vê muita coisa para jovens. Então né?! A gente passa numa igreja tem 2,3 jovens, ou

²⁵ De acordo com a líder, o termo “vivada” se refere ao caráter alegre e animado com que são conduzidos os louvores e os cultos. Os louvores são caracterizados por utilizar uma variedade de instrumentos musicais.

então vai só no culto lá e vai embora pra casa, então fica aquela coisa né, vira uma rotina. Então tem que ter alguma coisa pra poder distrair eles né?! Então eu acho que eles vêm, visitam, observam a mocidade. Os jovem aqui são muito atenciosos, comunicativos, então isso chama. Então eu acho que é isso que atrai mais para a nossa igreja, não que ela seja melhor do que as outras né, mas a gente tenta trabalhar pra poder atrair mais a mocidade e os adolescentes. Hoje em dia tem vindo um casal de outro bairro também, do Vila Ideal. Missionária Bia e MC Morial, ele canta uns *Raps* evangélicos pra animar os meninos aqui [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Quando perguntado à líder o que ela entende por ser jovem e o que seriam essas atividades para jovens oferecidas pela igreja, ela explica: “na igreja nós fazemos a separação seguinte: adolescente de 12 a 16 anos. De 16 para cima, até uns 25, jovens [sic]” (Entrevista de campo, 2017). Percebe-se que Elizangela faz a distinção entre jovens e adolescentes e utiliza o critério etário para tanto. Ela ainda completa ao afirmar que considera como jovens - e que, portanto, podem participar no Tardel e nas atividades para jovens -, a idade compreendida entre os 12 e 25 anos. A missionária justifica esse recorte etário explicando que, conforme seu entendimento, seria por volta dos 12/13 anos que o jovem começaria a “se perder”. Elizângela define “se perder” como sendo o uso de drogas, bebidas, iniciação na vida sexual, entre outras. Para a líder não há uma idade limite que definisse o final desse recorte etário. No entanto, pondera que a participação nas atividades destinadas aos jovens não costuma passar dos 25 anos²⁶. No tocante ao local de moradia dos membros da igreja, com exceção dos dois citados anteriormente, apenas mais um é oriundo do bairro Carlos Chagas, sendo os demais residentes no próprio Parque das Águas.

Quando questionada se há alguma restrição para participação na igreja e quais atividades são oferecidas dentro do seu espaço, ela responde:

A pessoa chega, a única coisa que a gente pede, perguntamos qual igreja eles frequentavam, eles passam por um período de observação de 60 dias, mas qualquer pessoa que começa a frequentar a igreja a gente observa, até pra ver se vai continuar. Aí sim, começa a participar dos trabalhos da igreja, começam a louvar, dançar. [...] Estudo pra fazer parte da igreja não tem, tem estudo pra fazer assim, quando eles vão batizar. Aí é isso, a questão de ser da igreja, entra quem quer e só passa por essa observação mesmo [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A fala da líder indica a não existência de restrição para participação como membro da igreja. Contudo, pelas entrevistas e na vivência do campo notou-se que algumas práticas não são bem quistas, pois atentariam contra a conduta religiosa. Essa não restrição para a

²⁶A Organização das Nações Unidas (ONU) indica as idades de 15 a 24 anos como um conceito médio de juventude. Entretanto, ao ser questionada sobre quem são considerados jovens para atuarem nas atividades desenvolvidas para esse segmento na igreja (critério escolhido para classificar os jovens pesquisados nesse trabalho), a líder estende a faixa de idade: de 13 aos 25.

participação na igreja se apresenta como um elemento que promove a atração desses jovens, uma vez que podem, ao serem convidados ou manifestarem interesse em participar das atividades desenvolvidas na igreja, experimentar, sem a necessidade de qualquer mudança para a inserção nesse universo. Inclusive, três dos jovens que atualmente participam das atividades, segundo a líder, ainda não são assíduos, pois estão se adaptando.

Em termos de atividades, a igreja oferece: i) Escola Dominical (ensino da palavra para crianças), realizado aos domingos; ii) Tardel (encontro de jovens), realizado aos sábados; iii) ensaios semanais de coreografia e músicas; iv) cultos; v) retiros (mais esporádicos); vi) ida semanal ao Monte (oração no morro do bairro); entre outros trabalhos solicitados pelos membros considerados de necessidade. Nesse último quesito fica claro a igreja como uma instituição investida nas questões que tocam a vida pessoal dos membros, inclusive estando sempre a par dela. A entrevistada prossegue ressaltando que as atividades para jovens envolvem diversão, encontro e conversas, as quais seriam essenciais para a permanência do jovem na igreja.

Questionou-se ainda qual seria a importância das atividades direcionadas à juventude. Para a entrevistada, a juventude seria uma fase da vida que é propícia aos perigos de se perder e, mais uma vez, ressalta a importância da diversão no ambiente religioso. A afirmativa, portanto, denota um entendimento limitado: para a líder, o entendimento da juventude perpassa a perspectiva de que o jovem precisa ser vigiado, controlado, que considera a juventude como uma fase da vida em que o jovem é permeado pelo constante perigo de se perder. Diz a Missionária:

Hoje em dia é muito difícil um jovem querer frequentar a igreja né? É muito difícil um jovem ficar com Jesus Cristo na igreja. Não só jovens mais adultos também. Só que o jovem é um alvo mais fácil pra poder não ficar na igreja, **porque o mundo né, ele tem mais atrações pra jovens, as coisas erradas chamam mais atenção é pra jovens.** Então a gente tenta mostrar pra eles que dentro da igreja eles podem também se divertir sem precisar de droga, sem precisar de bebida, sem precisar de virar a noite numa balada, sem precisar de estar hoje com uma menina, amanhã com outra. **A gente mostra a importância de ter um namoro sério, um noivado, um casamento com uma pessoa só, da importância de dar valor a esses princípios que hoje o mundo não respeita mais.** Então a gente tenta ensinar isso pra eles e essas atividades que eles fazem, é pra mostrar pra eles que igreja não é só bíblia e ficar olhando pra cara de pastor né?! Eles têm que ter responsabilidade sim na igreja. Igual a Olivia vai ao Monte com eles, tem orações com eles aqui na igreja, estudo da palavra, falamos muito acerca de roupas com eles também como se vestir, a decência. E tem esse período também que é o lazer deles, que é uma brincadeira, uma gincana, uma atividade, porque se **eles ficarem só dentro da igreja igual um adulto, igual um idoso eles não vão querer ficar**[sic] (Entrevista de campo, 2017. Grifo do autor).

A citação anterior também deixam evidentes alguns exemplos a respeito das regras de conduta da religião. Desse modo, apesar de em seu relato a líder afirmar que não há restrição que impossibilite qualquer participação na igreja, ela deixa claro que algumas práticas não são aceitas. Dessa maneira, ao afirmar que “a gente mostra a importância de ter um namoro sério, [...], casamento com uma pessoa só” [sic] (Entrevista de campo, 2017), a líder apresenta o que é bem querido dentro da igreja. Entretanto, também explicita essas restrições de uma maneira velada: ao utilizar a palavra importância ela não impõe as restrições através de uma ordem, mas de um aconselhamento, justificado, claro, pela religião.

Percebe-se que há um cuidado em trabalhar tais questões. De acordo com a missionária, a igreja não chega para o jovem estabelecendo proibições, mas mostrando quais são e quais não são os comportamentos esperados e aceitos dentro da congregação, através da igreja, de orientações e da palavra de Deus. Há um cuidado em suprir restrições através de atividades que promovam a descontração desses jovens as demais práticas mal vistas pela igreja, como ao afirmar a valorização do momento de lazer desses jovens que, segundo ela, é essencial a permanência desses meninos e meninas na igreja.

3.3.1 Os jovens agem e falam

As entrevistas com os jovens foram agendadas por intermédio da líder, a Pastora e Missionária Elizangela, como já mencionado. Ela previamente anunciou e pediu durante o culto que os jovens me recebessem para a realização das entrevistas no sábado seguinte antes de iniciarem o encontro de jovens - Tardel. Inicialmente foi necessário explicar, a cada entrevistado, o motivo da pesquisa, uma vez que os jovens foram chegando aos poucos no local.

No primeiro dia de campo, a visita à igreja foi agendada para às 15:30, pois às 16:00 os jovens começam a chegar para as atividades do Tardel. Como a missionária já havia avisado sobre a minha ida, a chegada foi antecipada e as entrevistas foram realizadas à medida que chegavam no local. Porém, não houve tempo hábil para que fossem realizadas todas neste dia, totalizando apenas cinco.

A medida que se aproximou o horário de início das atividades do Tardel, os jovens se recusaram a continuar. Percebi que o encontro é de extremo significado para eles, pois é neste momento que se encontram, interagem, paqueram. O Tardel é um momento de descontração no sábado desses jovens. Neste evento são desenvolvidas atividades que envolvem dança, brincadeiras, gincanas, canções, courinho de fogo etc. No entanto, é importante ressaltar que

todas as atividades têm seu foco voltado para Deus, seja nas letras das músicas cantadas, gincanas envolvendo a procura de passagens bíblicas, entre outras.

Dada a impossibilidade de realização de todas as entrevistas, foi definido um novo dia para o término. Sendo assim, em 25 de março de 2017, o meu encontro com os jovens foi marcado para às 13:30. Nem todos chegaram na hora exata, então novamente expliquei um a um o teor da pesquisa. A medida que os jovens adentravam igreja eram convidadas a realizar a entrevista, enquanto os demais observavam ou permaneciam nas conversas. Neste dia foi possível a realização de 18 entrevistas.

Novamente, a chegada da líder do grupo de jovens os deixou ansiosos para iniciarem as atividades. No total são 30 jovens frequentes na igreja, porém, de acordo com a missionária, três ainda não assíduos, os quais passavam por um processo de transição entre as coisas do mundo e Deus, não sendo possível encontrá-los. Dessa maneira, apesar de a igreja contar com 30 membros no grupo de jovens, foram entrevistados 23 no total. Não foi possível entrevistar os restantes devido à falta de tempo antes das atividades do encontro e a não disponibilidade dos próprios jovens e da líder em marcar um novo dia para terminar as entrevistas.

Além disso, percebi que o pedido de antecipação da chegada dos jovens causava certo dissabor. No segundo dia, optei por permanecer na igreja, assistir as atividades e encerrar ali as entrevistas.

Durante a minha presença no local após as entrevistas teria ocorrido, segundo eles, algo incomum. A líder esqueceu o roteiro das atividades destinadas ao Tardel e resolveu fazer um culto de jovens. Tal fato foi encarado por todos como um propósito de Deus para mim, que estava ali e precisava ouvir a palavra e participar do louvor ao Senhor.

Percebi que não houve um planejamento prévio para a realização do culto, que iniciou com louvores que se estenderam por 2 horas. Notei que é dada a oportunidade de todos os jovens tocarem os instrumentos e escolherem o louvor através do canto. O microfone é passado um a um, assim como os instrumentos e todos contribuem. Quando o microfone chega as mãos do jovem, ele inicia a música de sua escolha e o som dos instrumentos o acompanha, cada música é aplaudida com muita euforia. Alguns aproveitam para encenar as coreografias das músicas.

Figura9 - Coreografia apresentada pelas jovens durante o louvor



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017).

Me perguntaram se eu gostaria de cantar uma música e quando respondi que não era “boa nisso”, todos insistiram dizendo que o importante não é cantar bem, mas louvar ao senhor, que ninguém ia rir se eu não cantasse bem. Segundo eles, Deus nos envolve quando o louvamos. Respondi que por eu não ser evangélica, não sabia nenhuma letra, que agradecia o convite mas ficava para uma próxima vez e então prosseguiram.

Essa experiência possibilitou evidenciar como a igreja empodera o jovem ao permitir que ele se integre de forma ativa nas atividades. Uma das jovens também relatou ser essa prática comum nos cultos, que todos podem cantar e louvar. Muitos citaram os courinhos de fogo como o melhor momento do louvor. Os chamados courinhos são, segundo eles, louvores mais “vivados”, animados, que fazem os sapatos terem vontade de rodar e de dançar.

Outra percepção foi o convite da líder a uma jovem para a realização da discussão do versículo da Bíblia, que depois foi complementada pela Missionária. Compreendo mais uma vez o empoderamento do jovem. Como um dos destaques da pregação feita pela Missionária está o constante número de vezes em que foram citadas entidades de religiões Afro. Em todas as falas, as entidades eram caracterizadas como espíritos malignos, que precisam constantemente ser expulsos para que não atrasem suas vidas. Outro fato evidenciado na explanação baseada na leitura do versículo se refere a pouca preparação para o discurso o que nos leva a considerar a não existência de um estudo ou um curso aprofundado sobre a Bíblia pela líder. Ao ser questionada, em conversa, ela afirmou que alguns pastores fazem sim curso de teologia, mas que não é necessário, sendo mais importante o “dom da palavra mesmo” (Entrevista de campo, 2017). Isso posto, podemos inferir a auto interpretação acerca da Bíblia em muitas pentecostais nessa, inclusive.

Foi também notado que o jovem investido na igreja não sofre diretamente qualquer restrição ao uso de roupas, uso de cosméticos ou qualquer outra relacionada à aparência física. No entanto, a conduta é constantemente observada e aconselhada. Não é permitido qualquer tipo de dança que faça apologia ao sexo, bem como a ida a eventos como “pagodes” e “funks”, locais que vendam bebidas alcoólicas ou que vão contra as regras da igreja, assim como não é permitido ouvir determinados estilos musicais, como rock, funk ou pagode, exceto se forem canções em louvor a Deus. É o que se notou nos cultos observados: os louvores cantados pelos jovens durante o culto contavam com ritmos do funk e do rock, no entanto, as letras eram voltadas para a exaltação de Deus.

Também não é visto de bom grado o namoro de jovens da igreja com jovens que não são evangélicos. De acordo com a líder, se um varão ou uma varoa - como são chamados os membros para definir o sexo - começa a namorar alguém que não é da igreja, ele se afasta.

Os jovens apreciam tanto o encontro que se as atividades não forem encerradas pela liderança, permanecem por tempo indeterminado na igreja. Outra atividade também muito comentada pelos jovens foi a ida ao monte. Segundo eles, frequentemente fazem idas noturnas no alto do morro do bairro para orarem. Ainda de acordo com eles, este momento é muito aguardado, pois quando estão lá se sentem mais perto do senhor, além, é claro, de ser um momento de distração.

A maioria dos jovens relata se sentir acolhido na igreja e, inclusive, falam da sua vida pessoal com seus líderes e buscam conselhos. Também é feito pelos jovens o trabalho com células, em que os mesmos visitam as residências para apresentarem a palavra. Este trabalho possibilita conhecer muitos outros moradores e outros jovens que são constantemente convidados a comparecerem à igreja.

Além dessas atividades, a líder também relatou a ida dos jovens em eventos em outros bairros. Assim diz:

Tem o congresso né?! Os congressos né, que sempre estamos junto. Tem o congresso da mocidade, o congresso dos irmãos, de ministérios de louvores, e a gente né, está sempre recebendo convites das outras igrejas, que apoiam festividades, os jovens também vão e a gente está sempre saindo com eles [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A líder e os jovens destacaram a importância desses eventos para se conhecer novos lugares e pessoas. No entanto, esses novos espaços e pessoas são quase que exclusivamente relacionados à religião. Além disso, no que se refere a ida a outros bairros, quando questionamos os jovens, afirmaram serem essas idas muito esporádicas. Já o trabalho com

células, atividade também explicitada pela líder, proporciona um encontro mais intenso com lugares e pessoas não investidas na religião. Como já mencionado, este tipo de trabalho é a mola que impulsiona e alimenta o ciclo do pentecostalismo.

É nítida a intenção de expandir a igreja em número. Tal afirmativa pode também ser notada na seguinte explanação da missionária quando questionada a respeito do assunto:

Então, como eu falei, aqui nós fizemos essa troca da casa. Porque na verdade hoje nós temos 4 igrejas, a sede é no Encosta do sol e tem uma igreja no Ipiranga, uma igreja no Dom Bosco e essa aqui no Parque das Águas. Então a ideia do nosso pastor é de derrubar a casa e construir um salão da igreja, atrair mais pessoas né, mais membros e futuramente formar mais obreiros pra sair né, e levar nossa igreja pra outros bairros também [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Como evidenciado ao longo das discussões, o pentecostalismo, no que se refere às práticas internas, não se apresenta homogêneo. Algumas falas da Missionária, inclusive, demonstraram haver tais diferenças entre as igrejas pentecostais. No entanto, a metodologia de crescimento, tanto em número como geograficamente, é semelhante entre as igrejas pentecostais. Não raro apresenta-se como a religião que mais cresceu nos últimos anos. As particularidades retratadas por meio da entrevista realizada com a líder facilitarão a compreensão acerca do cotidiano e modo de vida adotado pelos jovens frequentadores da igreja, inclusive no que se refere à interpretação e análise das entrevistas que são trabalhadas no capítulo seguinte.

4 DESVENDANDO O PROCESSO DE RE-TERRITORIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES TERRITORIAIS DOS JOVENS EVANGÉLICOS DO RESIDENCIAL PARQUE DAS ÁGUAS

O objetivo central deste capítulo é mostrar como é para o jovem evangélico viver no Parque das Águas, compreendendo como se conforma seu processo de re-territorialização, como suas relações cotidianas e trajetos são mediados pelas práticas e inserção na igreja e tudo o que ela representa. O capítulo inicia traçando um perfil da juventude da pesquisa, buscando também entender, como foi a ida para o residencial. Em seguida volta-se para a questões acerca da territorialidade dos jovens por meio dos seus trajetos pelo e a partir do local de moradia. E finalmente, no último item, o esforço se dá em perceber a representatividade da igreja na vida dos sujeitos jovens e de que maneira eles a concebem como uma instituição que os possibilitou se relacionar melhor com os moradores e o novo bairro.

4.1 A JUVENTUDE EVANGÉLICA DA IGREJA “JESUS CRISTO A ÚNICA ESPERANÇA”

Como já explicitado no primeiro capítulo deste trabalho, as leituras e contribuições sobre a categoria juventude nos permite compreendê-la como múltipla, fabricada pelos grupos sociais e, nesse sentido, corroboram a afirmação de que essa é uma categoria socialmente construída. Ela é antes de tudo,

uma representação forjada tanto pelos grupos sociais quanto pelos próprios jovens e que busca traduzir um conjunto de comportamentos, atitudes, aparências a ela atribuídos. Dessa forma, a categoria juventude distancia-se de uma simples definição etária para se aproximar daquela fundamentada na compreensão de que ela é uma representação simbólica e uma situação vivida em comum pelos indivíduos jovens (CASSAB; MENDES, 2011, p. 153).

Se cada juventude deve ser compreendida a partir de suas experiências sociais, individuais e coletivas, cabe aqui a definição de qual juventude tratamos. Pensar essa juventude no plural bem como defini-la permeia a consciência de que cada uma é atravessada por um agregado de determinações inerentes aos seus cotidianos, o que denota múltiplas experiências.

Assim, para esta pesquisa, adotou-se primeiramente o recorte territorial para a definição desses jovens. São eles: jovens evangélicos residentes no Parque das Águas e frequentadores da igreja evangélica “Jesus Cristo a Única Esperança”. São jovens que passaram pela experiência de se desterritorializarem de seus antigos bairros ao serem contemplados com uma unidade habitacional. Em razão disso, partilham do desafio de reconstruírem suas identidades territoriais e sociais com o novo local de residência. Eles são, além disso, vigorosamente marcados pelos processos de desigualdade social, pela sua condição de pobreza e também pela experiência de fazerem parte de um universo religioso, inseridos em práticas que irão diferenciá-los dos demais jovens residentes em alguns aspectos.

No que se refere à pobreza sabe-se que ela se apresenta como uma questão social e principalmente urbana. Para Lavinias (2002), o urbano se expressa não apenas no fato de a maioria dos pobres viverem hoje nas cidades, “mas porque a reprodução da pobreza é mediada pela reprodução do modo urbano das condições de vida, [...], o que estrutura o conjunto de relações e interações entre a sociedade civil, o Estado e o mercado” (p. 26). Ainda de acordo com a autora, definir a pobreza implica em um intenso debate de difícil determinação.

No entanto, compreende-se a existência de duas interpretações sobre o tema: a primeira sendo aquela que vincula a pobreza às questões de sobrevivência física, denominada pobreza absoluta, e outra que enfatiza um caráter relativo dessa noção, denominada pobreza relativa. O primeiro enfoque permeia a noção de privação de necessidades básicas à sobrevivência, independente do contexto social circundante. De acordo com Lavinias (2002, p. 29), nessa concepção, seria pobre “todo aquele que não se beneficia de um padrão de subsistência mínimo, baseado na ingestão diária de um requerimento calórico dado”. Posteriormente, associada a esta necessidade apresentada no primeiro enfoque, aparecem as questões ligadas ao caráter relativo a respeito do que seriam essas necessidades. Surgem, portanto: o acesso à habitação, saúde, saneamento, acesso ao transporte, serviços culturais, entre outras.

A partir dessas perspectivas, com base em cálculos estatísticos, emerge a delimitação de um valor mínimo de renda necessário ao manutenção dessas necessidades. No entanto, a crítica que se coloca apresenta-se no fato da definição desse valor desconsiderar particularidades inerentes aos múltiplos contextos sociais nos quais se inserem os indivíduos.

Para Santos (1979), não é possível delimitar os pobres a partir de um cálculo estatístico baseado em renda, carga horária de trabalho etc. Para ele, compreender a pobreza implica sobretudo em entendê-la também como uma categoria política e não apenas

econômica. O autor aponta ainda que tal compreensão não deve ser estática e nem aplicada de maneira única por todo um país, região ou tempo, já que a disponibilidade de recursos muda no tempo e no espaço. Dessa maneira, a pobreza pode ser compreendida a partir da apreensão de variados recortes: podemos vê-la como um fenômeno que influi na vida dos sujeitos – nas dimensões objetiva e subjetiva – e que deve ser compreendida, também, em suas dimensões econômica e política.

Portanto, os três recortes que ajudarão a compreender os jovens dessa pesquisa são: território, religião e pobreza. Outros recortes aparecerão ao longo das análises e comporão a delimitação do perfil desses jovens, mas há o entendimento dos citados acima como centrais para a proposta do trabalho.

As entrevistas realizadas com os 23 jovens, permitiu traçar um perfil desses sujeitos. Para esta apresentação constam a primeira parte do roteiro de entrevistas²⁷ e alguns elementos da segunda parte, nomeadas respectivamente “identificação e caracterização e moradia”, das quais destacamos elementos essenciais e aspectos inerentes a vida desses jovens em termos de escolaridade, renda, idade, número de integrantes do grupo familiar, condição da residência, ocupação e sexo.

Da totalidade dos entrevistados, somam-se 12 do sexo masculino e 11 do feminino. Tal equiparação em número não ocorreu de forma providencial, tendo em vista o caráter aleatório²⁸ com que se deram as entrevistas. Conforme definido pela igreja, e aqui já mencionado, são considerados jovens meninos e meninas entre os 13 e 25 anos. No entanto, os mais velhos dos entrevistados possuem idade igual a 19 e o mais jovem com 13, o que denota a pouca participação de jovens com idade superior aos 20 anos nessa igreja.

Outra característica elencada se dirige à relação entre a idade e a escolaridade desses jovens. Do universo, 9 deles se encontram cursando o 7º ano do ensino fundamental, ou seja, 40% do total e todos com idades entre 13 e 17 anos. Dessa maneira, nota-se o desequilíbrio na relação idade-ano escolar entre quase metade dos entrevistados (Tabela 2). Também são observados na mesma situação: jovens com idade igual a 15 anos, cursando o 8º e 9º ano do ensino fundamental, 16 anos no 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, 17 e 18 anos no 1º ano do ensino médio e, finalmente, 19 anos cursando o 3º ano do ensino médio.

²⁷ Ver Apêndice A.

²⁸ Como descrito no capítulo 3, item 3.3.1 as entrevistas foram feitas à medida que os jovens iam adentrando a igreja, não havendo uma seleção prévia de quais jovens seriam entrevistados.

Tabela 2 – Distribuição dos entrevistados conforme escolaridade e idade

ESCOLARIDADE	IDADE (anos)						
	13	14	15	16	17	18	19
7º ano do ensino fundamental	2	1	3	1	2	-	-
8º ano do ensino fundamental	-	-	1	-	-	-	-
9º ano do ensino fundamental	-	*1	1	1	-	-	-
1º ano do ensino médio	-	-	*2	1	1	1	-
2º ano do ensino médio	-	-	-	*1	-	-	-
3º ano do ensino médio	-	-	-	-	*2	*1	1

*Jovens que se encontram regulares na equiparação idade/ano escolar.

Fonte: Arquivo da pesquisa (2017).

Dessa maneira, apenas 7 dos entrevistados se encontram em regularidade no que se refere à relação idade-ano escolar, indicando que 69%, ou 16 deles, não apresentam concordância na relação idade e ano escolar.

Ressaltamos a importância de apontar que todos cursam seus respectivos anos escolares na Escola Estadual Deputado Olavo Costa, situada no bairro Monte Castelo, com exceção de uma jovem que está matriculada na Escola Municipal Amélia Pires, no bairro Esplanada.

Outra questão elencada na entrevista se refere à ocupação desses jovens. Apenas três entrevistados afirmaram estarem exercendo ou já terem exercido alguma atividade remunerada. Um deles, “C²⁹”, afirma: “eu fazia uns biquinhos, só que eu parei porque os caras estavam pagando muita ‘mixaria’. Aí eu falei assim pros caras ‘pra ganhar mixaria eu prefiro ficar só estudando mesmo’” [sic] (Entrevista de campo, 2017). O jovem entrevistado cursa o 7º ano do ensino fundamental e tem 17 anos.

Outro jovem que apresentou condição similar possui 14 anos e cursa também o mesmo ano escolar. Com relação a sua ocupação, ele, “G”, disse: “eu pego uns bicos por aí né?! De vez em quando eu levo uma terra, levo uma brita. De vez em quando eu até compro uma carinha pra casa” (Entrevista de campo, 2017). Finalmente, outro jovem, “M”, de 17 anos diz: “eu trabalhei um ano e quatro meses, era num depósito de coco, aí o meu patrão parou de mexer com coco e agora vai mexer com obra, aí eu parei, tô em casa” (Entrevista de campo, 2017).

Podemos perceber que as atividades descritas pelos jovens apresentam características de ocupações que exigem pouca ou nenhuma qualificação, bem como a baixa remuneração pelo trabalho realizado.

²⁹Por uma questão ética os entrevistados serão identificados somente através da inicial de seus nomes, como já mencionado anteriormente neste texto.

É também relevante destacar a necessidade apresentada por um dos jovens em trabalhar para ajudar financeiramente a família ao destacar que “de vez em quando eu levo até uma carniinha pra casa” [sic]. A fala evidencia a pouca renda familiar do grupo no qual está inserido.

No que se refere ao elemento renda familiar e a necessidade de delinear-lo, a tabela a seguir apresenta o cruzamento das respostas referentes à renda e número de integrantes do grupo familiar de cada entrevistado. Tal cruzamento permite revelar a renda *per capita* familiar desses jovens.

Tabela 3 – Relação de moradores e renda familiar

MORADORES	RENDA FAMILIAR				
	1salário mínimo (R\$937,00)	2 salários mínimos (R\$1.800,00)	3 salários mínimos (R\$3.600,00)	Mais de 3 salários mínimos	Não soube informar
4	1	-	-	-	1
5	6	3	-	-	1
6	4	2	1	-	-
7	1	1	1	-	-
8	-	1	-	-	-

Fonte: Arquivo da pesquisa(2017).

Observa-se que 12 entrevistados declararam renda familiar de 1 salário mínimo, 7 de até 2 salários mínimos, 2 dos jovens declararam de até 3 salários, e por fim, 2 não souberam responder. Quando divididas as rendas pelo número de integrantes do grupo familiar, ou seja, que residem no mesmo domicílio do jovem, observa-se que a maior renda *per capita* não chega a R\$ 500,00 reais mensais e a menor é de R\$133,00, o que denota o nível baixo de renda apresentado por esses jovens.

Finalmente, em referência à condição de moradia, verificou-se que todas as famílias residem em imóvel próprio, exceto uma jovem que declarou residir em imóvel alugado. É importante ressaltar também a realidade de alguns desses jovens, como o fato de não irem residir no Parque das Águas imediatamente após a inauguração do empreendimento, tampouco residirem com a família original (pai ou mãe), expressos no item a seguir.

As informações apresentadas permitem dizer que, mesmo reconhecendo a multiplicidade da juventude, esses jovens partilham algumas realidades e experiências comuns. São jovens que na sua maioria apresentam distorção idade-série, frequentadores de uma mesma escola estadual – localizada na região Norte da cidade de Juiz de Fora–, integrantes de grupos familiares caracterizados por apresentarem um baixo nível de renda. São, portanto, jovens pobres, residentes em um empreendimento de habitação popular

inaugurado há menos de 5 anos, imersos no universo evangélico pentecostal, desafiados a reconstruírem seus laços sócio-territoriais com o novo local de moradia.

4.1.1. A ida para o residencial e o tempo de residência no local

Destacaremos neste item as questões que se referem à origem e os motivos que levaram as famílias desses jovens a irem residir no Parque das Águas. Para tanto, é necessário primeiramente compreender tal ação, pois entende-se que essa envolve questões inerentes à perda dos vínculos territoriais e identitários, conformando-se como um processo inicial de desterritorialização. Não propomos aqui nos embrenhar nos imaginários desses jovens em relação aos seus antigos locais de moradia de maneira específica, mas acreditamos na importância de traçar breve discussão em torno de tal processo, tendo em vista a apreensão do seu atrelamento as formas de sua re-territorialização, sendo esteo principal interesseda pesquisa.

Todavia, e conforme já mencionado, desterritorialização e re-territorialização são processos indissociáveis sendo compreendidos apenas nas suas relações. Para os filósofos Deleuze e Guattari (1997), não existe desterritorialização desconectada de uma consecutiva territorialização. Em suas palavras:

A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual "se" abandona o território. é a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é *negativa*. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, "valer pelo" território perdido, com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 224. Grifo no original).

Para a discussão da desterritorialização no âmbito da ciência geográfica, é válida a apreensão de tal associação dos elementos D-R propostas pelos referidos autores. Haesbaert(2004), inclusive, se apropria de tais ideias e destaca a importância de compreender esses elementos de maneira agregada. Ao criticar o fato de que as produções geográficas se referem à destruição dos territórios a partir do fator desterritorialização, o autor sublinha a necessidade de, anteriormente a qualquer estudo ou afirmação sobre o processo, crivar a concepção de território que se pretende trabalhar. Assim,

temos, então, dependendo da ênfase a um ou outro de seus aspectos, uma desterritorialização baseada na leitura econômica (deslocalização), cartográfica (superção das distâncias), 'técnico-informacional' (desmaterialização das conexões),

políticas (superação das fronteiras políticas), e cultural (desenraizamento simbólico-cultural), na verdade, parece claro, são processos concomitantes: a economia se multifocaliza, tentando superar o entrave distancia, na medida em que se difundem conexões instantâneas que relativizam o controle físico das fronteiras políticas, promovendo, assim, um certo desenraizamento das pessoas em relação aos seus espaços imediatos de vida. Mas o que se vê, na realidade, são relações muito complexas, [...]. A desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica uma re-territorialização em outra (HAESBAERT, 2002, p. 132-133).

Nesse aspecto é possível citar os jovens de nosso estudo, que ao se desterritorializarem dos seus antigos locais de moradia, passam por um processo de re-territorialização ao reconstruírem suas identidades social e territorial com o novo local de residência.

Adentrando os elementos que caracterizam o processo de des-reterritorialização desses jovens, faremos uso dos dados produzidos a partir das colocações feitas pelos jovens durante as entrevistas acerca dos seus locais de origem, tempo de residência no Parque das Águas e os motivos que impulsionaram a ida para o residencial. As questões elencadas permitem compreender primeiramente de onde vieram esses jovens em termos de distância física e tudo o que o bairro representava em suas vidas – em comparação ao novo local de moradia – e, consecutivamente, associar o tempo de residência desses jovens a questões inerentes às suas vidas, dadas as especificidades que envolvem a sua mudança para o local.

Tabela 4 - Locais de origem dos jovens entrevistados

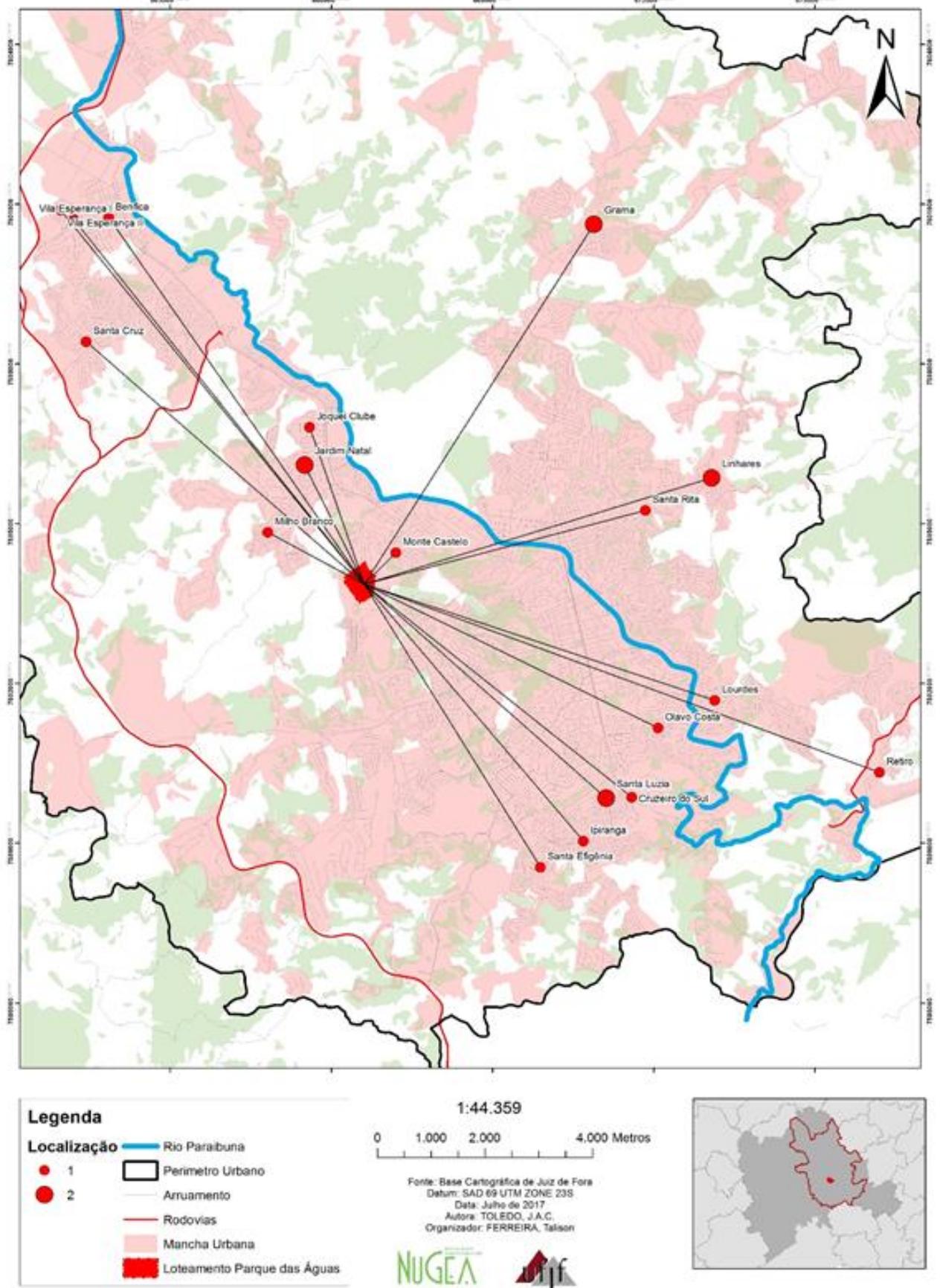
Região Administrativa	Bairros	TOTAL DE JOVENS
NORTE	Benfica	1
	Monte Castelo	1
	Jóquei	1
	Jardim Cachoeira	1
	Jardim Natal	2
	Vila Esperança I	1
	Vila Esperança II	1
	Santa Cruz	1
	Milho Branco	1
LESTE	Linhares	2
	Santa Rita	1
SUL	Cruzeiro do Sul	1
	Ipiranga	1
	Santa Efigênia	1
	Santa Luzia	2
SUDESTE	Lourdes	1
	Retiro	1
	Vila Olavo Costa	1
NORDESTE	Gramma	2

Fonte: Arquivo da pesquisa(2017).

Atenta-se para o significativo número de bairros de origem dos entrevistados. São 19 bairros distribuídos entre as 5 regiões urbanas. O que denota a variedade de realidades vividas no universo da pesquisa.

Nota-se, também, que dos 23 jovens, 10 eram residentes da região Norte da cidade, a mesma na qual se localiza o residencial. No entanto, apesar do Parque das Águas estar situado na mesma região, com exceção dos bairros Monte Castelo e Jardim Cachoeira, os demais não se situam em suas proximidades. Dessa maneira, a ida para o Parque das Águas se apresenta como mais do que uma mudança física de bairro, ela implica na perda de ações cotidianas, experiências, a vida em seus bairros, laços afetivos e sociais. O mapa a seguir, permite uma melhor visualização da descrição acima.

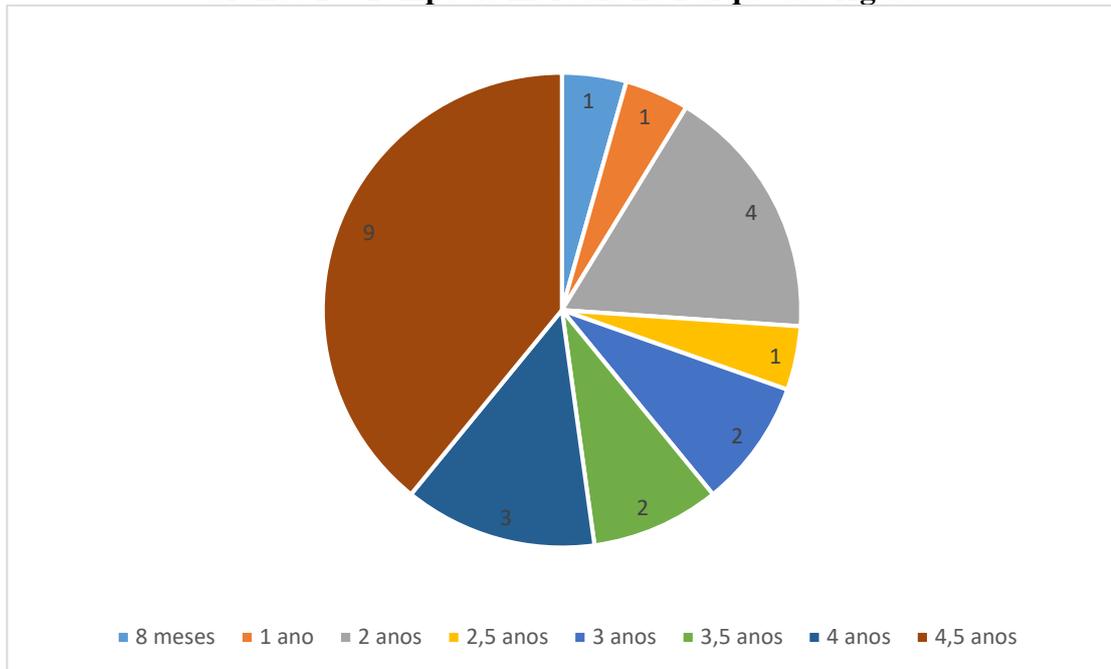
Figura 10 - Locais de origem dos jovens entrevistados



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017).

No que tange ao tempo de residência desses jovens no Parque das Águas, se observou que nem todos os entrevistados foram residir no Parque das Águas no ano ou próximo de sua inauguração. O que pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Tempo de moradia no Parque das Águas



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017).

Um número significativo de jovens declarou residir no Parque das Águas por um tempo entre 4 e 4,5 anos, somando 11 dos entrevistados, seguido de 7 residentes entre 2 e 3 anos e 2 residentes a 1 ano ou menos. Para entender tais diferenças em termos de tempo de residência no local, faremos uso da observação das respostas a respeito da indagação sobre os motivos que levaram esses jovens a se mudarem.

Apesar de a maioria dos entrevistados terem descrito como motivo a aquisição da casa própria, alguns afirmaram situações peculiares. Desse modo, os distintos tempos de mudança para o residencial se explicam pelas diferenciadas formas de aquisição do imóvel e razões para a ida. Assim, algumas palavras evidenciam a descrição:

A: Eu já morei no Santa Cruz, do Santa Cruz pro Vila I, aí do Vila I pra cá. Lá era um cômodo, na verdade dois cômodos com tudo. Aí a minha mãe conheceu meu padrasto, que eu considero como pai. Ele foi ajudando minha mãe, aí nós reformamos a casa. Aí minha mãe ganhou a casa e nós viemos pra cá. A casa ficou lá, minha mãe falou que quando a gente precisar ela está lá. Eu moro desde quando entregou, é por que quando nós ganhou, no mesmo dia nós já veio, trouxe o

pedreiro, morar mesmo só quando já estava com piso, muro, tudo [sic] (Entrevista de campo, 2017).

B: Eu morava no Cruzeiro do Sul, com a minha vó. Aí meu tio veio morar aqui. Minha vó teve uns problemas loucos lá com a justiça, aí meu tio me trouxe pra cá, [...] moro aqui já faz 2 anos. Depois que eu vim eu conheci a igreja e vim pra cá, antes eu não era da igreja [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Eu morava com meus pais, aí minha mãe faleceu e eu vim morar com o meu irmão, 8 meses aqui [sic] (Entrevista de campo, 2017).

E: Eu saí de lá porque a minha casa era em zona de risco e iam demolir ela. Na minha casa tiveram que demolir aí veio todo mundo. [...], 4 anos morando aqui [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As citações permitem elencar quatro diferentes condições, motivos e tempos de mudança para o residencial. Na primeira, a família do jovem já possuía um imóvel e, com o beneficiamento através do programa, decide se mudar; efetuam a mudança logo que são contemplados e, dessa forma, residem a mais tempo no local. O segundo e o terceiro entrevistados mudaram-se para o residencial posteriormente, em função de problemas familiares, e residem com parentes. Por fim, o quarto entrevistado, apesar de se assemelhar no elemento tempo de residência com o primeiro, apresenta motivo completamente diverso, uma vez que sua ida para o local se deu de maneira compulsória em função da condenação de sua antiga residência. Desse modo, a ida para o Parque das Águas envolve peculiaridades inerentes à vida desses jovens, aos seus contextos e históricos familiares, não podendo ser pensada de forma a considerar apenas o fator aquisição da residência própria.

As falas também evidenciam as histórias de vida que determinaram a ida dos jovens para o Parque das Águas que, embora se apresentem diversas, deixam explícitas as marcas da condição de pobreza vivida por eles, um dos elementos definidores da juventude nesta pesquisa.

É notório também que nesse grupo há jovens que passaram pela experiência de desterritorializar-se em outros momentos da vida: essa afirmação fica clara quando o entrevistado, anteriormente citado, diz: “já morei no Santa Cruz, do Santa Cruz pro Vila I, aí do Vila I pra cá” [sic].

Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que a aquisição da casa própria é o elemento de maior incidência acerca das motivações descritas pelos jovens e suas famílias em irem morar no residencial. Assim exemplificadas nas citações que se seguem.

J: Foi assim. A minha mãe ficou sabendo do projeto Minha Casa Minha Vida, aí Deus abençoou que ela ganhou a chave, aí nós estamos morando aqui. Coisa boa. [...] 3 anos [sic] (Entrevista de campo, 2017).

M: A casa é própria, ganhamos no programa. Nós viemos do bairro Santa Cruz. Porque a minha mãe falou assim que ia ter casa aqui, porque a minha mãe falou que lá nós tava pagando aluguel, aí nós veio pra cá porque lá a minha mãe alugou, aí a mulher queria voltar e nos veio pra cá. [...] 4,5 anos [sic] (Entrevista de campo, 2017).

O: A gente não tinha casa própria e aqui é né?! Aí a gente veio. [...] 4 anos [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Não há dúvida de que para a maioria desses jovens e para os demais residentes no Parque das Águas a aquisição da casa própria é o principal motivo que os levaram para o local, se apresentando, inclusive, como uma importante conquista familiar. No entanto, muitos reforçam a ideia de que a casa foi ganhada, como algo dado pelo governo, evidenciando o desconhecimento de que a moradia é um direito fundamental.

Ademais, afora todas as críticas possíveis de serem em traçadas ao PMCMV, pode-se reconhecer a significativa importância que a produção e a aquisição dessas residências opera na vida desses indivíduos, ainda que todo esse processo implique em um conjunto de outras questões e contradições vivenciadas, especialmente a perda dos vínculos sócio-territoriais com seus antigos locais de moradia. Entretanto, implica também em novas experiências, tecidas a partir de seus novos trajetos, no refazer de suas vidas e as novas construções na – e a partir da – nova morada.

4.2 DESVENDANDO TERRITORIALIDADES

Como descrito no item anterior é o jovem o sujeito central de nossa pesquisa. Mas não qualquer jovem: os nossos são aqueles que passaram pela experiência de se mudarem para um vultuoso empreendimento recém-inaugurado e edificado a partir de um programa habitacional, marcados, ainda, pela peculiaridade de fazerem parte de um universo religioso - o pentecostal.

Pensar o sujeito presume reconhecê-lo a partir de suas relações sociais, pensando a sua reprodução baseada em sua inserção nos grupos de contato e histórias de vida. Dessa maneira, as relações estabelecidas por esses sujeitos ocorrerão em conjunto com sua própria constituição, bem como dos espaços nos quais atuam.

Tal simultaneidade envolve, portanto, ações inerentes a sua construção enquanto sujeitos, tecidas nas relações que estabelecem nos mais variados espaços dando sentido as suas vidas.

Para Dayrell (2003, p. 43), “o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, [...] dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações, com os outros, a sua própria história e à sua singularidade”. Portanto, esses sujeitos estão no mundo e possuem suas histórias, desejos que os movem, tecem relações com outros também sujeitos.

É assim que construir uma identidade territorial com e a partir de um determinado espaço pressupõe significá-lo tanto objetiva quanto subjetivamente, o que implica no sentimento de pertencimento que cada grupo constrói com/no espaço no qual está inserido. Para tanto, compreende-se que o sentimento se consuma a partir da apropriação efetiva e simbólica do espaço. Cabe ressaltar que ambas as formas de se apropriar não devem ocorrer de maneira desassociada, visto que a vivência física em determinados espaços, a ação dos indivíduos inseridos nele, movimento que chamamos territorialidade, se processa em uma concomitante apropriação simbólica, negativa ou positiva. Nas palavras de Santos (2007), a territorialidade não se apresenta no simples fato de se viver num determinado local, mas na comunhão que se mantém com ele. Assim, “o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, moramos, mas também um dado simbólico, sem o qual não se pode falar de territorialidade” (SANTOS, 2007, p. 83-84).

De acordo com Haesbaert (2007), a construção do sentimento de pertencimento implicará no reconhecimento desses sujeitos como membros de um grupo comum, de um lugar, de um território.

Dessa maneira partimos do ponto de que os jovens evangélicos residentes no Parque das Águas constroem esse sentimento através de suas ações e relações no/com o local. Porém, essas relações aparecem mediadas por fatores que incluem práticas inerentes a sua inserção no universo evangélico, tanto no que se refere as suas dinâmicas e trajetos, quanto no que diz respeito à construção de uma identidade social a partir da igreja, ao passo que a construção de uma identidade territorial, implica em uma identidade social que a antecede (HAESBAERT, 1999).

Ainda para o autor, todo esse movimento/processo se realiza concomitante a identificações que produzirão comparações e classificações. Relações de poder que resultam na distinção, separação, classificação e exclusão de indivíduos ou grupos daquele território

(HAESBAERT, 2007). Dessa maneira, identificar-se com um território, em contrapartida significa não se identificar com outro.

Assim, o desafio desses jovens implica no processo de significação do seu novo local de moradia. Tal processo se estabelece a partir das relações, mediações no consolidar de um sentimento de pertencimento; práticas responsáveis por promover o uso do território através da configuração das territorialidades.

Esses jovens, portanto, enfrentaram e ainda enfrentam - entendendo este movimento como um processo que se constrói ao longo do tempo - o desafio de se re-territorializarem a partir de uma desterritorialização promovida principalmente pelas ações de um programa de habitação. É importante mais uma vez clarear o fato que envolve o processo desterritorialização/re-territorialização, como complementares, pois,

os elementos principais da territorialização também estão presentes na desterritorialização: há perda, mas há reconstrução da identidade; mudanças nas relações de poder, de vizinhança, de amigos, de novas formas de relações sociais, de elementos culturais, que são reterritorializados [...]. [...] os processos de territorialização, desterritorialização, re-territorialização estão ligados, completam-se (SAQUET, 2007, p. 163).

A desterritorialização é, portanto, um processo que engendra outro, denominado territorialização, marcado por uma gama de acontecimentos e ações, promotoras de elementos que dão sentido ao dia a dia dos sujeitos que partilham de tal acontecimento. Cabe aqui a necessidade de apreender este processo na vida dos jovens dessa pesquisa.

Basearemos nossa análise acerca da construção das identidades territoriais desse grupo com o novo local de moradia a partir de dois eixos centrais, nos quais designamos: as ações e relações tecidas cotidianamente por esses jovens e também a construção de uma identidade social. Para a compreensão dos elementos centrais de nossa análise lançaremos mão de alguns percursos que perpassam compreender como é para esses jovens viver o Parque das Águas.

Para isso, foram lhes direcionados questionamentos que incluem a estrutura e oferta de lazer no local, em especial a igreja, isso em razão desta instituição apresentar-se como um elemento significativo no que toca à oferta de atividades e espaço mediador do encontro desses jovens entre outras questões que aparecerão.

Primeiramente foi-lhes direcionado o questionamento sobre o que acham do residencial nos seguintes quesitos: escola, vizinhança, ruas, praças, lazer, casa, meio ambiente. Para dar seguimento a esse primeiro questionamento perguntamos acerca das suas rotinas no residencial. Acreditamos que ambos os questionamentos permitiram traçar um

entendimento sobre a territorialidade desses jovens. Tendo em vista o fato de que o estar ou não inserido em determinados espaços do local, seja pela sua oferta ou pela opção em fazer ou não parte deles, implicará na construção da territorialidade desses jovens, uma vez que essas territorialidades se constroem a partir dos movimentos cotidianos traçados por esses sujeitos.

Adentrando as discussões acerca da primeira pergunta, a maioria dos entrevistados demonstrou insatisfação quanto aos quesitos vizinhança, praça e lazer. Quanto à vizinhança, foram apresentadas críticas inerentes a própria relação de convivência entre os residentes, como problemas relacionados a fofoca, barulho, depredação de equipamentos, venda de drogas etc. No que toca aos outros dois quesitos, praça e lazer, acreditamos na importância em traçar uma relação entre ambos. Ao mesmo tempo que a maioria dos jovens relata ser a praça um local que poderia ser um ponto central para o lazer e encontro dos jovens no residencial, é descrita como o ponto mais depredado do local, de inviável utilização. As afirmações a seguir permitem tais apreensões.

C: A pracinha ali, geral pegou a pracinha botou no bolso e levou. Cada um pegava um banco, uma cadeira, a pracinha está desbancada, não dá nem pra ir lá não, fora o mato. A pracinha é deitada, você vai fazer o que lá, se você for jogar bola, a bola vai ficar caída lá, cheia de mato. Acho que tem um espaço livre que podia fazer ali uma piscina, um campo de bola, uma pista de skate. Mas não pode ser de graça não. Porque a maioria das pessoas aqui é favelada, já levaram até os bancos da praça, ia levar até a água da piscina. Lazer é só conversar, a igreja também, e a bola. Se não fosse a igreja nós ia tá lá na rua, não fazendo nada na vida. Só isso que tem pra fazer[sic] (Entrevista de campo, 2017).

As afirmações permitem perceber muitos elementos apontados anteriormente, inclusive no que se refere à relação entre os moradores e dos moradores com o ambiente. Como exemplo a indicação da vizinhança como “favelada” no sentido de que participam da depredação de ambientes comuns aos moradores. Quando o jovem afirma que “a pracinha é deitada”, ele se refere ao seu sítio. Ela se situa em um relevo irregular. No mais, destaca o jovem, não teria tido a preocupação quanto aos usos dados pelos moradores na utilização do espaço. Para o jovem, a praça entregue no projeto poderia abrigar uma gama maior de equipamentos, como pista de skate, por exemplo, já que apresenta um espaço físico considerável, o que beneficiaria particularmente os jovens. Mesma opinião é expressa por outros jovens.

P: Não tem nada nas praças, seria importante né?! Pra namorar, fazer um culto, piquenique, praticar esportes, tomar um sorvetinho. Não tem! Não tem nada [sic] (Entrevista de campo, 2017).

E: Aqui não tem praça. Ali era pra ter praça, mas não tem. Destruíram, tá igual floresta, cheio de mato, cheio de lixo, não dá não. Não tem lazer [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Não acho nada atrativo aqui, a praça acabou só tem mato e lixo, as ruas não valem a pena, a escola fica lá no Montes Castelo [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As afirmativas também nos permitem apreender o descaso do poder público com a manutenção dos espaços do local. É visto, portanto, que esses jovens não enxergam o bairro como atrativo ao lazer.

Para Marcelino (2007), lazer e recreação se apresentam como elementos constituidores. Nas palavras do autor, “como lazer compreendemos a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível” (MARCELINO, 2007, p. 4). Esse tempo se refere ao das não obrigações com o tempo das atividades profissionais, escolares, familiares, etc. Assim sendo, a disponibilidade de tempo significa a possibilidade do indivíduo de optar por atividades de sua escolha ou pelo ócio. Entretanto, Marcelino (2007) deixa claro que a sua efetividade se atrela a outros elementos. Dessa maneira, não basta apenas o tempo livre, mas também meios para a efetivação das ações. Nesse ponto, para ele, existem inúmeros fatores inibidores do lazer, como o gênero, a faixa etária, o fator econômico e o espaço.

O autor enfatiza ainda, entre outras questões, que a democratização do lazer implica democratizar o espaço, o que segundo ele é um entrave no urbano, dado o recente aceleração de seu crescimento e imediatismo, culminando em um crescimento desordenado, marcado pela diferenciação, no qual de um lado se tem os polos nobres e de outro os bolsões de pobreza “verdadeiros depósitos de habitações” (MARCELINO, 2007, p. 6). A situação se apresenta ainda mais extrema quando observamos que a maioria dos pobres residem nas periferias das grandes e médias cidades, locais afastados de equipamentos sociais promovedores de ações recreativas específicas. Ao nos remetermos às descrições do residencial Parque das Águas, observamos em suas características um claro exemplo: o local é descrito como pouco atrativo a oferta de lazer e equipamentos destinados a ele.

Assim sendo, a maioria dos jovens descreve a igreja como o principal local de busca pelo lazer no Parque das Águas: quase que o total dos entrevistados relatou ser a ida à igreja a principal atividade dedicada ao lazer no local. Portanto, acreditamos na significativa relevância desse elemento na constituição do processo de re-territorialização, como forma de pertencimento ao bairro, é principalmente nas ações recreativas que os jovens se encontram, conversam, socializam. Ele é capaz de promover o estabelecimento de laços simbólicos e

materiais com o território, incentivando o encontro, o conhecimento do outro a troca. Aspectos que contribuem para a re-territorialização na medida que também contribui para tornar o desconhecido, conhecido. O distante, próximo.

No que se refere aos quesitos escola, casa e meio ambiente, todos afirmaram gostar dos elementos que os compõem, inclusive alguns destacaram as melhorias implementadas nas residências por meio de reformas. Diz um dos entrevistados: “a gente já mandou ir murando, [...] e cimentou, lá em casa a gente construiu um cômodo com banheiro [...], tipo uma suíte, [...] eu tenho a minha intimidade, [...]. Graças a Deus, a gente tem uma vida melhor” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A escola também se apresenta como um equipamento apreciado pelos jovens. No entanto, é importante ressaltar que a escola a qual se referem e que cursam as suas respectivas séries não se localiza no Parque das Águas, inclusive, esta questão aparece como uma crítica central nas falas dos entrevistados.

C: A escola demorou muito pra ficar pronta e mesmo assim não tem séries direito porque ali é até o sexto ano. Eu acho um absurdo isso. Uma escola grande daquele jeito, as vezes fica até sobrando sala [sic] (Entrevista de campo, 2017).

M: Aqui não tem nada bom não. É tudo pela metade não consideram a gente. A escola demorou 10 anos pra ficar pronta e nem é pra todos [sic] (Entrevista de campo, 2017).

C: A escola aqui vai até o 5º ano, tinha que ser até mais anos. Porque pô, estudar perto de casa, porque eu demoraria 5 minutos pra chegar até ali [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Quando os jovens afirmam a demora da construção da escola, se referem à Escola Jovita Montreuil Brandão, inaugurada em 2014. Como já descrito no capítulo 2 deste trabalho, apesar de ela ter uma estrutura considerável, atende apenas aos anos iniciais do ensino fundamental, obrigando os jovens a se deslocarem para outros bairros para darem continuidade aos estudos.

Por fim, quando questionados quanto ao quesito lazer, a maioria é taxativa ao afirmar que o bairro não oferece opções atrativas neste ponto. Ao serem questionados sobre onde costumam frequentar quando buscam lazer em seu bairro, verificamos que para as meninas os momentos de lazer revezam-se entre conversas com as amigas na rua ou em casa, e as atividades oferecidas pela igreja. Já para os meninos, além dessas ainda afirmaram jogar bola na rua com os amigos da igreja e outros jovens do bairro. Isso indica uma diferença quanto ao gênero, uma vez que os meninos têm como possibilidade mais esta oferta. A ida à escola

também foi citada como um momento de descontração diária desses jovens. É importante ressaltar que para todos os entrevistados a ida à igreja se apresenta como principal atividade.

Posterior a este entendimento acerca da oferta de serviços e opções de diversão a estes jovens no local, o próximo questionamento se apresenta com o intuito de compreender a construção da territorialidade desses jovens. Para tanto, foi perguntado sobre suas rotinas no bairro.

De acordo com as respostas, observamos que sua territorialidade é expressa por elementos parecidos, mas optamos por evidenciá-la a partir de dois grupos, firmados em virtude da similaridade das afirmações apresentadas nas falas. Sendo assim, esses grupos se dividem nos trajetos e práticas tecidos pelos meninos e meninas separadamente, visto que os caminhos descritos por ambos os grupos se diferenciam no aspecto das ofertas de lazer que o bairro dispõe.

Assim, as meninas descrevem suas rotinas de forma que podemos agrupá-las em três momentos, que se resumem no dever com a escola, que também é encarado como uma forma de lazer e encontro com os amigos; no momento do compromisso com os afazeres domésticos, que se apresenta como o tempo que essas jovens chegam da escola e desenvolvem atividades de cuidado com a casa e, finalmente, o momento de lazer e compromisso com a igreja. Neste caso, a referência que se faz a compromissos se apresenta apenas por serem atividades que requerem comprometimento, como os ensaios de coreografia e louvor, mas que são descritos como ações proporcionadoras de descontração, encontro e de sentido as suas vidas ali.

R: Vou pra escola de manhã, chego, arrumo a casa, dou uma descansada e vou pra igreja. Sempre tem coisa aqui pra gente fazer. Tem ensaio, as meninas, é isso [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Levanto cedo, vou pra escola, porque eu estudo de manhã. Aí eu volto, arrumo a casa, [...] de tarde tem TSD, que é o tempo sozinho com Deus, aí depois vou pra igreja. Sempre tem alguma coisa na igreja, ensaio da coreografia ou culto. E assim vai. A maioria das coisas que eu faço são na igreja [sic] (Entrevista de campo, 2017).

S: De manhã eu vou pra escola, aí chego arrumo casa. De tarde eu fico em casa mesmo. Quando tem ensaio de coreografia eu venho. Aí de noite eu venho pra igreja. Aí vou pra casa. É quando eu não estou na igreja eu vou na casa das minhas colegas [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As falas explicitadas acima se repetem ao longo das entrevistas. No entanto, é importante ressaltar uma peculiaridade, nos referimos a explanação de uma das jovens de 16

anos que, por partilhar da responsabilidade de ser mãe, além dos afazeres de casa acumula a responsabilidade com a educação da filha de dois anos que reside com ela.

Quanto aos jovens meninos, podemos descrever suas territorialidades baseadas na ida para a escola, pela manhã, o ócio pós almoço, que muitas vezes também é dedicado ao tempo para igreja, pois como descrito, costumam fazer o Tempo Sozinho com Deus (TSD), ou a leitura da Bíblia, as partidas de futebol desenvolvidas na rua e a ida à igreja. Verifica-se que para os meninos, o jogo de bola apresenta-se como um momento de descontração a mais em suas rotinas. Foi questionado sobre a ida a outros bairros para eventos desenvolvidos pela igreja, no entanto, a maioria afirmou que apesar de existirem, essas idas são muito esporádicas.

Ademais, o que se nota é uma rotina que se limita a ida à escola, à rua, à casa e à igreja, o que denota o fato de seus hábitos perpassarem o local de residência e o bairro do entorno que sedia a escola. Portanto, é essa rotina – e em especial a ida à igreja e as práticas tecidas com os outros jovens membros dela – elemento no processo de territorialização e a consequente construção de uma identidade territorial com o residencial. A igreja e as práticas firmadas a partir dela dão significado a vida desses jovens, especialmente por estarem num local carente de estrutura e espaços públicos. A igreja aparece como uma instituição que promove encontro, reconhecimento, aconchego, lazer e amizades. O item a seguir cuidará de apresentar elementos centrais ao entendimento acerca do papel e atuação da igreja na vida desses jovens.

4.3 A IGREJA FAZ A DIFERENÇA

Na busca por compreender o papel dessas igrejas na vida dos jovens evangélicos do Parque das Águas e, especialmente, com relação à construção de um sentimento de pertencimento com o seu novo local de moradia, questionamos primeiramente sobre o porquê da escolha pela igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”.

As respostas nos permitem perceber que a instituição religiosa se apresenta não apenas como um espaço propício à manifestação da fé, mas na oferta de atividades que intentam ocupar o jovem.

C: É assim, se eu não vou na igreja, eu fico na rua e na minha rua eu desço ali e já tem uma boca ali de droga, e se eu ficar ali na rua, eu vou fazer o que, vai dar errado isso daí. Aí eu falei, eu vou pra igreja. A minha mãe não gosta que eu fico na rua, aí só de eu ir a minha mãe já fica bolada comigo. Aí eu falo 'eu vou pra igreja'. Na

igreja também é bom que nós conversa, que eu crio que Deus existe e ele é o todo poderoso [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A: No outro bairro eu não ia na igreja, eu era do mundo aí. Ficava em casa não tinha nada pra fazer, fazendo coisas que não devia. Aí agora é bem melhor. Já tem quase um ano que eu estou aqui. Eu frequento a igreja com a minha irmã e meu irmão e minhas colegas. Minha irmã que me trouxe [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Ser da igreja, portanto, quer dizer não ser do mundo ou fazer parte de um universo que, como destaca um dos jovens, é o “das coisas que não devia”. Logo, os jovens se estabelecem enquanto um grupo a partir de sua inserção na igreja que, por sua vez, se apresenta também como um espaço que disputa atenção com outros espaços ou grupos. A igreja aparece como elemento de lazer e de ocupação, um lugar que evita estar fora da rua. A exemplo, retornaremos à fala do entrevistado “C”, ao afirmar que “se não fosse a igreja nós ia tá lá na rua, não fazendo nada da vida” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A igreja é, dessa maneira, mais que uma instituição religiosa, ela se destaca como um local que promove a socialização. É a partir dela que os jovens da pesquisa se reconhecem enquanto um grupo, que dão sentido aos seus dias sem muita atratividade em termos de oferta de diversão. Entretanto, ela também aparece como um local que promove o escape, a fuga de elementos inerentes ao cotidiano desses jovens, descrito por eles como “o mundo das drogas”, ou as “coisas que não devia” [sic], promovendo também a integração do grupo familiar, ao passo que muitos vão para igreja a partir do convite de um membro familiar ou levam um membro a partir de seu convite. E assim complementamos com as colocações a seguir.

F: Porque eu me sinto bem aqui, gosto daqui, agora a igreja é muito boa. Sabe, eu acho muito bom, porque através da gente vindo, a minha mãe vem. A minha mãe não é crente, de vir todo dia, mas a minha mãe vem, tipo assim, de vez em quando. Ela traz o dízimo dela, sabe, mas ela não é de vir muito não, sabe, mas através da gente vindo ela vem, e eu gosto de conversar com os jovens, eles falam coisas de Deus, mas também é muita diversão, a gente descontrair também, eu gosto muito [sic] (Entrevista de campo, 2017).

R: Eu já ia em outra no meu antigo bairro. Quando vim pra cá eu fui pra Universal, que fica mais embaixo, aí eu não estava gostando. Fiquei sabendo daqui, vim e estou até hoje, com a graça de Deus [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Eu era de outro ministério, aí inaugurou a igreja aqui, eu vim e continuei. Aí eu vim, eu fui me entrando assim, fui conhecendo mais Deus de verdade. O que Deus podia fazer. Aí depois eu conheci o ministério de coreografia, porque eu sou apaixonada por dança, eu costumo falar ‘pode me tirar de tudo, do ministério de louvor, da mocidade, mas não me tira a dança não, pelo amor de Deus’. Então foi o modo assim que eu encontrei na casa de Deus pra me expressar. Então assim, a cada dia mais que eu fui me entregando, eu fui vendo a grandeza de Deus o que ele pode fazer. E foi o que me interessou mais. E é isso [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As atividades ofertadas pela igreja denotam ações capazes de promover encontro, aprendizado, empoderamento, lazer. Inclusive, para muitos, a oferta dessas atividades é a motivação para procurarem o local. É importante salientar que dos 23 jovens entrevistados, 12 não eram evangélicos antes da mudança para o Parque das Águas. Alguns afirmam ainda em suas falas que a procura da igreja se deu muito em função de no bairro não ter “nada pra fazer”, como no fragmento: “eu sempre tive vontade de começar a congregar em uma congregação. Aí eu morando aqui, nada pra fazer, eu fiz uma visita, gostei e estou aqui. Tem uns negócios maneiro aí pra nós” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A separação entre os jovens da igreja e do mundo é outra afirmativa de uso corriqueiro nas falas dos entrevistados que não faziam parte do mundo evangélico anteriormente. “Eu, a primeira vez que eu vim, eu era do mundão mesmo. Aí eu vim a primeira vez e não gostei não. Aí depois eu vim na festa dos jovens porque ia vim o MC Muriel, aí eu gostei e fiquei” [sic] (Entrevista de campo, 2017). A declaração “eu era do mundo”, se apresenta nas falas da maioria dos jovens que não eram evangélicos antes de mudarem para o Parque das Águas. Ser do mundo é não estar inserido no mundo de Deus e praticar os ensinamentos da palavra. É ainda fazer parte de um universo que remete a perigos, tentações, vícios, elementos que são, também, socialmente atribuídos à juventude. É o que também movimenta a preocupação das igrejas em desenvolver atividades destinadas a jovens, com o intuito de livrá-los dos males inerentes ao “mundo” e as tentações da própria idade, como descrito no item 3.3 pela líder da igreja.

Assim, conforme Fernandes (2007), “ser do mundo” é algo que precisa ser reprimido, é o espaço profano, que se opõe ao sagrado³⁰. Algo que, segundo ele, é biblicamente considerado como um espaço de perdição. No entanto, o autor ressalta que não são todos os espaços externos à igreja, mas aqueles que produzem práticas específicas como bares ou qualquer outro que possa se vincular ou trazer sentimentos, que para eles não são de Deus. Esse sentimento de diferenciação entre os jovens de “dentro” e os de “fora/mundo”, que permite aos jovens a construção de uma identidade.

Quando questionados sobre quais atividades os jovens praticam na igreja, apresenta-se a seguinte análise: A Tarde com Deus (Tardel). Trata-se de um encontro realizado todos os sábados, o qual é praticado por todos os jovens, assim como a ida ao culto e ao Monte. Já os ensaios de coreografia e louvor são realizados por todas as jovens do sexo feminino, enquanto

³⁰ Os termos envolvem uma longa discussão e conceituação. Para saber mais ver Eliade (1999) e Rosendahl (1999). Para Fernandes (2007), no entanto, “sagrado e profano são opostos absolutamente diferentes. Dentro da igreja pentecostal, vemos esses conceitos ganharem novos sentidos, sagrado é representado pela ‘igreja’, o profano pelo ‘mundo’” (p. 24).

tocar instrumentos e louvor por todos os jovens meninos. De fato, a música e a dança, estão presentes em praticamente todos os momentos do cotidiano dos jovens ouvidos na igreja. Elas são para eles uma paixão - “eu sou apaixonada por dança” -; uma adoração - “adoro cantar courinho, vou emendando um no outro” [sic] (Entrevistas de campo, 2017).

Para Gomes (2007, s/p), “a música na igreja tem capacidade de agregar, potencializar relações entre os jovens, estreitar laços de amizade, de companheirismo e promover encontros de sentido para a vida”, como para a jovem “D”, ao afirmar “pode me tirar de tudo, do ministério de louvor, da mocidade, mas não me tira a dança não, pelo amor de Deus” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Assim, quando questionados sobre como é ser jovem e frequentador da igreja, a maioria é taxativa ao afirmar o seu contentamento em estar inserido nesse universo, ao passo que segundo eles, na igreja eles não deixam de fazer nada, de se divertir, ajudar outros jovens a sair do “mundo”, conhecer novas pessoas e encontrar Deus. Nesse sentido, podemos entender o motivo de a igreja “Jesus Cristo a Única Esperança” receber um número tão significativo de jovens evangélicos no residencial em relação à gama de outras igrejas inseridas no mesmo espaço, já que essa promove encontro, amizade, influenciando, inclusive, na relação com os jovens que não são da igreja, como descreve a afirmativa a seguir.

I: Tenho muitos amigos da igreja. Tenho amigos de fora, mas quase não encontramos. Só no jogo. Jogamos os da igreja contra os de fora. A gente tem um time da igreja que joga contra os de fora, 7 jogos invictos que nós não perde. Só ganhando. Coisa boa, nos damos bem. Os do mundo não se converteram ainda [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Dando seguimento ao entendimento acerca do papel da igreja na construção de uma identidade territorial desses jovens com o Parque das Águas, foi questionado se frequentar a igreja os ajudou a conhecer mais pessoas e fazer novos amigos e se relacionar com seu local de moradia.

Tal questionamento teve como intuito apreender se estar inserido na igreja possibilitou a esses jovens uma maior espacialidade dentro do próprio bairro e a consequente construção de novas relações. A partir desses questionamentos foi apresentada outra atividade promovida pela igreja e descrita como viabilizadora do encontro com os moradores e outros jovens do local: a evangelização. Ela consiste em uma ação da igreja executada pelos jovens de visitar as residências e convidar outros jovens e moradores do local para irem conhecer a igreja. Nessa ação, os jovens saem por todas as ruas do bairro, estabelecendo relações com os demais jovens e moradores. Segundo eles, nesses momentos se consegue fabricar novas amizades e

convencer outros jovens a irem frequentar a igreja. Inclusive, alguns dos jovens que não eram evangélicos antes de irem residir no Parque das Águas afirmaram terem feito a opção pela igreja a partir dessa ação.

Assim, segue a afirmativa de que “frequentar a igreja me fez ter mais amigos no bairro. Conhecer novas pessoas. Até pela atividade” [sic] (Entrevista de campo, 2017). Outros jovens expõem.

R: Eu não vinha tanto aqui nessa rua. Ficava mais na minha mesmo. Com a igreja eu sempre venho, vou com os meninos evangelizar, é isso [sic](Entrevista de campo, 2017).

D: Porque a gente acaba conhecendo mais pessoas na evangelização. Ou mesmo sair né, todos os dias pra encontrar o pessoal pra ensaiar ou arrumar alguma coisa da igreja [sic](Entrevista de campo, 2017).

A: Agora eu converso com todo mundo. Ninguém me olha torto. Tipo: olha lá o doidão [sic](Entrevista de campo, 2017).

G: Sim, porque a gente estuda evangelizando, porque quando você vai evangelizar você conhece novas pessoas. Aí quando ela te vê novamente ela te cumprimenta. É falar do amor de Deus a gente bate de casa em casa [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As colocações permitem compreender que a igreja, além das características e influências já citadas anteriormente, apresenta-se também como uma instituição que promove uma melhor aceitação pela vizinhança. Estar na igreja é uma imersão que promove uma sensação de responsabilidade, de correto. Dessa maneira o jovem é visto como um indivíduo sério, de Deus, diferente de outros que não são da igreja. A citação a seguir permite compreender melhor a afirmação: “quando a gente não era da igreja e veio morar aqui a gente era igual todo mundo. A gente era qualquer jovem que podia fazer mal, dar tiro. As pessoas vão vendo você na igreja e veem que você é diferente” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Além disso, a igreja se apresenta como um espaço responsável por promover uma identidade social, bem como um lugar socialmente reconhecido pelos demais moradores. É a partir dela que esses jovens se identificam como um grupo, estabelecendo práticas e convívios cotidianamente.

D: Então, eu sou meio assim sabe?! Não é que eu sou rebelde. É tipo assim, se a pessoa não conversar comigo, eu sou muito doida, mas ao mesmo tempo que eu sou muito doida, eu sou muito tímida. Aquela coisa assim, sabe?! Igual aqui na igreja, o povo me conhece como a entrona, porque eu sou muito doida, eu chego assim: ‘aícheguei’. Muito doida! Mas tem uma hora assim. Mas igual na igreja é mais fácil

de enturmar, porque quando a pessoa já tem convivência comigo ela vê que eu não sou aquela pessoa. Porque tem vezes que o povo me vê passando na rua e pensa ela é metida e nem olha na minha cara, e eu tenho aquela coisa assim, se não falar comigo eu também não vou poder falar com você. Então eu sou muito quieta na minha e isso para as pessoas aí de fora, tipo assim, dá aquele ar de pessoa metida, aquela coisa toda. Mas depois que me conhece, que se enturma, vê que eu não sou nada daquilo. Então eu acho que eu me relaciono assim mais com as pessoas dentro da igreja, não que eu não me relacione com as pessoas lá fora. Igual no colégio nem todo mundo é crente, aquela coisa. Mas assim, até as pessoas me conhecerem aí eu acho mais fácil enturmar com as pessoas da igreja [sic](Entrevista de campo, 2017).

P: Sim, por causa que a igreja está aqui no bairro. A gente já se enturmou desde antes da igreja.No início eu falava: ‘mãe vamos embora daqui pelo amor de Deus’.Mas a igreja, assim, igual com esses projetos que a igreja faz, igual o Tardel, incentiva os jovens a ir pra igreja. Porque tem muitos jovens. Pra fazer coisa errada, não custa! Igual semana passada, nós fomos no monte quase a semana inteira, a escola estava de paralisação. Se não fosse isso, a gente ia fazer o que?! Eu estava com cara até de morta, ensaios de coreografia, culto, consagração de manhã, a semana rendeu. Semana passada na sexta feira teve o monte. A gente foi pro culto de noite, aí depois do culto a gente foi pro monte, a gente chega em casa por volta de meia noite, uma hora, uma e meia [sic](Entrevista de campo, 2017).

As colocações permitem compreender a igreja como um espaço que permite que esse jovem estabeleça itinerários dentro do empreendimento, que se relacione com outros residentes através de suas práticas – em especial a “Evangelização” – que improvisem e se encontrem, se divirtam, que construam territorialidades e processem uma re-territorialização em um ambiente construído e atravessados por desafios estrutural e social.

Apesar dela pouco promover a saída desses jovens do residencial, ela é capaz de comprometê-los diariamente com ações que despertam o interesse, a cooperação, o encontro, o sentido de morar num local completamente desconhecido e de criar laços com ele. Em consonância com a afirmação descrita na citação anterior, outro jovem explicita: “a igreja me ajudou a gostar do bairro. Aqui não tem nada, aí quando eu entrei pro ministério tudo melhorou. Antes eu via os meninos jogar bola e eu não podia jogar, aí eu entrei pro ministério, comecei a jogar e enturmar mais [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Ao final das entrevistas, fica claro o papel dessas igrejas na vida e no processo de territorialização desses jovens com o residencial. Questionados sobre como é viver no Parque das Águas, a maioria é taxativa ao se referir à igreja como o principal motivo de gostarem de estar ali.

F: A igreja é o único motivo para eu gostar de morar aqui. Os meus amigos são todos de lá.No início eu não gostava daqui, agora eu não me vejo longe daqui. Já está todo mundo reunido na igreja [sic] (Entrevista de campo, 2017).

P: Agora eu gosto, mas antes não gostava não. Sem a igreja não dá pra gostar, porque aqui não tem nada [sic] (entrevista de campo, 2017).

N: Quando eu vim pra cá, eu não quis estudar na escola. Aí comecei a ir na igreja, conheci amigos que estudavam lá, aí me incentivou a voltar a estudar e ir pra escola aqui perto [sic] (Entrevista de campo, 2017).

O: Me adaptei mais aqui, mais amizades. Mas como eu nasci lá, eu gosto de lá. Mas estou gostando daqui [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A igreja tornou-se essencial em vários aspectos do processo de identificação desses jovens com o local de moradia, sendo encarada como o lugar que promove encontros de descontração e de amizades. As falas descritas permitem compreender que ela, respectivamente, reúne e agrega; que é uma opção em um local que “não tem nada”, incentiva presença na escola.

No entanto, compreende-se que esse processo ainda se encontra em movimento, vem se definindo cotidianamente, não ocorre do dia para a noite, como observado na afirmação: “Coisa boa. Não, foi difícil. Sentava no hidrômetro lá de casa trístico. Lembrando dos amigos do outro bairro. Depois que eu conheci aqui, está melhorando tudo” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

O tempo verbal que o jovem emprega a palavra “melhorando” indica a construção de uma afinidade com o local como um processo que tem se constituído, especialmente após a sua inserção na igreja. Para outros, morar no Parque das Águas – esse processo – se apresenta mais constituído, ainda que carregado de desafios. Finalmente, para ambos a igreja se apresenta como um elemento propulsor de construção de uma afinidade com o local e tudo o que ele representa. Assim, seguem as afirmativas:

G: Eu gosto. No início eu fiquei meio assim, eu gostava muito do Milho Branco, mas aqui é um bairro bom de se morar. Eu estou feliz. Com o tempo eu fui acostumando com aqui, com o ambiente, com os amigos, a igreja me ajudou muito também [sic] (Entrevista de campo, 2017).

H: Agora eu gosto. No início era complicado. Muita morte, briga. Mas depois que eu fui pra igreja melhorou muito pra mim, porque eu não tinha nada pra fazer aqui, aí eu sentia saudades do meu outro bairro [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As afirmativas evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos jovens em se relacionarem com o novo local de residência. Os conflitos e a violência são citados em grande parte das falas direcionadas ao questionamento sobre como é viver no Parque das Águas. Entretanto vemos também a questão da memória que esse jovem tinha com seus antigos locais

de residência e tudo o que deixaram para trás, especialmente os amigos, as relações. E também podemos observar essas relações sendo refeitas, especialmente através da inserção desses sujeitos na igreja, que se apresenta como uma referência para todas as práticas e grande parte dos itinerários desses jovens.

Percebe-se, portanto, que os jovens da pesquisa vêm, aos poucos, construindo novos itinerários, novas relações com/no Parque das Águas. Dessa maneira, o processo de territorialização se consuma ao longo do tempo. Vagarosamente vão deixando para trás as memórias e a afetividade com seus antigos bairros. A ideia não é afirmar que esses sujeitos perdem completamente os seus vínculos e memórias relacionadas aos antigos locais de moradia, mas evidenciar a construção de novos, caracterizando, portanto, uma des-territorialização. Nesse processo, a igreja se mostra como um elemento de significativa representatividade, dada a importância atribuída pelos jovens a esse espaço e tudo o que ele representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida que o Programa Minha Casa Minha Vida, com todas as críticas a ele atribuídas, especialmente no que se refere aos moldes de sua implementação, foi capaz de promover benefícios ímpares na vida dos sujeitos contemplados por suas ações, especialmente a aquisição da casa. Entretanto, sua lógica desafia os residentes a reconstruírem suas vidas a partir de um emaranhado de entraves sociais e estruturais.

Em Juiz de Fora, nos últimos anos, a produção de empreendimentos destinados a essa primeira faixa de renda desenhou um ordenamento territorial que evidencia a territorialização da pobreza na cidade. Esses empreendimentos estão localizados em espaços já saturados e carentes de estrutura e equipamentos urbanos coletivos, que caracterizam o habitar, sendo o Parque das Águas o maior desses (CASSAB; BARBOSA, 2015). Nesse sentido, ao fazermos um exame das características sobre a distribuição da população segundo seus diversos estratos e a repartição dos equipamentos e serviços públicos, podemos “inferir a existência de uma correlação entre a localização das pessoas e o nível social e de renda” (SANTOS, 2007, p. 110), e o PMCMV, para a faixa de renda 1, parece ter seguido à risca essa orientação.

Dessa maneira, além do desafio de reconstruírem relações com o novo local de residência, os sujeitos que passaram pela experiência de se desterritorializarem enfrentaram e ainda enfrentam o desafio de habitar um local carente de estruturas básicas e essenciais à manutenção da vida. Para os jovens, esse desafio ainda é mais intenso em razão de estarem em um momento da vida marcado pelo ingresso mais ativo na vida pública e na construção de relações para além das vivenciadas no âmbito da família.

No entanto, dada a não homogeneidade dos espaços e da juventude³¹, vimos que se o desafio vivenciado pelos jovens evangélicos se assemelha aos problemas vivenciados pelos demais, em contrapartida, partilham um elemento que os auxilia na constituição da reterritorialização: a sua participação nas igrejas.

Sendo assim, ao tratar a construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos residentes do Parque das Águas, a pesquisa intentou compreender de que maneira essas igrejas auxiliam esses jovens nessa construção. A pesquisa nos permitem afirmar que apesar da variedade de igrejas instaladas no local, a “Jesus Cristo a Única Esperança” se destaca em número de jovens frequentadores. Isso ocorre pois esta tem uma franca preocupação em atrair os jovens, promovendo, para isso, uma diversidade de atividades voltadas para jovens.

³¹ Para esta pesquisa, compreende-se a juventude como uma categoria forjada na própria realidade, definida pelos contextos históricos-sociais nos quais os jovens estão inseridos.

No que concerne à estrutura do novo local de residência vimos que os jovens não consideram o bairro atrativo em termos de estrutura física, em especial a oferta de equipamentos de lazer. Relatam um completo descaso com os ínfimos espaços edificados para a promoção de atividades de lazer, como as praças, que se encontram em completo estado de depredação e descaso pelo poder público. Ainda, no tocante à democratização dos espaços destinados ao lazer, para Marcelino (2007),

eles são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida. Mas a ação democratizadora precisa abranger a conservação dos equipamentos já existentes, sua divulgação, 'dessacralização', e incentivo a utilização, através de políticas específicas, e a preservação do patrimônio ambiental urbano (p. 11).

No entanto, não é o que se vê no local, a despeito dos desejos expressos pelos jovens. Ainda de acordo com o autor, em razão dos efeitos nocivos causados pela urbanização crescente e desenfreada das nossas cidades, os espaços públicos vêm sendo cada vez mais suprimidos e o lazer se transformando em mercadoria.

Sobre as rotinas vividas e sua compreensão como um elemento constituidor do processo de re-territorialização, observa-se que a territorialidade dessa juventude, bem como as relações tecidas cotidianamente é permeada principalmente por ações promovidas pela sua inserção na igreja. Não pretendemos afirmar que outras territorialidades não são consideradas, citamos, por exemplo, a ida diária à escola, entretanto é notória a importância da igreja no processo, em razão da ocupação diária dos jovens pelas atividades desenvolvidas a partir desse espaço. É importante também evidenciar a relevância dessa igreja e a disponibilidade de ações promotoras de descontração em um local carente de equipamentos de lazer. Não estamos afirmando, no entanto, que é por não haver tal oferta que os jovens vão para a igreja, mas muitos sublinham a importância das atividades desenvolvidas como forma de ocupar o tempo livre das obrigações escolares, domésticas, etc.

As análises também deixam clara a relevância da igreja na construção de relações sociais dentro e fora dessa. Os relatos evidenciam que ela promove a aglutinação do grupo e também o desenvolvimento de relações com os demais jovens do bairro. Entretanto, nota-se uma evidente separação entre ambos, à medida que se classifica esses jovens entre os de dentro e os do "mundo", o que denota a evidência da construção de uma identidade social. A partir do entendimento de que identificar é diferenciar, consonante com Cassab (2009), compreende-se que

na diferença não cabe a hierarquização, uma vez que ela deve ser compreendida no sentido da alteridade, o que, por sua vez, apenas ocorre quando há interações, trocas, contatos entre grupos diferentes. O que significa afirmar que a diferença se realiza quando confrontada com outra identidade, portanto, na troca e no contato. Existir socialmente é ser percebido como diferente e nesse sentido, a diferença pode ser compreendida no terreno do status da cidadania (p.164).

Identidade e diferença são, portanto, relações sociais. Através da diferenciação os sujeitos definem o “outro”, produzem o sentimento de pertença a partir de um parâmetro classificatório, como os da igreja e os do “mundo”.

As apreensões contidas no último item do capítulo 4 demonstram que a igreja faz a diferença para quem é jovem evangélico e morador do Parque das Águas. Ela é mais do que uma instituição religiosa, é um local que promove a sociabilidade, o reconhecimento dos jovens pelos demais moradores, proporcionando, ainda, uma maior espacialidade pelo local e o sentimento de pertencimento desses jovens com o novo local de residência. As discussões também nos permitem inferir que as periferias urbanas, locais onde o poder público – na maioria das vezes – não se apresenta ativo, marcados pela pobreza e seus amos, se configuram como espaços privilegiados para a instalação e a atuação dessas igrejas. Dessa maneira, elas acabam se tornando refúgio diante de todo e qualquer problema inerente à vida de seus. Sendo também opção de lugar para o convívio e busca por apoio espiritual e psicológico.

No tocante ao Parque das Águas, verificou-se o empreendimento deve ser também visto como o lugar do cotidiano, experiências e ações coletivas. Nesse sentido, corroboramos a fala de Ana Fani Carlos (2007) ao, quando afirma que,

para além da percepção, a paisagem revela-nos através de uma imagem aparentemente imóvel, um conjunto cheio de sentido e o ser humano se identifica com os espaços da vida pressentidos através da paisagem. É por isso que para além da fixidez aparente da paisagem há um ritmo que revela um tempo, que por sua vez é uma vida que se descortina ao olhar atento. Ganha cores e matizes de acordo com as necessidades da reprodução da vida humana. As relações com o lugar se determinam no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro e a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da sociedade que lhe dá conteúdo (p. 34).

Assim, sendo espaços de desigualdades, as periferias em geral, e o Parque das Águas em particular, são também lugares de diversidade de acontecimentos, construção de práticas coletivas e relações: produtos das especificidades dos múltiplos sujeitos envolvidos nessa trama. Dessa maneira, no decorrer do tempo, novos laços sociais e territoriais se redesenham, criando novas identidades e pertencimentos que se fazem através do uso do território.

Não sendo homogêneas as juventudes, as instituições e os espaços, em cada empreendimento edificado, esse processo se faz com suas singularidades. No Parque das Águas a igreja é elemento essencial na re-territorialização de parte dos jovens residentes. E o processo de re-territorialização da juventude evangélica tem se definido ao longo do tempo, sendo, portanto, um processo ainda em construção. É o que indica a fala de alguns dos jovens ao afirmarem ainda estarem se acostumando com o local.

A casa e a igreja são, portanto, dois nós a partir dos quais esses jovens vão tecendo novas redes de relações sociais e territoriais. A casa é apresentada como promotora de melhorias nas condições sociais dos jovens e de suas famílias. Ao afirmarem que “a casa aqui é nossa”, eles sinalizam para o fato de que ela proporcionaria maior individualidade, retirando-os de situações de risco e/ou precariedades. O que esses jovens evidenciam é a centralidade dela em suas vidas e, do mesmo modo, afirmando a positividade do ato de se mudarem para o local. Assim, reconhecem a nova casa como melhor, como uma propriedade da família.

Mas se a aquisição da nova casa traz essa potencialidade e centralidade, por outro lado, o deslocar para um lugar novo e desconhecido implica radicais mudanças na vida desses sujeitos. Ao deixarem seus laços territoriais os jovens pesquisados acabam por terem na igreja um porto seguro, um lugar do qual os jovens se encontram, que promove através das atividades destinadas a eles, o estabelecimento de uma rotina, trajetos, reconhecimento. Esses elementos, aliados a outros, inerentes as especificidades vividas por cada um, compõem o processo que remeterá esses jovens a re-territorialização.

Por fim, a pesquisa também indica a necessidade de reformulações da atuação do Estado na aplicação de programas como o MCMV de modo a considerar a vida real e as especificidades dos sujeitos, as demandas tanto dos que habitam esses empreendimentos, quanto dos que habitam o entorno. As ações produzidas pelo Programa envolvem mais do que a simples edificação de moradia, sua concretização influencia diretamente no cotidiano dentro do espaço urbano, e dessa maneira, não deve ter suas ações mediadas tão somente pela atuação vertical do poder público e interesses de empreiteiras privadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ARANTES, P. F.; FIX, M. Como o governo Lula pretende resolver o problema habitação: alguns comentários sobre o pacote habitacional Minha Casa, Minha Vida. **União Nacional por Moradia Popular**, 2009. Disponível em: <http://www.unmp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=297:como-o-governo-lula-pretende-resolver-o-problema-da-habitacao&catid=40:materiais-sobre-politica-de-habitacao&Itemid=68>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Casa Civil, 1988.

BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil. Perfis socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v. X, n. 2, p 228-338, out. 2004.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Cartilha do Minha Casa Minha Vida**. Brasília: CEF, s.d.

CAMURÇA, M. A. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R. **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CARLOS, A. F. A. A. A questão da habitação na metrópole de São Paulo. **Scripta Nova**, Barcelona, vol. VII, n. 146, ano 46, s.p., ago. 2003.

_____. **O espaço urbano novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: RelumeDumará/FAPERJ, 2002.

CARVALHO, J. J. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, M. C. L. (Org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

CASSAB, C. **(Re) construir utopias: jovem, cidade e política**, 2009. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

_____. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Lócus - Revista de História de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v.17,n.2, p.145-159, 2011.

_____; BARBOSA, M. **O Programa Minha Casa Minha Vida na realidade de uma cidade média**: Impactos no ordenamento urbano e na (re)definição das identidades territoriais dos jovens residentes. Relatório apresentado à FAPEMIG, Juiz de Fora, 2015.

_____; MENDES, J. T. N. Jovens e cidade: um estudo comparativo em cidades médias. In: Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, XXVIII, 2011, Recife/PE. **Anais...Recife/PE**: [s.n.], 2011.

CORREA, R. L. Territorialidade e Corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território**: Globalização e Fragmentação. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 251-256.

COSTA, M. R. Os Carecas de Cristo e as tribos Urbanas do Undergroud Evangélico. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (Org.). **Tribos Urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Anablume, 2004.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista de Educação**, Belo Horizonte, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter Pálpelbart e Janice Caiafa. Volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, D. **Desvendando territórios**: juventude evangélica no bairro Jardim das Américas. 2007. 109f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava/PR, 2007.

FERNANDES, S. R. A. Juventudes nas igrejas e fora delas, crenças, percepções da política e (des) vinculações. **Tomo**, São Cristóvão/SE, n. 14, p. 99-126, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/500/416>>. Acesso em: 23 out. 2016.

G1. **Moradores se queixam de estrutura no Parque das Águas em Juiz de Fora**. Dez. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2013/12/moradores-se-queixam-de-estrutura-no-parque-das-aguas-em-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, E. E. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. **Cadernos Ceru**, São Paulo, n. 18, p. 69-89, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11833/13610>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996.

_____. A cultura pública e o espaço desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Religião, Identidade e território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 93-114.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12476/14253>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/viewFile/86/2012v2n3_Gottmann>. Acesso em: 22 set. 2016.

GOULART, D. A. O espaço do jovem em meio ao crescimento evangélico. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, IV, 2008, Salvador/BA. **Anais...** Salvador/BA: UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14576.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>. 12 jul. 2016.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. In: Congresso Brasileiro de Geografia, V, 1994, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR: AGB, 1994. p. 206-214.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-206.

_____. **Des-territorialização e identidade**: a rede ‘gaúcha’ no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

_____. **Territórios alternativos**. Niterói/São Paulo: Eduff/Contexto, 2002.

_____. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A.; SPOSITO, E.; SAQUET, M. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão/PR: UNIOESTE, 2004. p.87-119.

_____. Territórios e multiterritorialidade: um debate. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano IX, n.17, p.19-45, 2007a. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205>>. Acesso em: 28 set. 2016.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007b.

_____. Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C.; UEDA, V. (Orgs.). **A emergência da multiterritorialidade**: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas/Porto Alegre: Editora ULBRA/Editora UFRGS, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª Ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HERVIEU-LÉGER, D. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 31-47, ago./1997.

IBASE/POLIS. **Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Ibase/Polis, 2005. Disponível em: <http://ibase.br/userimages/Relatorio_Final.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&i=P&c=3107>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

_____. **Censo demográfico de 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. p. 238-258. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.

JFCLIPPING. **Prefeitura inaugura creche no Jardim Cachoeira**. Maio 2015. Disponível em: <<https://jfclippingblog.wordpress.com/2015/05/29/prefeitura-prefeitura-inaugura-creche-no-jardim-cachoeira/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **metodologia do trabalho científico**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1992.

LAVINAS, L. Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias práticas. **Revista Econômica**, Niterói, v.4, n. 1, p. 25-59, jun./2002.

MACHADO, A. Territorialidade pentecostal, um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, ano I, vol. 56, n. 1-4, p. 135-164, jan./dez. 1994.

MACHADO, M. S. **Territorialidade pentecostal, um estudo de caso em Niterói**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 36-49, 1997. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6773/4826>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

MARCELLINO, N.C. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. **Animador sociocultural: Revista iberoamericana lazer e sociedade**, Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 1-20, maio/set. 2007.

MARIANO, R. **Pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo:Edições Loyola, 1999.

MARIZ, C. L; JR., P. G. As igrejas pentecostais no censo de 2010. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R.**Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

MASCARÓ, L.; MASCARÓ, J.**Vegetação Urbana**. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2001.

MENDONÇA, J. S. **O gospel é pop: Música e religião na cultura pós-moderna**.2009. 196f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, São Paulo, 2009.

MONTERO, P. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 1999. p. 327-367.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. (Org.).**Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/EditoraFundação Perseu Abramo, 2005.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a Geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 34, p. 135-161, 2012. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2036/2291>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise social**, vol. XXV, n. 105/106, p. 139-165, 1º/2º semestre 1990. Disponível em:

<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Municipal de Habitação**. Juiz de Fora: PJJ, 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, H. M. V; SILVA, J. V. O direito fundamental a moradia como mínimo existencial, e sua efetivação a luz do estatuto da cidade. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v.6, n.12, p. 57-78, jul./dez. 2009.

RATZEL, F. Geografia do homem. In: MORAES, A. C. R. (Org.). **Ratzel**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

ROSENDALH, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999. p. 231-243.

SACK, R. **Human Territoriality: Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, p. 5-20, 1999. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_2_santos.pdf>. Acesso em: 27 maio 2016.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

_____. **O espaço do cidadão**. 7ª Edição. São Paulo: Editora da USP, 2007.

SAQUET, M. A. O diabo na Ex-4a. Colônia. **Revista Perspectiva**, Erechim/RS, ano 17, n. 58, p. 47-62, 1993.

SAQUET, M. A. O diabo na Ex-4a. Colônia: algumas considerações teórico-metodológicas. **Revista Perspectiva**, Erechim/RS, ano 18, n. 62, p. 67-78, 1994.

_____. O tempo, o espaço e o território. In: SOUZA, E.; SOUZA, A.; MAGNONI Jr., L. **Paisagem, território, região: em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000. p.103-114.

_____. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

_____. Proposições para estudos territoriais. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, Ano VIII, n.15, p.71-85,2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/189/181>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

_____. **Abordagens e concepções sobre território**. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Por uma abordagem territorial. In: _____; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009. p. 73-95.

_____. **Abordagens e concepções de território**. 4ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SEPÚLVEDA V., L. Juventud como transición: elementos conceptuales y perspectivas de investigación en el tiempo actual. **Última Década**, Santiago/Chile, v. 21, n. 39, p. 11-39, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v21n39/art02.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

TOURINHO, H. L. Z. O banco Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa Minha Vida: duas políticas habitacionais e uma lógica locacional. **Caderno Metropolitano**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 401-417, nov. 2015.

TURRA NETO, N. Movimento Hip-Hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, n. especial, v. 1, p.1-11, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2013/02/N%C3%A9cio-Turra.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

URBIETA, M. I. L. Nociones de juventud. **Última Década**, Santiago/Chile, v. 11, n. 18, p. 11-19, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v11n18/art02.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

VALHARES, L. P. **Passa-se uma Casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo**. 3ªEdição. São Paulo: Atlas, 2010.

**APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A CARACTERIZAÇÃO E ENTENDIMENTO DA
JUVENTUDE EVANGÉLICA DO PARQUE DAS ÁGUAS**

1. Identificação e caracterização

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Escolaridade:

() Superior Completo () Superior Incompleto () Médio Completo

() Médio incompleto () Fundamental completo () Fundamental incompleto

Exerce alguma atividade remunerada: () Sim () Não

Qual? _____

Você estuda? Caso sim, em qual escola? _____

Renda familiar: () Até 1SM (R\$930) () até R\$1.800 () até R\$2.600

() de R\$2.600 a R\$5.000 () mais de R\$5.000

2. Moradia

Local de moradia (bairro e rua): _____

Tempo de residência no Parque das Águas: _____

Condição: () própria () alugada () outras: _____

Número de moradores: _____

Sua casa fica localizada próxima a igreja que frequenta? _____

Você e sua família residiam em qual bairro antes de virem morar no Parque das Águas?

Todos da sua família vieram? _____

Por quais motivos vieram para o Parque das Águas? _____

3. A vida no Parque das Águas e a sua igreja:

Me fale um pouco sobre a sua rotina no bairro:

O que você acha do seu bairro nos seguintes quesitos:

Escola _____

Vizinhança _____

Ruas _____

Praças _____

Lazer _____

Casa _____

Meio ambiente _____

Onde você costuma frequentar quando procura lazer em seu bairro?

Como costuma ir: Sozinho () Com amigos ()

Você notou desde a sua vinda para o Parque das Águas o incremento no número de igrejas evangélicas no local? Caso sim, o que você acha?

Você é membro da igreja Evangélica de Jesus Cristo a Única Esperança a quanto tempo?

Você costuma frequentar a igreja com: () pais () amigos () vizinhos
() outros familiares () Sozinho () outros

O que te levou a optar por frequentar essa igreja? _____

O que te motivou ir para a igreja? _____

Como é para você fazer parte da sua igreja?

Quais atividades você pratica dentro da igreja? _____

Qual é aquela que você mais se identifica? _____

O que é para você ser jovem frequentador da igreja? _____

Você acha que frequentar a igreja te ajudou a conhecer mais pessoas e fazer novos amigos no bairro? Por que? Como?

Você costuma frequentar outros lugares da cidade através das atividades que realiza na Igreja? Quais? E para quais atividade?

Você possui amigos que não são da igreja no bairro? Caso não, porque? Caso sim o que costumam fazer juntos? _____

Como você acha que a igreja contribuiu para você conhecer e se relacionar com seu local de moradia?

Como é para você residir no Parque das Águas?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O LÍDER DA IGREJA**1. Descrição e caracterização:**

Gostaria que me falasse um pouco sobre a história da igreja Evangélica de Jesus Cristo a Única Esperança de forma geral e aqui no Parque das Águas?

Como surgiu o nome da Igreja?

Qual a linha religiosa?

Qual o número de fiéis que atualmente frequentam a igreja? _____

Por que você acha que os jovens são atraídos para frequentarem a igreja?

Quais jovens costumam frequentar a igreja e são especialmente vindos de que bairros da cidade?

Existe alguma condição para que eles possam frequentar a igreja?

O que a igreja caracteriza como sendo atividades para jovens e quem seriam esses jovens?

Quais as atividades que vocês procuram desenvolver para a juventude e qual a importância dessas atividades para a vida deles?

Porque você acha que a igreja Evangélica “Jesus Cristo a Única Esperança” possui o maior número de jovens frequentes no bairro?

Pessoas de outros bairros costumam vir a igreja Evangélica de Jesus Cristo a Única Esperança aqui no parque das Águas? Caso sim, o que os levam a vir para cá?

Vocês costumam promover eventos em outros bairros? Quais eventos e quais bairros? E como é a participação dos jovens nesses eventos?
